O Testemunho Flaviano em Xeque

Francis Farago

Christian Rodrigo de Oliveira

O Testemunho Flaviano

em Xeque

Copyright

Mês de ????, 2024

Todos os direitos reservados. Proibido a reprodução total da obra. Autorizada a reprodução parcial desde que citada a fonte.

**Título:** O Testemunho Flaviano em Xeque

Autores: Francis Farago e Christian Rodrigo de Oliveira

Capa: Francis Farago

Projeto gráfico: Francis Farago

Diagramação: Ipsis Literis

Revisão: Ipsis Literis

Sumário

[Introdução 5](#_Toc204337068)

[Sobre o Testemunho Flaviano 8](#_Toc204337069)

[O Silêncio sobre o Testemunho Flaviano 17](#_Toc204337070)

[Os problemas do Testemunho Flaviano 35](#_Toc204337071)

[O Julgamento e Crucificação de Jesus desconstrói o Testemunho Flaviano 64](#_Toc204337072)

Prefácio

# Introdução

Eruditos e apologistas cristãos no início do século XVII tentando afirmar a existência de Jesus Cristo, se debruçaram nas obras de Flávio Josefo. Na passagem do Testemunho Flaviano, Josefo afirma que Jesus era um homem sábio e realmente era o Cristo, algo que um judeu ortodoxo nunca escreveria. Até o momento o debate não foi ainda resolvido, pois, das três hipóteses defendidas por vários estudiosos do mundo, uma já foi excluída, a hipótese da passagem ser totalmente verdadeira. A discussão agora se baseia em duas hipóteses: primeira, se o Testemunho seria parcialmente interpolado e a segunda seria totalmente uma interpolação. Pretendemos discutir a historicidade de Jesus Cristo, com foco especial no Testemunho Flaviano com novos argumentos e evidências que sem dúvida colocam a passagem em xeque.

Os argumentos a favor da historicidade de Jesus fora do Novo Testamento se baseiam principalmente em quatro referências, as quais são frequentemente examinadas e reexaminadas na literatura acadêmica internacional como Josefo, Tácito, Suetônio e Plínio, o jovem. Abordaremos nessa obra apenas o Testemunho Flaviano que se encontra em Antiguidades Judaicas livro 18, como também sobre a menção de Tiago, irmão de Jesus (chamado o Cristo), encontrada em Antiguidades Judaicas Livro 20. As duas referências, embora em poucas linhas, são consideradas as evidências mais fortes para corroborar com a existência histórica de Jesus e frequentemente é citada em livros e artigos acadêmicos. Apresentaremos ao leitor alguns argumentos de historiadores tanto a favor com a interpolação parcial, como também sendo totalmente falsificada. Autores da idade moderna como o teólogo alemão Vossius do século XVII e o silêncio de cristãos dos primeiros séculos como Justino Mártir, Tertuliano, Orígenes, João Crisóstomo, Fócio de Constantinopla, e até mesmo o imperador Juliano será discutido contra o Testemunho Flaviano. Apresentaremos argumentos bem sólidos para indicar uma interpolação total e mostrar que nesse caso o total silêncio dos primeiros autores cristãos compromete a passagem.

É fundamental considerar que, por volta dos anos 93–95 EC, quando Josefo concluía sua obra *Antiguidades Judaicas*, o cristianismo já estava razoavelmente difundido, especialmente em Roma, onde os três Evangelhos Sinóticos — Marcos, Mateus e Lucas — provavelmente já circulavam entre comunidades cristãs. Além disso, já se faziam presentes algumas correntes dissidentes ou heréticas do cristianismo primitivo, o que revela um movimento em expansão e diversificação. Nesse contexto, Josefo dispunha de elementos suficientes para elaborar um relato mais consistente tanto sobre a figura de Jesus quanto sobre o desenvolvimento da seita cristã. Vale lembrar que o cristianismo já havia alcançado membros da elite imperial, como Flávia Domitila,[[1]](#footnote-1) tradicionalmente identificada como sobrinha de Tito e reconhecida posteriormente como uma das primeiras santas da Igreja. Sua adesão sugere que o cristianismo não era um fenômeno obscuro ou irrelevante à época de Josefo — o que torna ainda mais questionável o silêncio ou a superficialidade de suas referências a Jesus.

É no mínimo curioso que Flávio Josefo nada diga de forma clara e direta sobre Jesus nos longos volumes de suas obras, exceto por uma curta passagem altamente suspeita, no "*Testimonium Flavianum*", já que os Evangelhos Sinóticos mencionam através das profecias de Jesus sobre a guerra de 70 onde os Flavianos fizeram parte. Nela, lemos que Jesus “era o Cristo” e que apareceu vivo no terceiro dia, exatamente como os profetas predisseram. Mas essa frase, tão extraordinária, segundo os estudiosos, parece deslocada e improvável vinda de um homem que nunca demonstrou ser cristão — pelo contrário, em "Guerras dos Judeus", Josefo identifica Vespasiano como aquele que cumpriu os oráculos messiânicos, e não Jesus. A maioria dos estudiosos, com razão, considera que o trecho sofreu interpolações cristãs ou até foi inserido completamente depois. As frases mais comprometedoras — como “Ele era o Cristo” — geralmente aparecem entre colchetes nas edições críticas, sinalizando suspeita de manipulação.

Flávio Josefo demonstrou um interesse evidente pelas diversas seitas que compunham o judaísmo de seu tempo. Em suas obras, dedicou passagens aos fariseus, saduceus, zelotes, sicários e, sobretudo, aos essênios — grupo ao qual reservou descrições longas e detalhadas, mesmo sendo estes relativamente isolados e pouco envolvidos em conflitos diretos. Josefo procurava explicar as crenças, os costumes e as origens desses grupos com minúcia, revelando seu esforço em compreender e documentar o espectro religioso e político de sua época. Entretanto, ao nos depararmos com o chamado Testemunho Flaviano, que menciona Jesus, causa estranheza o tom breve e superficial da passagem. São apenas dois parágrafos que poderiam ser esperados de um autor pouco interessado ou mal informado — mas não de Josefo. E isso se torna ainda mais problemático quando se considera que, no final do século I, o cristianismo já se destacava como um movimento radicalmente distinto das demais seitas judaicas.

Os cristãos rejeitavam os sacrifícios no Templo, desprezavam a circuncisão, adotavam o domingo em vez do sábado como dia sagrado, e proclamavam que o Messias era o próprio Filho de Deus — não apenas um libertador terreno, mas uma figura divina. Tais ideias colidiam frontalmente com os fundamentos da tradição judaica, e dificilmente passariam despercebidas a um historiador atento como Josefo, sempre interessado em novas correntes e disputas religiosas. Se de fato ele tivesse escrito algo genuíno sobre Jesus, seria razoável esperar uma abordagem mais profunda e contextualizada. Josefo provavelmente teria discutido as tensões entre cristãos e judeus, as rupturas com a Lei mosaica, ou até mesmo as perseguições que os seguidores de Jesus já começavam a enfrentar. Afinal, ele não evitava temas polêmicos — pelo contrário, detalhava com rigor episódios delicados envolvendo líderes, rebeliões e seitas messiânicas.

Mais ainda: por que Josefo, que participou e sobreviveu à guerra judaico-romana, não relaciona Jesus a nenhuma profecia sobre a destruição do Templo ou à queda de Jerusalém, supostamente preditas por ele? Se Jesus de fato antecipou tais eventos — e Josefo, tão sensível a sinais proféticos e presságios (como no caso de Jesus, filho de Ananias, que profetizou a destruição da cidade) —, seria impensável que não explorasse esse episódio com mais profundidade. Especialmente considerando sua lealdade à dinastia Flaviana, Josefo teria todo o interesse em destacar um profeta judeu que teria previsto a vitória romana, como faz com outras figuras convenientes ao regime. A ausência de qualquer menção às profecias de Jesus, tão centrais nos Evangelhos Sinóticos, em autores como Josefo causa estranheza. Se Jesus realmente predisse com precisão a destruição do Templo e os acontecimentos da guerra judaica, por que Josefo, que escreve para legitimar o poder dos Flavianos usando profecias, não o menciona nominalmente? Ele fala de oráculos, sim — mas sempre em termos vagos, sem citar os evangelhos ou um profeta específico. Seria censura, desconhecimento, ou uma escolha deliberada?

Por isso, a concisão do Testemunho Flaviano — mesmo quando expurgado das adições claramente cristãs, como "Ele era o Cristo" — continua sendo motivo de suspeita. O núcleo restante ainda parece artificial, genérico e deslocado dentro do estilo característico de Josefo. É difícil acreditar que ele trataria uma seita tão disruptiva com tamanho descaso. A ausência de uma análise mais robusta sobre o cristianismo nas obras de Josefo aponta para uma conclusão incômoda, porém plausível: o *Testimonium Flavianum* tem todas as características de uma inserção posterior — uma tentativa de legitimar Jesus no relato histórico por meio da pena de um dos mais respeitados cronistas judeus da Antiguidade.

A principal questão é: por que Flávio Josefo diante de tantas evidências sobre Jesus e seus seguidores, se dispôs a escrever mero dois parágrafos, mostrando total falta de interesse em um homem sábio como ele mesmo diz. E que incrivelmente esse homem sábio conseguiu milagrosamente atrair a atenção tanto de gregos e judeus que o seguiram mesmo sendo inimigos mortais de acordo com o próprio Josefo. E o mais importante, um homem que quarenta anos antes da a guerra, profetizou sobre os eventos que os Flavianos participaram? Essa passagem contém muitas pontas soltas e várias contradições que serão apresentadas para mostrar sua completa fraude.

**PARTE 1**

**Jesus em Josefo**

Capítulo 1

# Sobre o Testemunho Flaviano

O *Testimonium Flavianum* (Testemunho Flaviano) é um trecho encontrado nas obras do historiador judeu-romano Flávio Josefo, especificamente em seu livro "Antiguidades Judaicas" de 93 / 95 EC. Este trecho é uma referência a Jesus de Nazaré e sua crucificação por Pôncio Pilatos. No entanto, a autenticidade e a integridade do Testemunho Flaviano têm sido objeto de intensa pesquisa e debate entre estudiosos ao longo dos anos. O Testemunho Flaviano é considerado controverso porque muitos acreditam que Josefo, sendo judeu, não teria escrito algo tão positivo sobre Jesus. A principal controvérsia em torno do Testemunho Flaviano inclui a sugestão de alguns estudiosos de que a autoria do relato sobre Jesus em Flávio Josefo, na verdade, pode ser atribuída ao historiador cristão do século IV, Eusébio de Cesareia. Eusébio é conhecido por sua obra "*História Eclesiástica*", onde ele cita e comenta sobre os escritos de Josefo. A teoria de que Eusébio poderia ter modificado ou adicionado elementos ao TF surgiu devido a algumas inconsistências no tom e conteúdo do texto em relação ao restante das obras de Josefo, que muitas vezes não demonstra simpatia pela figura de Jesus. No entanto, apesar dessa hipótese, as opiniões entre os estudiosos ainda variam, e a questão da autenticidade do Testemunho Flaviano.

Alice Whealey alega que na Antiguidade Tardia, não há indícios de que a autenticidade do *Testimonium Flavianum* tenha sido questionada, e variações como a de Jerônimo indicam a circulação de versões diferentes, não dúvidas sobre sua veracidade. Já na Alta Idade Média, estudiosos judeus passaram a considerá-lo uma falsificação, baseando-se não em análise crítica, mas na crença de que um judeu como Josefo não poderia ter elogiado Jesus — visão que também influenciou adaptações como o *Josippon*. Essas objeções, nos diz Whealey, foram ignoradas pelos estudiosos cristãos da época.[[2]](#footnote-2)

A discussão se intensificou com o tempo, e várias análises linguísticas, históricas e teológicas foram realizadas para determinar a autenticidade do TF e entender se partes dele foram modificadas para se alinhar mais de perto com as crenças cristãs. Uma publicação de 1971 de Shlomo Pines, “*An Arabic Version of the Testimonium Flavianum*”,[[3]](#footnote-3) cita uma versão árabe do Testemunho Flaviano do século X escrita por Agápio. A passagem é controversa pois tenta colocar a figura histórica de Jesus nas obras de Flávio Josefo. As pesquisas sobre sua autenticidade e integridade começaram a ganhar destaque a partir do século XVII. Feldman em *Josephus, the Bible and History*,[[4]](#footnote-4) comenta sobre a publicação de Shlomo Pines,[[5]](#footnote-5) onde cita o texto do TF escrito por Agápio. Nessa versão Agápio omite partes do Testemunho Flaviano, sugerindo uma possível tentativa de cristianização da versão original desfavorável aos cristãos. Ele menciona que os discípulos relataram a ressurreição de Jesus, mas não confirma diretamente, destacando uma possível paráfrase. Além disso, Agápio erroneamente atribui a Herodes a queima das genealogias das tribos, indicando que ele não consultou diretamente Josefo, mas provavelmente baseou-se em Eusébio.[[6]](#footnote-6)

Em seu artigo, Ken Olson argumenta que o *Testemunho Flaviano* tem forte influência do vocabulário e da teologia de Eusébio, sugerindo que o próprio Eusébio pode ter sido seu autor. Ele mostra que a afirmação de que Jesus “*conquistou judeus e gentios*” reflete as ideias de Eusébio, que via a missão de Jesus como universal.[[7]](#footnote-7) Essa leitura faz sentido, pois em nenhuma parte de suas obras Josefo atribui aos messias ou profetas judeus uma missão voltada a todas as nações. Pelo contrário, suas descrições dessas figuras são sempre inseridas no contexto da história e das expectativas do povo judeu, sem qualquer sugestão de um alcance global de sua mensagem.

Alice Whealey afirma que as primeiras dúvidas sobre a autenticidade do *Testimonium Flavianum* por parte de cristãos surgem nos *Annales Ecclesiastici* (1588–1590), onde o Cardeal Baronio o defende sem nomear os críticos.[[8]](#footnote-8) Em 1592, o teólogo luterano Lucas Osiander publica uma obra anti-católica que contesta explicitamente a autenticidade do trecho. Whealey alega que o objetivo de Osiander era mostrar que fontes usadas por católicos, como os *Annales*, eram inautênticas. Para ele, o *Testimonium* era apenas mais um texto espúrio sem valor teológico ou histórico. Esse foi o primeiro questionamento baseado diretamente no conteúdo da passagem. Segundo Whealey, a crítica não veio de judeus, mas de disputas entre seitas cristãs. Isso revela que o debate sobre sua autenticidade começou como uma controvérsia intraeclesiástica.[[9]](#footnote-9)

As versões do Testemunho Flaviano

A versão mais conhecida e completa é a grega, preservada em todos os manuscritos medievais das *Antiguidades*, mas considerada por muitos estudiosos como parcialmente ou totalmente interpolada por escribas cristãos, sobretudo Eusébio de Cesareia, que a cita em sua *História Eclesiástica* (1.11) no século IV. Outra versão importante é a latina, preservada por Jerônimo em *De Viris Illustribus* 13, datada do final do século IV, que apresenta uma formulação mais branda ao afirmar que Jesus “era considerado o Cristo” em vez de “era o Cristo” como aparece nos manuscritos gregos. Há ainda a versão árabe registrada por Agápio de Hierápolis no século X, que suaviza ainda mais o conteúdo cristológico, embora pesquisas recentes, como as de Alice Whealey, demonstrem que Agápio traduzia indiretamente Eusébio a partir de uma crônica siríaca, e não um texto autêntico de Josefo. Essa tradição siríaca é representada pela citação de Miguel, o Sírio, no século XII, cuja fonte remonta a Teófilo de Edessa no século VIII, também derivada da *História Eclesiástica* e não de Josefo diretamente. Portanto, todas as versões conhecidas — grega, latina, árabe e siríaca — têm em comum o fato de estarem ligadas direta ou indiretamente a Eusébio, não havendo até hoje qualquer manuscrito independente de Josefo que ateste o *Testimonium* sem influência cristã, o que levanta sérias dúvidas quanto à autenticidade da passagem.

O problema do Testemunho de Agápio

Josefo, como judeu farisaico que sobreviveu à Guerra Judaica e escreveu sob a proteção romana, jamais afirmaria de forma tão simplista que um homem “sábio” "bom" e “virtuoso” foi entregue pelos líderes judeus a Pilatos para morrer. Isso contradiz frontalmente o funcionamento da máquina repressiva romana: nenhum judeu era executado por ser apenas “sábio” ou “virtuoso” e sim porque estaria criando uma revolução contra Roma. Pilatos era um procurador conhecido por sua brutalidade e só crucificaria alguém considerado uma ameaça à ordem romana — como um rebelde, insurgente ou sedicioso. Um homem sábio e bem-comportado não seria punido com uma das formas mais violentas e públicas de execução imperial. O texto, portanto, projeta sobre Josefo uma imagem do Jesus das narrativas evangélicas, não do contexto histórico.

Agápio escreve:

E da mesma forma, Josefo, o hebreu, diz em seus escritos sobre os judeus: Naqueles dias, havia um homem sábio chamado Jesus. Ele viveu uma vida justa, distinguindo-se por sua cultura, e muitas pessoas, tanto judeus quanto de outras nações, tornaram-se seus discípulos. Pilatos o condenou à crucificação e à morte. Mas aqueles que se tornaram seus discípulos não deixaram de sê-lo, e afirmaram que ele lhes havia aparecido três dias após a crucificação e que estava vivo. Talvez ele fosse o Messias de quem os profetas falam.[[10]](#footnote-10)

Agápio mantém um ponto importante que consta em todas as referências do *Testimonium*. Ele diz: "*E muitas pessoas dentre os judeus e de outras nações tornaram-se seus discípulos*". Históricamente isso é improvável, pois os judeus eram odiados por vários povos, principalmente gregos, sírios e romanos. O trecho mais revelador da interpolação teológica está em: “*seus discípulos não deixaram de sê-lo, e afirmaram que ele lhes havia aparecido três dias após a crucificação e que estava vivo. Talvez ele fosse o Messias de quem os profetas falam*”. Ainda que a frase use a linguagem do "*talvez*", sugerindo uma tentativa de moderação, ela traz consigo uma carga doutrinária inconfundível: a ressurreição e o reconhecimento messiânico — elementos centrais da fé cristã, não de uma análise histórica. Josefo, que não acreditava em Jesus como o Messias e rejeitava a ressurreição, dificilmente endossaria, mesmo de forma indireta, tais afirmações. Assim, a versão de Agápio não representa uma “forma mais genuína” do *Testimonium*, mas sim uma tentativa de suavizar a interpolação cristã com um verniz de imparcialidade.

Alice Whealey argumenta que o *Testimonium Flavianum* foi citado por cronistas cristãos orientais como Malalas, Georgius Monachus, Agápio de Hierápolis, Pseudo-Simão, Cedreno e Miguel, o Sírio, não a partir das Antiguidades Judaicas de Josefo, mas sim da História Eclesiástica de Eusébio. Essas citações eram feitas por hábito, não por valorização teológica do conteúdo.[[11]](#footnote-11) Em contraste, teólogos como Basílio, Cirilo, Ambrósio, Agostinho e Tomás de Aquino ignoraram o *Testimonium*. Segundo Whealey, eles preferiam outras partes das obras de Josefo com maior utilidade exegética ou histórica. O desinteresse geral entre os teólogos indica que o *Testimonium* não era relevante para a cristologia ortodoxa. Para Whealey, apenas Eusébio o valorizava por seu interesse histórico, enfraquecendo o argumento de sua autenticidade original em Josefo.[[12]](#footnote-12)

Carrier afirma que qualquer opinião que use o árabe de Agápio como prova da autenticidade do *Testimonium* está desatualizada e incorreta. Ele reconhece que Whealey refutou a utilidade de Agápio, mas critica sua tentativa de salvar a autenticidade do texto com um argumento fraco: a improbabilidade de duas tradições (a latina de Jerônimo e a siríaca de Miguel) mudarem a mesma frase de forma independente — de "*era o Cristo*" (forma cristã) para "*era considerado o Cristo*" (forma mais neutra). Carrier rebate dizendo que ambas as versões derivam da mesma fonte: Eusébio, e não de manuscritos independentes de Josefo. Portanto, a leitura "mais branda" não prova uma versão original josefina, mas apenas variantes derivadas da obra de Eusébio. Assim, ele conclui que o *Testimonium* é uma falsificação cristã e que as versões alternativas não sustentam sua autenticidade.[[13]](#footnote-13)

A Versão de Agápio não resolve, mas agrava o problema da interpolação total. Uma leitura atenta revela que essa versão, longe de resolver os dilemas históricos, apenas os aprofunda. Agápio relata que “*neste tempo havia um homem sábio chamado Jesus. Sua conduta era boa e ele era conhecido por ser virtuoso*”. A princípio, isso soa como uma descrição neutra, talvez compatível com um historiador judeu como Josefo. No entanto, logo em seguida vem a frase problemática: “*Pilatos o condenou a ser crucificado e a morrer*”. Aqui reside a verdadeira incoerência. Portanto, o problema com todas as versões do *Testimonium Flavianum* não está apenas em declarações teologicamente carregadas, mas na própria estrutura do texto, que pressupõe um Jesus já interpretado à luz da fé cristã — um Jesus das narrativas, não o da história.

O que dizem os estudiosos sobre o assunto

A pesquisa acadêmica sobre o *Testimonium Flavianum* e a controvérsia em torno de sua autenticidade giram, atualmente, em torno de um ponto central: a passagem foi apenas parcialmente interpolada por copistas cristãos ou trata-se de uma inserção totalmente apócrifa? Esse debate continua ativo, com estudiosos divididos entre a hipótese de que Josefo escreveu originalmente um texto neutro sobre Jesus posteriormente modificado, e a possibilidade de que todo o trecho tenha sido criado por autores cristãos com fins apologéticos. Embora poucos defendam sua autenticidade integral, a maioria dos estudiosos busca reconstruir um núcleo josefiano original. Essa investigação é central para entender os primeiros testemunhos não cristãos sobre Jesus.

Alice Whealey afirma que o Testemunho Flaviano foi citado pela primeira vez literalmente por Eusébio no século IV, não com fins antijudaicos, mas para defender o cristianismo contra os pagãos. Eusébio usou o texto para provar que Jesus realizou milagres e tinha poderes especiais, sem comentar sobre os aspectos messiânicos mencionados. Isso questiona a ideia de que o Testemunho foi criado principalmente para apologias contra os judeus.[[14]](#footnote-14) Whealey alega que judeus medievais como Isaac Abravanel e Menassah ben Israel rejeitaram o *Testimonium Flavianum* por ele não constar no Sefer Yosippon, que consideravam obra autêntica de Josefo.[[15]](#footnote-15)

Segundo Whealey, no início da modernidade, essa crítica teve pouco efeito fora do judaísmo. Joseph Scaliger, por exemplo, via o Yosippon como uma reescrita tardia. A primeira rejeição cristã veio com Lucas Osiander, em 1592, baseada em argumentos teológicos. Para ele, se Josefo realmente acreditasse no que escreveu, teria se tornado cristão.[[16]](#footnote-16) O *Testimonium Flavianum* segundo Chrissy Hansen, seria o mais antigo testemunho extrabíblico sobre Jesus e João Batista, caso fosse autêntico. No entanto, estudiosos questionam sua autenticidade por conter expressões cristãs demais. Segundo Hansen, a maioria defende uma versão parcialmente autêntica, removendo ou reinterpretando essas frases.[[17]](#footnote-17)

Interpolação Parcial

John Dominic Crossan argumenta que o *Testimonium Flavianum* é bom demais para ser verdade, parecendo mais confissão cristã do que relato judaico. Por isso, acredita que o texto foi total ou parcialmente interpolado por editores cristãos. A questão gerou vasta bibliografia e debates entre estudiosos.[[18]](#footnote-18) Crossan argumenta que a passagem, embora preservada por cristãos e em versões traduzidas como a árabe de Agápio, não representa o texto original de Josefo sem interferências. Ele considera que até mesmo essa versão, tida por alguns como mais autêntica, possui cristianizações sutis, como o uso de expressões oblíquas ("eles afirmaram", "talvez") que tornam a interpolação mais sofisticada e menos evidente que no texto grego tradicional. Crossan, seguindo autores como Pines, Charlesworth e Meier, conclui que mesmo o texto árabe não pode ser considerado livre de alterações cristãs e que resta apenas o texto grego — cuidadosamente expurgado dos trechos confessionais — como base para avaliar o que Josefo realmente teria escrito.[[19]](#footnote-19)

Craig Evans reconhece que todas as interpretações do "*Testimonium Flavianum*" envolvem especulações e não fornecem uma prova conclusiva. Segundo Craig, a maioria dos estudiosos acredita que Josefo realmente mencionou Jesus, mas não da forma como o texto aparece nos manuscritos gregos atuais — que parecem ter sido alterados.[[20]](#footnote-20) Craig revela que por muito tempo desejou a descoberta de uma versão alternativa do texto que pudesse apoiar academicamente as suposições. Esse desejo se concretizou com a descoberta de uma versão árabe do século X, encontrada na obra de Agápio, que apresenta uma forma diferente (e menos cristianizada) do "*Testimonium*".[[21]](#footnote-21) Evans afirma que, ao comparar a versão árabe com a versão grega do Testemunho de Flávio Josefo sobre Jesus, chama atenção o fato de que as partes mais cristãs estão ausentes na versão árabe. Para ele, isso mostra que Josefo provavelmente escreveu algo sobre Jesus, mas de forma mais neutra e não cristianizada. Segundo Evans, sem as interpolações feitas por cristãos, o texto apresenta Jesus como um homem sábio e realizador de feitos impressionantes, embora também visto como alguém que causava distúrbios. [[22]](#footnote-22)

F. F. Bruce destaca duas referências antigas a Jesus nos manuscritos de *Antiguidades* de Josefo (c. 93 EC). Uma menciona Tiago como “irmão de Jesus, chamado Cristo” e é considerada autêntica. A outra, sobre o próprio Jesus, foi claramente modificada por cristãos e, por isso, não serve como evidência confiável, embora seu contexto — as dificuldades dos judeus sob Tibério — ainda lhe dê algum valor.[[23]](#footnote-23) Voorst explica que, antes da crítica histórica moderna, a maioria considerava o Testemunho Flaviano autêntico, visão ainda presente fora do meio acadêmico. Embora alguns, como Adolf von Harnack, ainda aceitem a passagem, hoje apenas uma pequena minoria de estudiosos a considera genuína em sua maior parte, rejeitando a ideia de interpolação cristã.[[24]](#footnote-24)

Interpolação Total

No século XIX, Emílio Bossi[[25]](#footnote-25) já apresentava a ideia de que Jesus Cristo era um mito, desafiando as bases históricas do cristianismo. Emílio Bossi argumenta em seu livro que o trecho de Flávio Josefo que menciona Jesus é uma interpolação — ou seja, uma adição posterior ao texto original. Ele afirma que uma análise mais cuidadosa mostra que essa passagem está deslocada no contexto, aparecendo "perdida" entre dois relatos sem qualquer ligação com ela: um sobre a punição militar à população de Jerusalém e outro sobre um caso amoroso envolvendo uma dama romana e um cavaleiro que se fez passar pelo deus Anúbis com a ajuda de sacerdotes de Ísis.[[26]](#footnote-26) Bossi argumenta que a passagem é uma inserção forçada e não autêntica, pois interrompe a continuidade lógica da narrativa. Ele observa que os dois eventos narrados por Josefo estão claramente ligados, e o trecho sobre Jesus aparece entre eles sem conexão, rompendo o fluxo natural do texto. Segundo Bossi, isso contradiz o estilo cuidadoso de Josefo, que sempre organiza bem seus relatos. Essa descontinuidade é, para ele, uma evidência de interpolação.[[27]](#footnote-27)

Arthur Drews questionou a relação entre as observações de Josefo sobre a condenação e crucificação de Jesus. Ele indaga por que, se Josefo considerava o destino de Jesus como uma desgraça para seu povo, dedicou apenas algumas sentenças breves e sem vida a esse evento e omitiu qualquer menção aos seguidores de Jesus. As justificativas tradicionais para esse silêncio são consideradas insatisfatórias. Do ponto de vista lógico, não parece haver razão para Josefo incorporar a passagem sobre Jesus "no contexto em que a encontramos".[[28]](#footnote-28) Segundo Drews era evidente que os cristãos posteriores tinham um interesse notável em incluir essa passagem, especialmente neste ponto que aborda os eventos durante o governo de Pilatos e as adversidades enfrentadas pelos judeus. A ausência de qualquer menção a Jesus nessa conexão teria sido motivo de perplexidade e apreensão para os cristãos, considerando a forte associação entre o nome de Jesus e o de Pilatos. Drews alega que no século XVI, Gerardus Vossius possuía um manuscrito do texto de Josefo sem referência a Jesus.[[29]](#footnote-29)

Earl Doherty argumenta que o testemunho de Josefo é desfavorável à existência histórica de Jesus, pois há pouca ou nenhuma menção a ele em registros judaicos ou romanos até o final do primeiro século. Ele destaca que autores como Filon e Justo de Tiberíades (cuja obra se perdeu) não mencionam Jesus. Também observa que escritores romanos como Plínio, o Velho, não registram fenômenos ligados às tradições cristãs. Além disso, figuras como Luciano, Marcial e Juvenal só fazem referência a cristãos muito depois, e filósofos como Epicteto, Sêneca Plutarco e Quintiliano não demonstram conhecimento de um fundador judeu crucificado.[[30]](#footnote-30) Segundo Doherty, a passagem sobre Jesus no capítulo 18 de "Antiguidades dos Judeus" de Josefo é uma inserção cristã posterior. Ela expressa uma visão ingênua e devocional de Jesus, proclamando-o como o Messias.[[31]](#footnote-31)

Ken Olson diz que alguns estudiosos, no passado, achavam que toda a passagem sobre Jesus, escrita por Josefo, era original, mas essa ideia foi deixada de lado. A maioria, hoje, acredita que Josefo escreveu algo sobre Jesus, mas que a passagem foi modificada por cristãos, e poucos acham que Josefo não escreveu nada.[[32]](#footnote-32) Olson escolhe essa última opção: ele acredita que a passagem inteira é falsa e foi criada por Eusébio. Ele reconhece que muitos defendem uma autenticidade parcial, usando quatro argumentos principais, mas ele pretende mostrar que Eusébio tinha motivo, oportunidade e método para inventar todo o texto.[[33]](#footnote-33) Olson argumenta que o *Testimonium Flavianum* não se encaixa no estilo de Josefo, mas é totalmente compatível com a linguagem e as crenças de Eusébio. Segundo ele, expressões como “*fazedor de obras milagrosas*”, “*tribo dos cristãos*” e “*até hoje*” são típicas de Eusébio e ausentes em Josefo, enquanto apenas duas expressões no texto parecem mais josefanas. Ele observa que essas duas expressões não aparecem na primeira citação do *Testimonium* feita por Eusébio, sugerindo que foram adicionadas depois para dar maior verossimilhança. Olson afirma que era comum autores antigos variarem suas citações, e conclui que Eusébio provavelmente escreveu o *Testimonium* e, em uma versão posterior, inseriu termos josefanos para reforçar a aparência de autenticidade.[[34]](#footnote-34)

Segundo Chrissy Hansen, embora a visão dominante atualmente seja a de Meier, que defende uma autenticidade parcial e neutra do Testemunho Flaviano (TF), há um número crescente de estudiosos que consideram o texto uma falsificação total, possivelmente feita por Eusébio. Hansen argumenta que todos os manuscritos gregos do TF derivam de uma única linhagem textual alterada, tornando inútil o consenso manuscritológico como prova de autenticidade. Hansen também contesta a ideia de que Orígenes conhecia o TF e considera fracas as tentativas de identificar testemunhos independentes, como os de Pseudo-Hegésipo e outras fontes secundárias. Conclui, assim, que não há base sólida para reconstruir um núcleo original do TF, favorecendo a hipótese de interpolação total.[[35]](#footnote-35)

Hansen argumenta que, embora alguns estudiosos, como Whealey e Allen, interpretem a declaração de Orígenes sobre Josefo como indicativo de que ele leu um *Testemunium Flavianum* (TF) original que negava o messianismo de Jesus, essa conclusão não é necessária. Orígenes poderia ter feito suas observações baseando-se apenas no texto conhecido sobre João Batista, que não menciona Jesus, ou no conhecimento geral da época sobre a separação entre seguidores de João e cristãos. Além disso, Hansen destaca que Orígenes costuma generalizar sobre a descrença judaica e que suas declarações não constituem prova de que ele conhecia um TF independente antes de Eusébio. Assim, as evidências são insuficientes para afirmar que Orígenes foi uma testemunha independente do TF, apoiando a hipótese de que o texto é uma interpolação cristã posterior.[[36]](#footnote-36)

David Fitzgerald argumenta que o *Testimonium Flavianum* é amplamente reconhecido como uma falsificação cristã posterior. Embora apologistas tentem defender uma versão "original" menos adulterada, Fitzgerald destaca que há fortes indícios de que todo o trecho é uma interpolação. Ele menciona o vocabulário atípico de Josefo e a desconexão com o restante do capítulo. O parágrafo seguinte fala de uma "triste calamidade", que não faz sentido se viesse logo após um elogio a Jesus. Isso indica que o *Testimonium* foi inserido onde originalmente se narrava um massacre cometido por Pilatos.[[37]](#footnote-37) Fitzgerald alega que foi somente no século IV com Eusébio que surgiu pela primeira vez o *Testimonium* de Josefo. Porém, Fitzgerald alega que desde sua época, colegas já o acusavam de distorções, hipocrisia e falta de integridade. Com o avanço da arqueologia e descobertas como a biblioteca de Nag Hammadi, sua credibilidade caiu drasticamente. Fitzgerald afirma que no século XX, ele passou a ser visto como fonte duvidosa. Edward Gibbon o criticou severamente, rejeitando-o como referência confiável para estudiosos.[[38]](#footnote-38)

Richard Carrier argumenta que o *Testemunho Flaviano* (TF), como o conhecemos hoje, não é autêntico, pois aparece de forma praticamente idêntica em todos os manuscritos e citações feitas por Eusébio, o que sugere interpolação cristã. Ele aponta que Orígenes, que escreveu antes de Eusébio, nunca menciona o TF, mesmo quando teria sido extremamente útil em suas refutações a Celso. Em vez disso, Orígenes só cita passagens de Josefo sobre João Batista e Tiago. Carrier conclui que isso indica que o TF, em sua forma atual, não existia no tempo de Orígenes e provavelmente foi inserido depois, talvez pelo próprio Eusébio. Assim, o texto é visto como uma adição tardia e não original de Josefo.[[39]](#footnote-39)

Carrier defende que uma cópia inicial da *História Eclesiástica* de Eusébio foi alterada por um escriba para tornar o *Testemunho Flaviano* mais crível, resultando na versão "ele era tido como o Cristo". É improvável que todas as tradições manuscritas de Josefo e Eusébio tenham sido modificadas da mesma forma; o mais plausível é que apenas uma cópia tenha sido emendada. Todas as citações posteriores do TF provavelmente derivam do manuscrito usado por Eusébio, que já apresentava revisões. Esse manuscrito, por sua vez, descenderia de outro mais antigo, acessado por Orígenes. O TF atual, portanto, não estaria na versão de Orígenes, mas já aparecia na que Eusébio utilizou.[[40]](#footnote-40) Carrier argumenta que Eusébio usou uma cópia das *Antiguidades Judaicas* que já continha emendas, diferente do manuscrito original consultado por Orígenes. Essa cópia provavelmente era antiga, com mais de cem anos na época de Orígenes e quase duzentos na época de Eusébio. Além disso, esse manuscrito poderia conter anotações marginais feitas por Orígenes.[[41]](#footnote-41)

Per Bild relata que, do ponto de vista pessoal, os resultados de sua investigação em 1981 sobre o *Testimonium Flavianum* foram decepcionantes. Ele esperava encontrar um texto que complementasse os evangelhos, mas concluiu que o trecho era dependente deles e, portanto, provavelmente uma interpolação cristã. Desde então, continuou estudando Josefo e o Jesus histórico, mas só recentemente retomou esse tema com profundidade. Enquanto isso, o debate acadêmico evoluiu: hoje, a maioria dos estudiosos acredita que o texto foi parcialmente interpolado.[[42]](#footnote-42) Na reavaliação atual, Bild reconhece que é quase impossível provar o que Josefo escreveu originalmente, e que seus argumentos linguísticos e estilísticos perderam força. Ainda assim, considera que os elementos históricos e contextuais continuam sendo fortes indícios contra a autenticidade do texto. Segundo o autor, o texto aparece deslocado no contexto das *Antiguidades*, e seu conteúdo se assemelha a um resumo superficial dos evangelhos, sem o estilo narrativo típico de Josefo. Assim, apesar das incertezas metodológicas, o Bild reafirma que o conteúdo e o enquadramento do *Testimonium* ainda sustentam a hipótese de uma interpolação cristã posterior.[[43]](#footnote-43)

Raphael Lataster argumenta que os leitores de Josefo, especialmente os não judeus, provavelmente não entenderiam o termo “Cristo” sem explicação, o que sugere possível interpolação. Ele critica a ideia de que toda menção a “Cristo” em Josefo se refira a Jesus de Nazaré, já que este seria uma figura historicamente insignificante.[[44]](#footnote-44) Expressões como “*chamado Cristo*” podem ter sido glosas marginais inseridas no texto principal. Segundo Lataster, todos os manuscritos de Josefo foram preservados por cristãos na Idade Média, aumentando a suspeita de manipulação. A frase “chamado Cristo” pode parecer mais neutra que “era o Cristo”, mas também pode ter sido escrita por cristãos tentando soar imparciais. Lataster observa que essa expressão aparece no Evangelho de Mateus 1:16,[[45]](#footnote-45) o que reforça a hipótese de influência cristã. Assim, Lataster conclui que as passagens podem ter sido moldadas para legitimar a figura de Jesus.[[46]](#footnote-46)

Raphael Lataster argumenta que, se o Testemunho Flaviano for uma fraude, a segunda menção a Jesus em Josefo também pode ser. Ele observa que essa segunda passagem causa estranheza, pois Josefo não teria mencionado previamente quem seria o “Cristo”.[[47]](#footnote-47) Mesmo que autênticas, essas passagens não comprovam a existência histórica de Jesus. Lataster destaca que Josefo também menciona figuras e eventos sobrenaturais, como Hércules, Onias e exorcismos com anéis mágicos, mostrando conforto com relatos miraculosos. Isso enfraquece a confiabilidade de Josefo como fonte para validar Jesus histórico. Por isso, é razoável manter ceticismo quanto à autenticidade e valor histórico dessas referências.[[48]](#footnote-48) Lataster observa que Josefo não foi testemunha ocular da vida de Jesus e não menciona suas fontes, o que levanta dúvidas sobre a origem das informações. Ele questiona se os dados vieram de registros oficiais (improvável) ou de boatos cristãos. Se os historicistas dizem que Jesus foi insignificante, é incoerente esperar que Josefo o tivesse registrado. Lataster critica a tendência de reduzir os padrões de evidência nesse caso. Ele também ressalta que, sem o Testemunho Flaviano, não há nenhuma fonte não cristã do primeiro século mencionando Jesus. Isso enfraquece ainda mais os argumentos historicistas.[[49]](#footnote-49)

Interpolação parcial ou total?

Alice Whealey destaca que, embora no final do século XIX muitos considerassem o Testemunho Flaviano totalmente forjado. No final do século XX, a ideia de que o texto é parcialmente autêntico ganhou força, apoiada por estudos estilísticos e pela aceitação de que Josefo, um judeu sacerdotal, poderia ter escrito positivamente sobre Jesus. Segundo Whealey, o debate sobre o Testemunho Flaviano persiste até o momento.[[50]](#footnote-50) Apesar do *Testimonium Flavianum* ser marcado por um consenso crescente entre os estudiosos em favor de sua autenticidade parcial, nos últimos anos, também tem ganhado força um grupo significativo de pesquisadores que defende a hipótese da falsificação total, sustentando que todo o trecho foi inserido por autores cristãos com a intenção de legitimar historicamente Jesus. Essa corrente, embora minoritária, tem reavivado o debate e demonstrado que a questão está longe de terminar, ou para alguns como Carrier, já está encerrada.

É importante lembrar, do ponto de vista metodológico e historiográfico, que em ciências humanas o consenso ou a maioria não determina, por si só, a validade de uma hipótese. O que deve prevalecer são os argumentos mais sólidos e as evidências mais bem fundamentadas. Nesse sentido, o autor reexamina seus antigos argumentos e reconhece que, embora os pontos linguísticos e estilísticos hoje pareçam menos convincentes, os elementos históricos e contextuais ainda se mantêm fortes. Assim, a pesquisa sobre Jesus nas Antiguidades Judaicas mesmo minoritária é mais plausivelmente uma interpolação cristã posterior, mesmo diante do avanço da hipótese da autenticidade parcial.

Capítulo 2

# O Silêncio sobre o Testemunho Flaviano

O silêncio dos Pais da Igreja

Arthur Drews no século XIX faz uma referência ao silêncio de autores cristãos sobre o Testemunho Flaviano. Ele escreveu: “..*.nem Justino, nem Tertuliano, nem Orígenes, nem Cipriano alguma vez citaram Josefo como testemunha nas suas controvérsias com judeus e pagãos*”.[[51]](#footnote-51) Em seu artigo *Josefo nos Padres Ante-Nicenos: todas as citações*, Roger Pearse apresenta dez autores cristãos antes de Eusébio que conheciam as obras de Josefo e não citaram o Testemunho Flaviano. Segue a lista: Tertuliano, Orígenes, Clemente de Alexandria, Júlio Africano, Irineu de Lyon, Teófilo, Minúcio Félix, Hipólito de Roma, Anatólio de Alexandria e Metódio. Pearse comenta sobre o silêncio desses autores em relação ao TF:

Há casos em que a ausência de provas é uma prova bastante forte. Na minha opinião, o caso do Testimonium Flavianum é um desses. Como eu entendo, temos evidências bastante boas de que os patriarcas da igreja do século II a meados do século IV conheciam bem Josefo e o usava extensivamente em seus diálogos com não-cristãos e críticos heréticos. No entanto, ninguém menciona o relatório brilhante (ou qualquer possível versão expurgada da mesma) contida no TF, até Eusébio. O silêncio é ensurdecedor e condenatório.[[52]](#footnote-52)

Apresentarei a seguir os problemas no silêncio de três autores da Igreja que teriam um motivo muito forte para ter usado o Testemunho Flaviano. Esses três escritores: Justino Mártir do século II, Tertuliano e Origines do século III deveriam mencionar o TF em suas obras perante sua audiência, principalmente porque abordaram a defesa do Cristianismo e existência de Jesus citando o julgamento de Pôncio Pilatos, porém não usaram uma única linha da passagem Josefina.

**Justino Mártir (100-160 EC):** também conhecido como São Justino, um filósofo e teólogo cristão do século II, nascido na Palestina. Seu estudo filosófico era baseado no platonismo e o estoicismo. Suas obras apologéticas mais conhecidas são "*Primeira Apologia*" e seu diálogo filosófico "*Diálogo com Trifão*", onde aborda temas como a natureza de Deus, a Lei Mosaica e a relação entre o Antigo e o Novo Testamento.

**Tertuliano (160-220 EC):** um proeminente teólogo cristão do século III, abordou questões relacionadas à vida de Jesus e defendeu a autenticidade dos Evangelhos em suas várias obras, como "*Apologia*" e "*Contra Marcião*".

**Orígenes (185-254 EC):**  um dos principais estudiosos cristãos da escola de Alexandria, referiu-se a Jesus e aos Evangelhos em suas numerosas obras apologéticas e exegéticas. Sua obra "*Contra Celso*" é um exemplo notável de sua defesa da fé cristã e dos relatos sobre Jesus.

Esses autores, em diferentes contextos e obras, contribuíram para a defesa e a explicação da existência de Jesus Cristo, oferecendo perspectivas teológicas e apologéticas, porém, incrivelmente nenhum deles tirou da manga a carta do Testemunho Flaviano para provar a sua existência.

O silêncio de Justino

O autor cristão do século II que é conhecido por ter feito uma defesa significativa da existência de Jesus Cristo é Justino Mártir. Justino nasceu por volta de 100 EC. e morreu como mártir por volta de 165 EC. Ele é notável por suas "Apologias" (ou Defesas) dirigidas aos romanos, onde ele defende a fé cristã, contra acusações de ateísmo e imoralidade. Justino Mártir defende a existência de Jesus Cristo, mencionando detalhes sobre a vida, a crucificação e a ressureição de Cristo, em seus trabalhos “Primeira Apologia”, escrita no início do século II e “Diálogos com Trifão”, estas obras são valiosas para entender as crenças e as defesas dos primeiros cristãos no século II.

Além disso, Justino Mártir defende a moralidade dos cristãos e esclarece mal-entendidos sobre as práticas cristãs. Suas "Apologias" são valiosas não apenas como uma defesa da existência de Jesus, mas também como uma visão do cristianismo primitivo e sua relação com a sociedade romana. Justino Mártir menciona Pôncio Pilatos e o julgamento de Jesus em sua "*Primeira Apologia*". Em particular, ele refere-se a Pilatos em relação à crucificação de Jesus. Essas referências são importantes porque fornecem uma perspectiva cristã primitiva sobre eventos cruciais da vida de Jesus e como os primeiros seguidores de Cristo os interpretaram em um contexto apologético, buscando convencer os romanos da legitimidade e verdade do Cristianismo.

Em uma conversa fictícia com um sábio judeu chamado Trifão, Justino Mártir usa argumentos filosóficos de Platão como também passagens do Antigo Testamento para provar que Jesus Cristo é o verdadeiro Deus e salvador da humanidade. Além disso, Justino observa que os cristãos, e não os judeus, são os novos eleitos na Nova Aliança de Deus. Porém em um momento no diálogo Trifão diz não saber quem seria Jesus. Veja o que diz Trifão:

Eu aprovo suas outras observações e admiro a avidez com que você estuda as coisas divinas; mas seria melhor para você ainda permanecer na filosofia de Platão, ou de algum outro homem, cultivando resistência, autocontrole e moderação, em vez de ser enganado por palavras falsas e seguir as opiniões de homens sem reputação. (...) Mas Cristo - se Ele realmente nasceu e existe em qualquer lugar - é desconhecido, e nem mesmo conhece a Si mesmo, e não tem poder até que Elias venha para ungi-lo e torná-lo manifesto a todos. E vocês, tendo aceitado um relatório infundado, inventam um Cristo para si mesmos, e por causa dele estão perecendo sem consideração.[[53]](#footnote-53)

Por que Justino no Diálogo com Trifão não aproveitou a oportunidade de citar Josefo? Segundo Louis H. Feldman,[[54]](#footnote-54) uma citação de Josefo seria um argumento forte para refutar a acusação de que Jesus nunca viveu. Se existisse o Testemunho Flaviano, Justino teria usado essa evidência para responder às dúvidas sobre a sua existência, já que essa era uma das principais acusações de Trifão contra o Cristianismo. Arthur Drews escreveu o seguinte sobre o Diálogo com Trifão: “*Justino, pelo menos, não poderia ter tido melhor argumento do que o testemunho de um compatriota no seu diálogo com o judeu Trifão*”.[[55]](#footnote-55)

Ainda no "Diálogo com Trifão", Justino menciona a crucificação de Jesus sem se referir ao Testemunho Flaviano: "*Foi Jesus Cristo quem nos ensinou essas coisas, tendo nascido para esse fim e crucificado sob Pôncio Pilatos, procurador da Judéia na época de Tibério César."* [[56]](#footnote-56) Ele menciona Pôncio Pilatos e a crucificação, mas não recorre à passagem de Josefo, que teria sido uma referência útil para fortalecer sua argumentação. Ainda mais intrigante é quando Justino tenta convencer Trifão de que Jesus era o Cristo e realmente foi crucificado por Pilatos, mencionando o "Livro dos Atos de Pilatos", um documento do século II:

E novamente, em outras palavras, por meio de outro profeta, Ele diz: Traspassaram minhas mãos e meus pés, e sobre minha vestimenta lançaram sortes. E, de fato, Davi, o rei e profeta, que proferiu essas coisas, não sofreu nenhuma delas; mas Jesus Cristo estendeu as mãos, sendo crucificado pelos judeus falando contra Ele, e negando que Ele era o Cristo. (...) E depois que Ele foi crucificado, lançaram sortes sobre Sua vestimenta, e os que O crucificaram a repartiram entre eles. E que essas coisas aconteceram, você pode verificar pelos Atos de Pôncio Pilatos. [[57]](#footnote-57)

Aqui, Justino novamente tinha uma oportunidade perfeita para citar o Testemunho Flaviano, mas opta por não fazê-lo. A ausência desta menção levanta questões sobre a autenticidade e a circulação do Testemunho Flaviano na época de Justino. Na "Segunda Apologia", Justino Mártir menciona Josefo em algumas ocasiões, especialmente ao discorrer sobre Moisés. Ele apresenta Josefo como uma autoridade histórica que confirma a antiguidade da tradição judaica. Por exemplo, no capítulo 9, Justino escreve:

Josefo, certamente, desejando significar até pelo título de sua obra a antiguidade e a idade da história, escreveu assim no início da história: "As antiguidades judaicas de Flávio Josefo", - significando a antiguidade da história pela palavra antiguidades.[[58]](#footnote-58)

Curiosamente, apesar de citar Josefo e sua obra como uma fonte histórica confiável, Justino nunca menciona o Testemunho Flaviano ou qualquer referência a Jesus nas obras de Josefo. Isso é particularmente notável porque, no capítulo 6, Justino faz uma forte defesa da importância de Jesus, enfatizando Seu papel como Salvador e mencionando explicitamente Sua crucificação sob Pôncio Pilatos:

Por inúmeros demoníacos em todo o mundo e em sua cidade, muitos de nossos cristãos os exorcizam em nome de Jesus Cristo, que foi crucificado sob Pôncio Pilatos, curaram e curam, tornando impotentes e expulsando os demônios possuidores dos homens...[[59]](#footnote-59)

Se o Testemunho Flaviano existisse na forma como o conhecemos hoje, seria um argumento perfeito para Justino reforçar a historicidade de Jesus e Sua crucificação sob Pilatos. Afinal, Josefo era uma fonte não cristã, respeitada e amplamente conhecida, que Justino já utilizava para reforçar outros pontos. A ausência de tal menção levanta a possibilidade de que o Testemunho Flaviano não fazia parte da obra original de Josefo. Além disso, Justino menciona novamente Josefo no capítulo 10, mas limita-se a discorrer sobre Moisés e a antiguidade judaica: "*Falo de Filon e Josefo. Para estes, em sua narração da história dos judeus, digamos que Moisés nasceu da raça dos caldeus e que ele nasceu no Egito*..."[[60]](#footnote-60)

O contraste é evidente. Justino explora repetidamente a figura de Moisés e recorre a Josefo como uma fonte histórica confiável, mas não faz nenhuma conexão entre Josefo e Jesus, embora isso reforçasse sua argumentação teológica. O silêncio de Justino Mártir em relação ao Testemunho Flaviano é significativo porque Justino tinha um motivo claro para mencioná-lo. Ele estava escrevendo para um público não cristão, buscando convencer seus leitores da legitimidade de Jesus como figura histórica e divina. O uso de uma fonte não cristã, como Josefo, seria um elemento poderoso para sustentar sua defesa. Se o Testemunho Flaviano existisse na época de Justino, é altamente improvável que ele o ignorasse, dado seu propósito apologético. Isso sugere que a passagem pode ter sido uma interpolação cristã posterior, inserida em algum momento após Justino, quando o cristianismo já estava mais estabelecido e os apologistas tinham interesse em fornecer evidências externas para Jesus.

Se Justino conhecesse e considerasse esse testemunho autêntico e acessível, seria natural esperar que ele o utilizasse para fortalecer suas alegações sobre Jesus. A falta de referência sugere que Justino talvez não conhecesse essa passagem ou não a considerasse suficientemente confiável para seu propósito apologético. A ausência de qualquer menção ao Testemunho Flaviano na “Segunda Apologia” de Justino Mártir, apesar de sua referência a Josefo como fonte histórica, é um forte indício de que a famosa passagem sobre Jesus não fazia parte da obra original de Josefo.

Se realmente existisse o Testemunho Flaviano, Justino teria usado tanto em seu “Diálogo com Trifão” e em sua “Segunda Apologia”, mostrado que um dos escritores judeus que era famoso tanto em Israel quanto em Roma, tinha conhecimento sobre Jesus. Essa é uma grande evidência contra o Testemunho Flaviano muito antes mesmo de Orígenes no século III trazer apenas a passagem sobre Tiago o irmão de Jesus (chamado o Cristo), mas desconhece a passagem josefina. Louis Feldman diz que se a passagem estivesse no texto original de Josefo, seria natural que Justino Mártir a citasse em sua discussão com Trifão, pois seria uma resposta poderosa à acusação de Trifão sobre o Cristianismo se basear em um boato e Jesus ser desconhecido.[[61]](#footnote-61) Nenhum cristão pré-Niceno citou Josefo em suas suas obras, especialmente devido à acusação no Diálogo com Trifão de que Jesus nunca existiu e ao desejo dos cristãos de converter judeus.[[62]](#footnote-62) Se Josefo tivesse escrito qualquer coisa de Jesus e como Justino vem cinquenta anos após Josefo, e ele com certeza o leu, teria citado obrigatoriamente o Testemunho Flaviano. Esse silêncio, no contexto das intenções apologéticas de Justino, é mais um elemento que contribui para a tese de que o “*Testemunho Flaviano*” é, no mínimo, uma interpolação cristã.

O silêncio de Tertuliano

Tertuliano escrevendo no século III, estava defendendo a fé cristã e combatendo as seitas hereges, escreveu várias passagens sobre o julgamento de Pilatos, porém nunca mencionou o Testemunho Flaviano. Tertuliano diz:

...os principais entre os judeus ficaram tão exasperados contra Ele, especialmente ao verem um número tão grande de pessoas aglomerando-se atrás dele, que finalmente, por mera violência e importunação de protestos, extorquiram a sentença contra Ele para ser crucificado por Pôncio Pilatos, então governador da Síria sob Tibério. E tudo isso que o próprio Cristo predisse que eles fariam, o que admito ser um argumento não tão considerável para a autoridade de Sua missão, se todos os profetas não tivessem concordado muito antes em todos os detalhes.[[63]](#footnote-63)

Tertuliano, em sua obra "Apologia", capítulo 21, aborda as profecias dos escritores sagrados que previram que, nos últimos dias, Deus escolheria adoradores fiéis de todas as nações, a quem concederia Sua graça de maneira mais ampla. Tertuliano argumenta que essa profecia se cumpriu com a vinda de Cristo, o Filho de Deus, que veio para renovar e iluminar a humanidade. Ele escreve:

Enquanto isso, receba esta fábula, se você quiser chamá-la assim - é como algumas de suas próprias - enquanto continuamos mostrando como as afirmações de Cristo são provadas e quem são as partes com você por quem tais fábulas foram criadas derrubar a verdade, com a qual eles se assemelham. Os judeus também estavam bem conscientes de que Cristo estava vindo, como aqueles a quem os profetas falaram. Não, mesmo agora Seu advento é esperado por eles; nem há qualquer outra disputa entre eles e nós, além de acreditarem que o advento ainda não ocorreu.[[64]](#footnote-64)

Tertuliano reconhece que, embora as alegações sobre Cristo possam ser vistas por alguns como uma fábula, elas são, na verdade, sustentadas por provas concretas. Ele destaca que os judeus estavam cientes da vinda de Cristo, conforme anunciado pelos profetas, e ainda aguardavam Seu advento. Em contraste, os cristãos acreditavam que o advento de Cristo já ocorreu. A principal diferença entre judeus e cristãos, segundo Tertuliano, é essa crença no cumprimento do advento. Em um contexto em que tanto judeus quanto romanos alegavam que Jesus Cristo era uma fábula, Tertuliano poderia ter utilizado o Testemunho Flaviano para reforçar sua argumentação.

O Testemunho Flaviano afirma que Jesus era o Cristo e que muitos judeus e gregos acreditavam nele e continuavam a seguir seus ensinamentos até o momento em que Josefo escreveu seu testemunho. Isso serviria como uma evidência histórica adicional para apoiar a veracidade das alegações sobre Cristo e mostrar que sua vinda e impacto eram reconhecidos e acreditados por diversas pessoas, incluindo aquelas fora do movimento cristão. Tertuliano, ao defender a fé cristã, aponta que as profecias sobre a escolha de adoradores fiéis de todas as nações se realizaram com a vinda de Cristo. Ele confronta as alegações de que Jesus era uma fábula, sustentando suas afirmações com provas e apontando para o contínuo cumprimento das profecias bíblicas. A utilização do Testemunho Flaviano poderia ter fortalecido ainda mais sua argumentação, demonstrando que a crença em Cristo estava enraizada não apenas nos cristãos, mas também reconhecida por historiadores judeus da época.

O silêncio de Orígenes

Orígenes é considerado um dos primeiros teólogos cristãos, viveu no século III, nasceu e viveu em Alexandria aproximadamente entre 185-254 EC. Orígenes cita Flávio Josefo em sua obra intitulada “Contra Celso”, nesta obra Orígenes defende o cristianismo frente ao questionamento proposto por este filósofo pagão, porém a obra de Celso só é conhecida através da leitura do que Orígenes escreveu, já que ela não foi preservada até nossos tempos. Desta pequena introdução podemos destacar que Orígenes viveu em período turbulento em que os cristãos estariam sofrendo todo tipo de perseguição e que por consequência culminaria no período logo a frente que é dito ser o período da parte mais violenta das perseguições ao cristianismo - segundo a tradição - na época em que Diocleciano viria a ser o imperador romano, mas como então um reconhecido filósofo e apologeta cristão obteve acesso aos livros de Flávio Josefo?

Veja que estas obras de Flávio Josefo foram escritas em Roma no final do primeiro século e que provavelmente permaneceram em Roma mesmo após o período da dinastia flaviana. Além desta observação, Orígenes diz saber da existência da obra de Josefo, de detalhes de seu conteúdo, como veremos no trecho abaixo em que para defender Moisés como um grande sábio, cita exatamente como exemplo a obra deste historiador judeu, o número de volumes e nome completo da obra:

 E qualquer um que gosta pode ler os dois livros de Flávio ​​Josefo sobre as antiguidades dos judeus, a fim de ver de que maneira Moisés era mais antigo do que aqueles que afirmavam que inundações e conflagrações ocorrem no mundo após longos intervalos de tempo; qual afirmação Celso alega que judeus e cristãos entenderam mal e, não compreendendo o que foi dito sobre uma conflagração, declararam que Deus descerá, trazendo fogo como um torturador. (Contra Celso – Livro 4, 11)[[65]](#footnote-65)

Orígenes então em outro momento da narrativa da obra Contra Celso, nos fornece mais detalhes sobre a obra de Flávio Josefo, agora sobre a guerra que ocorreu no final do período do governo de Nero e in**í**cio do governo de Vespasiano. Peço que se detenha a máxima atenção sobre o próximo trecho, já que é crucial sabermos sobre o que está sendo apresentado, mesmo que nas palavras de Orígenes, mas sobre o conteúdo de Flávio Josefo:

﻿O cerco só começou sob o rei​nado de Nero e durou até o governo de Vespasiano, cujo filho, Tito, destruiu Jerusalém; e segundo registra Josefo, foi por causa de Tiago o Justo, irmão de Jesus chamado o Cristo, mas, conforme a verdade manifesta, foi por causa de Jesus o Cristo de Deus.[[66]](#footnote-66)

Os mais observadores logo identificarão que não trata-se do trecho de Flávio Josefo que contém o Testemunho Flaviano, mas sim o trecho sobre o suposto Tiago irmão de Jesus Cristo, esse trecho em si tem sua própria controvérsia sobre realmente se tratar de Tiago irmão de Jesus “o Cristo”, já que também é considerado um trecho com adulterações posteriores, mas o que é de maior questionamento na obra de Orígenes é por qual motivo então ele não utiliza o trecho do Testemunho Flaviano que possui uma descrição focada em Jesus Cristo, veja que ele é conhecedor da história de forma detalhada, parece conhecer exatamente o que Flavio Josefo traz em seu conteúdo, mas mesmo assim não se utiliza da “bala de prata” dos apologetas cristãos da atualidade.

E por fim, e, talvez seja o mais surpreendente, já que Orígenes chega a citar exatamente o livro 18 de Antiguidades Judaicas, que é exatamente o livro onde está o Testemunho Flaviano, mas, para sua melhor compreensão: João Batista está no trecho “Antiguidades Judaicas Livro 18 Capítulo 05 Seção 02”, Tiago (Irmão de Jesus) “Antiguidades Judaicas Livro 20 Capítulo 09 Seção 0” e por fim o testemunho flaviano que está no trecho “Antiguidades Judaicas Livro 18 Capítulo 03 Seção 03”, ou seja, por algum motivo Orígenes simplesmente negligenciou o trecho do Testemunho Flaviano, ou este trecho é adição futura. Seguindo a narrativa de Orígenes:

﻿... De fato, no livro 18 de Antiguidades judaicas, Flávio Josefo registra que João batizava prometendo a purificação aos ba​ti​zados. E o mesmo autor, embora não acreditasse que Jesus era o Cristo, procura a causa da queda de Jerusalém e da ruína do templo...[[67]](#footnote-67)

De fato, Flávio Josefo escreveu:

Alguns judeus pensaram que o exército de Herodes (Antipas) havia sido destruído por Deus e que o rei havia sido justamente castigado pela execução de João, chamado “o Batista”.[[68]](#footnote-68)

Seguindo Orígenes:

...Segundo ele, o atentado contra Jesus fora a causa destas desgraças para o povo, porque tinham condenado à morte o Cristo anunciado pelos profetas. Mas, apesar de tudo, ele não está longe da verdade ao afirmar que estas catástrofes aconteceram aos judeus para vingar Tiago, o Justo, irmão de Jesus chamado Cristo, porque o tinham matado, apesar de sua evidente inocência.[[69]](#footnote-69)

Neste trecho Orígenes usa da literatura paulina "Não vi nenhum dos outros apóstolos, a não ser Tiago, o irmão do Senhor" (Gálatas 1:19), e continua Orígenes:

... A esse Tiago, Paulo, o verdadeiro discípulo de Je​sus, diz que o viu e o chama de “irmão do Senhor”, não por causa de seu parentesco de sangue ou por sua educação comum, mas por seus costumes e doutrina. Portanto, se Josefo diz que as desgraças da devastação de Jerusalém aconteceram aos judeus por causa de Tiago, com quanto maior razão poderá afirmar que tais desgraças ocorreram por causa de Jesus Cristo, cuja divindade é atestada por tantas igrejas, integradas por homens que fugiram da devassidão e dos vícios, e se conservam unidos ao Cria​dor e tudo referem à sua santa vontade.[[70]](#footnote-70)

O problema da atribuição à destruição de Jerusalém por causa da morte de Tiago é pura invenção. Flavio Josefo atribui a queda de Jerusalém, as revoltas de diversos grupos religiosos, como os Zelotes, e também a ocupação cada vez maior de Roma, provocando uma ruptura de relacionamento entre ambos. Mas ao invés de Tiago ser a causa da destruição, Josefo atribui isso ao sumo sacerdote Ananus, justamente o qual por ironia do destino matou Tiago. Iremos comentar sobre essa questão em outro capítulo. O que conseguimos concluir é que Orígenes além de não expor qualquer referência ao Testemunho Flaviano parece distorcer os entendimentos colocados por Flávio Josefo.

O Silêncio do imperador Juliano (Séc. IV)

Juliano, conhecido como "O Apóstata" ou "O Filósofo", nasceu em Constantinopla em 331 EC, pertencia à família imperial de Constantino I, o Grande. Juliano recebeu educação cristã e foi tutelado por Eusébio de Nicomédia, um bispo cristão da facção ariana. Sua conversão do cristianismo para o paganismo ocorreu aos 20 anos. Juliano foi imperador romano do Ocidente de 355 a 360 EC e, posteriormente, imperador romano de 361 a 363 EC. Após se tornar imperador, Juliano implementou uma reforma religiosa no Império Romano, visando restaurar o politeísmo helenístico como religião oficial. Ele restaurou templos pagãos, revogou privilégios cristãos concedidos por Constantino, e promulgou um édito em favor da liberdade religiosa.[[71]](#footnote-71) O Edito de Tolerância de 362 reabriu templos pagãos, restituiu propriedades confiscadas e permitiu o retorno de bispos cristãos "heréticos".[[72]](#footnote-72)

Autores cristãos frequentemente criticaram o imperador Juliano por suas políticas que desfavoreciam o cristianismo e buscavam reviver as práticas religiosas pagãs, além de limitar privilégios aos cristãos, ganhando assim a desaprovação de líderes cristãos da época. Alguns autores cristãos que escreveram críticas negativas a Juliano incluem Sozomeno, Sócrates Escolástico e Teodoreto. Esses historiadores cristãos do século V abordaram eventos relacionados ao seu reinado tecendo comentários caluniosos a sua reputação. As críticas se concentraram em retratar Juliano como um perseguidor de cristãos, argumentando que suas medidas eram uma tentativa de restaurar o paganismo às custas da liberdade religiosa dos seguidores do cristianismo. Ao fazer referência sobre a morte de Juliano, Teodoreto alega que sua morte foi sobrenatural, assim como as tantas ficções criadas pelos escritores cristãos, nesse caso, um espírito o acertou no peito, mas antes de morrer Juliano ainda teria conseguindo proferir uma blasfêmia contra Cristo. [[73]](#footnote-73) Essa narrativa de perseguição contribuiu para a construção da imagem negativa de Juliano nos relatos cristãos da história.

Em suas cartas Juliano fez várias críticas aos cristãos durante seu reinado, principalmente no livro chamado “*Contra os Galileus”* onde ele critica as histórias baseadas no Antigo Testamento, alega que os cristãos não vieram do judaísmo e não são nem judeus e nem helenos. Mas o mais importante, ele afirma que Jesus e Paulo nunca existiram e os eventos de suas vidas não aconteceram. Em sua introdução do livro Contra os Galileus Wilmer Cave Wright diz o seguinte:

Juliano, como Epicteto, sempre chama os cristãos de Galileus porque deseja enfatizar que esse era um credo local, "O Credo dos Pescadores", e talvez para lembrar a seus leitores que "da Galiléia nenhum profeta surgiu"; com a mesma intenção, ele chama Cristo de "o Nazareno". Seu principal objetivo no tratado era mostrar que não há evidência no Antigo Testamento para a ideia do Cristianismo, de forma que os Cristãos não têm o direito de considerar seu ensino como um desenvolvimento do Judaísmo.[[74]](#footnote-74)

Para entender a importância de Juliano para a nossa refutação ao Testemunho Flaviano, preste muito atenção a crítica e ao desafio que ele propõe a seus adversários. Esse é o ponto chave que coloca o TF em uma posição desfavorável. Juliano afirma:

Mas estes são antes seus próprios atos; pois em nenhum lugar Jesus ou Paulo transmitiram a você tais mandamentos. A razão para isso é que eles nunca esperaram que um dia você alcançasse o poder que tem; pois se contentariam em iludir servas e escravos, e por meio deles as mulheres e homens como Cornélio e Sérgio. Mas se você puder me mostrar que um desses homens é mencionado por escritores conhecidos da época, esses eventos aconteceram no reinado de Tibério ou Cláudio, então você pode considerar que eu falo falsamente sobre todos os assuntos.[[75]](#footnote-75)

Juliano, em sua carta questionou a existência histórica de figuras como Jesus e Paulo. A provocação de Juliano destaca a total falta de resposta dos cristãos de sua época para fornecer referências históricas, evidenciando que Jesus, Paulo além de Cornélio e Sérgio Paulo não têm base histórica. A obra de Juliano é importante porque questiona a falta de registros históricos fora dos textos cristãos sobre Jesus Cristo e Paulo como pessoas históricas. No site *atheistfoundation.org.au* sob o título: “*On the historicity of Jesus Christ*” *(*Sobre a historicidade de Jesus Cristo), o Professor Ioannis Roussos aborda sobre o silêncio de Juliano apresentando argumentos muito bem embasados para provar que o TF é uma fraude. Roussos nos diz:

Mas a este desafio e provocação presente os cristãos não deram absolutamente nenhuma resposta e não aproveitaram esta oportunidade de trazer referências históricas e assim provar a historicidade dessas pessoas e encerrar este assunto de uma vez por todas, embora durante estes anos eles pudessem ter consultado os arquivos do império e invocaram e / ou projetaram qualquer fonte própria ou não. Eles não fizeram absolutamente nada desse tipo![[76]](#footnote-76)

Roussos observa que a provocação de Juliano em relação à falta de referências históricas sobre Jesus Cristo e o silêncio dos cristãos sobre o Testemunho Flaviano para usarem como defesa, comprova que essa passagem não estava ainda inserida na passagem de Antiguidades Judaicas. Juliano, sendo um indivíduo educado e familiarizado com as obras de historiadores judeus, pagãos e cristãos, não teria feito tal declaração desafiadora se houvesse referências claras sobre Jesus na época. Roussos diz que a reação de Juliano e o silêncio dos cristãos mostram que, mesmo no século IV, o Testemunho Flaviano era tão desconhecido para Juliano quanto para os cristãos de sua época, pois não responderam à provocação. Se houvesse alguma menção em Josefo sobre Jesus Cristo, Juliano, um imperador filósofo, educado e defensor da paz romana, teria conhecimento disso e não teria desafiado os cristãos dessa forma. [[77]](#footnote-77) Para fechar a respeito do silêncio de Juliano, Roussos finaliza:

...nenhuma resposta a Juliano e nenhuma exposição de tal referência foi encontrada em qualquer trabalho desses dois Padres Cristãos, bem como em qualquer outro jornal cristão ou em qualquer outro jornal ou anedota. Mesmo quarenta anos depois, o fanático cristão sírio-judeu João Crisóstomo não conhece pelo menos o principal testemunho, como Fócio também não conhecia, no século IX.[[78]](#footnote-78)

A afirmação de Juliano de que nem Paulo e nem Jesus realmente existiram é impactante. Essa frase ganha relevância ao considerar que Juliano, responsável pela negação, não era apenas o Imperador, mas também sobrinho do Imperador Constantino, figura decisiva para o Cristianismo. Constantino, o grande teve uma influência significativa na formação e consolidação da fé cristã, tornando a posição de Juliano uma questão de considerável importância histórica e religiosa. Juliano em nenhum momento citou Josefo, porém isso não indica que desconhecia suas obras, a exemplo da citação de várias passagens da Septuaginta e conhece os Evangelhos de capa a contra-capa.

Se Josefo realmente tivesse citado que Jesus era “um homem sábio” e que ele morreu sob Pôncio Pilatos, Juliano não blefaria afirmando que nem Jesus e Paulo nunca existiram, pois ele conhecia bem as cartas que seus adversários tinham nas mãos. E com certeza os cristãos não tinham nenhuma carta na manga como o Testemunho Flaviano para jogar na mesa e ganhar o jogo. O silêncio de Juliano sobre o Testemunho Flaviano em uma época em que o Cristianismo estava consolidado e já possuía poderes é sem dúvida uma evidência da interpolação total.

O Silêncio de Fócio de Constantinopla (Séc. IX)

Mais conhecido como Fócio I de Constantinopla, ele foi o patriarca de Constantinópla do século IX entre 858 e 886. A mais importante de suas obras chama-se Biblioteca, uma coleção de excertos e resumos de 279 volumes de autores cristãos e pagãos. Entre esses resumos estão as obras de Eusébio de Cesaréia, Hipólito de Roma, Justus de Tibiríades e Flávio Josefo. E é exatamente esse o problema entre Fócio e o Testemunho Flaviano, pois não há referência à ele tanto em Eusébio quanto em Flávio Josefo. No prefácio de seu livro Biblioteca, Fócio relata o cumprimento de um pedido feito por seu amigo Tarasius que foi nomeado embaixador na Assíria. Após a aprovação do imperador, Tarásius solicitou resumos das obras discutidas durante sua ausência, visando conforto e adquirir conhecimento sobre as 279 obras que não leu em companhia. Um secretário foi contratado para registrar os resumos, organizados na ordem da memória, sem distinção de assuntos. Reconhecendo a possibilidade de imprecisões devido à dificuldade de lembrar detalhes de cada obra. Fócio escreve:

Quanto aos lugares-comuns encontrados ao longo de nossa leitura, tão simples que dificilmente passariam despercebidos, dedicamos menos atenção a eles e nos abstemos de propositadamente de examiná-los cuidadosamente. Você será mais capaz do que nós de decidir se esses resumos farão mais do que atender às suas expectativas originais quanto à sua utilidade.[[79]](#footnote-79)

Gordon Rylands e Arthur Drews mostraram que no século XVI havia um manuscrito de Antiguidades Judaicas sem o Testemunho Flaviano, isso poderia ser até questionado por outros estudiosos que defendem tanto a passagem completa ou parcial. Porém, temos um outro “Silêncio” mais barulhento, séculos antes de Vossius. Esse silêncio chama-se Fócio. Apesar de ter lido as obras de Eusébio e Josefo, Fócio não faz nenhuma referência sobre a passagem Josefina. Esse silêncio pode ser uma clara evidência que Eusébio havia inventado e Fócio não encontrando essa referência em Josefo preferiu omitir tal comentário. Heinz Schreckenberg cita alguns problemas no Testemunho Flaviano e aponta o silêncio de Fócio como um fator importante para sua fraude. Schreckenberg diz:

O fato de Fócio não mencionar o Testimonium em sua ampla gama de trechos de Josefo também fortalece essa impressão. Na verdade, sua ausência neste único manuscrito é mais importante do que sua presença nos códices restantes.[[80]](#footnote-80)

Fócio tinha em mãos à obra de Josefo Antiguidades e leu os vinte livros sem fazer menção ao TF. Além do silêncio da passagem sobre Jesus “o Cristo”, Fócio tras a passagem onde estaria a menção a Jesus irmão de Tiago (chamado o Cristo) e também o autor se silencia sobre essa informação tão importante para comprovar a citação de Josefo sobre Jesus, sua família e os cristãos. Fócio escreveu:

Leia as Antiguidades dos Judeus, de Flávio Josefo, em vinte livros. Ele começa com a cosmogonia mosaica e, embora seu relato concorde principalmente com o geralmente aceito, ele às vezes difere. A obra termina com a guerra entre judeus e romanos, no momento em que Agripa, filho do grande Agripa, que privou Jesus, filho de Gamaliel, do sumo sacerdócio, e o concedeu a Matias, filho de Teófilo, foi rei dos judeus. (...) Os judeus, incapazes de suportar a maldade e a crueldade de Floro, revoltaram-se, achando melhor perecer juntos em liberdade do que gradualmente e na escravidão. Foi no segundo ano do governo de Floro e no décimo segundo ano do reinado de Nero, que estourou a guerra, com a qual termina a história de Josefo. De seu estilo já falamos.[[81]](#footnote-81)

Tanto o silêncio sobre o TF quanto Tiago, o irmão de Jesus na obra de Fócio caem como um balde de água fria nos defensores da passagem Josefina como totalmente verdadeira ou parcialmente interpolada. Além do silêncio sobre o TF na obra de Josefo, o autor de Biblioteca, também não relata nada sobre Eusébio e sua obra, História Eclesiástica, onde se encontra o TF. Assim, sobre Eusébio, Fócio escreveu:

Leia os dez livros da História Eclesiástica de Eusébio. Começando com o nascimento de Cristo, nosso verdadeiro Deus, descreve cuidadosamente o período dos tiranos e termina com o reinado de Constantino, o Grande. Um relato mais detalhado é dado das instituições da Igreja estabelecidas por ele durante seu reinado.[[82]](#footnote-82)

Justo de Tibiríades e o silêncio sobre Jesus

O silêncio de Fócio sobre o Testemunho Flaviano é constrangedor, porém mais constrangedor e que coloca em xeque a sua veracidade são exatamente seus comentários a respeito de Antiguidades Judaicas de Josefo e outro comentário sobre Justus de Tibiríades, ambos judeus e que lutaram como inimigos na guerra judaica. Fócio se referindo a Justus de Tibiríades, um lider judeu que lutou contra os romanos e inclusive contra Josefo na guerra, após explicar a sua relação com Josefo e Vespasiano diz com certa decepção que ele nada escreveu sobre os eventos e milagres de Jesus. Fócio escreveu:

Justo de Tiberíades, Crônica dos Reis dos Judeus. Ele morreu no terceiro ano do reinado de Trajano, quando a história termina. O estilo de Justus é muito conciso, e ele omite muita coisa que é da maior importância. Sofrendo da culpa comum dos judeus, a qual raça pertencia, ele nem mesmo menciona a vinda de Cristo, os acontecimentos de Sua vida, ou os milagres realizados por Ele.[[83]](#footnote-83)

Esse é o momento que qualquer pessoas esperaria que Fócio tirasse a carta da manga e dissesse: “*Justo desconhecia as histórias do nosso Senhor Jesus, porém nós temos o relato de Flávio Josefo que o chamou de “sábio” e morreu sob Pôncio Pilatos*”. Poderíamos dizer: “*Bingo, eis a grande evidência aos incrédulos da existência de Jesus*”. Apresentar evidências; era isso que qualquer cristão que fosse constrangido sobre a veracidade da existência de Jesus teria feito. O silêncio de Justode Tibiríades e a completa falta de referência de Fócio sobre o Testemunho Flaviano nas obras de Eusébio, e Antiguidades Judaicas de Josefo é sem dúvida algo muito problemático. Fócio tendo em mãos todos os livros em que o TF é mencionado, deveria te-lô apresentado ao seu destinatário para provar a existência de Jesus. O silêncio de Fócio sobre o TF é sem dúvida uma das maiores provas que o Testemunho Flaviano foi forjado em algum momento.

O Silêncio dos Historiadores modernos

O silêncio do Dr. Gerardus Vossius

O Teólogo alemão. Dr. Gerrit Janszoon Vos (nome latino: Gerardus Vossius). Foi Reitor da Escola Latina de Dordrecht, em 1600. Especializado em Teologia Histórica e filologia. Foi Diretor do Colégio Teológico da Universidade de Leiden (1619), onde posteriormente ensinou grego. Também foi professor de história no Athenaeum Illustre em Amsterdã, cargo que ocupou até sua morte. Vossius foi um dos primeiros estudiosos a tratar tanto o dogma teológico cristão quanto a religião não cristã de um ponto de vista científico-histórico, em vez de teológico. O Dr. Louis Gordon Rylands, escritor britânico, mestre em ciências na Royal Grammar School em 1935 escreveu o livro: "Did Jesus Ever Live?” onde afirma que no séc. XVI, Vossius tinha um manuscrito de Josefo “SEM” o Testemunho Flaviano.[[84]](#footnote-84) O PhD Arthur Drews, Historiador e Filósofo alemão em sua obra "*The Witnesses to the Historicity of Jesus*" de 1912, questiona a autenticidade da passagem de Flávio Josefo sobre Jesus. Ele argumenta que existem duas visões sobre esta autenticidade: uma que considera a passagem inteira uma interpolação cristã e outra que acredita que apenas parte dela foi alterada por cristãos.[[85]](#footnote-85) Ele também afirma que "no século XVI, Vossius tinha um manuscrito do texto de Josefo no qual não havia uma palavra sobre Jesus". Drews escreveu:

Além disso, no século XVI, Vossius tinha um manuscrito do texto de Josefo no qual não havia uma palavra sobre Jesus. Parece, portanto, que a passagem deve ter sido uma interpolação, quer tenha sido posteriormente modificada ou não.[[86]](#footnote-86)

Um silêncio muito ensurdecedor

Temos então Schreckenberg alegando que Fócio no século IX não mencionou o Testemunho Flaviano e Arthur Drews nos informando que havia uma cópia de Antiguidades Judaicas sem o Testemunho Flaviano nas mãos de Vossius no século XVI. A ideia de que Josefo acreditava que Jesus era Cristo segundo relatado tanto em Antiguidades livro 18 quanto no livro 20 em relação a Tiago resulta em um grande problema, pois Josefo quando relatava sobre todos os pretendentes a messias ou sicários sediciosos, apresentava primeiramente os motivos para suas execuções tanto pelas autoridades judaica e romana. Josefo relata por exemplo em Antiguidades Judaicas, que uma cidade foi invadida por ladrões que enganaram a população com falsos milagres, levando-os pelo deserto. O líder era um egípcio que afirmava ser um profeta e incitava o povo a segui-lo ao Monte das Oliveiras, prometendo derrubar os muros de Jerusalém. O governador Felix reagiu, enviando soldados para confrontá-los, resultando na morte de quatrocentas pessoas e na captura de duzentas. O líder egípcio conseguiu escapar e não foi mais visto. Posteriormente, os ladrões incitaram a população a se revoltar contra os romanos, queimando aldeias daqueles que se recusavam a segui-los.[[87]](#footnote-87) Aqui seguem duas passagens onde Josefo nos apresenta mais referências sobre os líderes de sedições contra Roma e o governo judaico:

...enquanto Fadus era procurador da Judéia, um certo mágico, cujo nome era Teudas, convenceu uma grande parte do povo a causar efeitos e segui-lo para o rio Jordão. Pois ele lhes disse que era um profeta; e que, por sua própria ordem, dividiria o rio e lhes proporcionaria uma passagem fácil sobre ele. E muitos foram iludidos por suas palavras. No entanto, Fadus não lhes permitiu tirar proveito de sua tentativa selvagem, mas enviou uma tropa de cavaleiros contra eles. (...) Eles também levaram Teudas vivo, cortaram sua cabeça e a levaram a Jerusalém. Foi o que aconteceu com os judeus na época do governo de Cuspius Fadus.[[88]](#footnote-88)

E além disso, os filhos de Judas da Galiléia agora foram mortos: refiro-me àquele Judas, que fez com que o povo se revoltasse, quando Cirrenius veio prestar contas das propriedades dos judeus; como mostramos em um livro anterior.  Os nomes desses filhos eram Tiago e Simão, a quem Alexandre ordenou que fossem crucificados.[[89]](#footnote-89)

Nessas passagens Josefo apresenta o personagem, seu tipo de sedição e o resultado, o qual sempre é finalizado com uma execução, a não ser no caso do egípcio que fugiu. Ao contrário dessa preocupação, na passagem do TF, Josefo apenas declara Jesus como “um homem sábio que foi executado por Pilatos”, algo que não faz sentido, já que isso não seria motivo suficiente para que ele fosse executado por Pilatos. Josefo não relata qual foi o tipo de sedição e por que a seita dos cristãos estaria na ativa em seu tempo sendo que todas as seitas antes de 70 foram aniquiladas, como por exemplo os saduceus, essênios, fariseus[[90]](#footnote-90) e os zelotas.[[91]](#footnote-91) No caso dos fariseus apesar da seita ser dissolvida, eles acabaram se organizando após a guerra e formando a primeira escola rabínica criada por Yohanan ben Zakkai. Esse sábio fariseu ganhou o favor de Vespasiano ao prever que um dia ele seria imperador assim como Josefo. Como recompensa, o rabino recebeu permissão para estabelecer uma escola em Yavne..[[92]](#footnote-92)

À medida que exploramos a história e os registros antigos relacionados à figura de Jesus Cristo e ao Testemunho Flaviano, nos deparamos com uma série de silêncios desconcertantes por parte de historiadores e estudiosos de diferentes épocas. Esses vazios têm implicações profundas sobre a compreensão da historicidade de Jesus e os eventos cruciais de sua vida, especialmente em relação ao Testemunho Flaviano. Justino Mártir e Orígenes sendo os primeiros defensores do cristianismo, oferecem um testemunho valioso sobre a existência de Jesus em suas obras. No entanto, eles não mencionam o Testemunho Flaviano, o que é intrigante, considerando as suas defesas apaixonadas da fé cristã. Se esse testemunho fosse amplamente conhecido e aceito em sua época, certamente teria sido uma poderosa arma apologética em suas mãos.

Além disso, o silêncio do renomado filólogo Gerardus Vossius, que supostamente possuía um manuscrito de Antiguidades Judaicas sem o Testemunho Flaviano, é revelador. Essa ausência em uma cópia tão antiga e respeitada sugere que essa passagem pode ter sido uma interpolação posterior, inserida por mãos cristãs com motivos apologéticos. Os argumentos de Arthur Drews e Heinz Schreckenberg, baseados em evidências históricas e filológicas, reforçam ainda mais a suspeita sobre a autenticidade do Testemunho Flaviano.

O silêncio de Pais da Igreja e de outros estudiosos ao longo da história, tanto antigos quanto modernos, destaca a obscuridade que envolve o Testemunho Flaviano. Sua ausência nos escritos dos primeiros cristãos e em manuscritos de obras antigas lança dúvidas sobre sua autenticidade. O que emerge desse silêncio é uma necessidade de uma investigação mais aprofundada e uma reflexão crítica sobre os registros históricos relacionados a Jesus Cristo. Somente através de uma análise cuidadosa e imparcial podemos esperar lançar luz sobre os mistérios que envolvem a figura de Jesus e os textos de Josefo. Este silêncio não é apenas uma ausência de palavras; é um chamado à investigação e à busca pela verdade.

Capítulo 3

# Os problemas do Testemunho Flaviano

Cristo e a Tribo de Cristãos

Por que Josefo não deu mais detalhes sobre a seita dos cristãos, assim como fez com as outras seitas como os fariseus, saduceus, essênios e zelotes? A seguinte passagem é encontrada nos manuscritos gregos existentes de Josefo e é citada por Eusébio, Jerônimo, Hegésipo, Sozomeno e Agápio com algumas diferenças. Abaixo segue o texto de Josefo e de Eusébio:

Ele era o **Cristo**. E quando Pilatos, por sugestão dos principais homens entre nós, o condenou à cruz; aqueles que o amavam a princípio não o abandonaram. (...) E **a tribo de cristãos**, assim **nomeada por ele**, não está extinta até hoje.[[93]](#footnote-93)

E este era o **messias**. E quando Pilatos, por sugestão dos principais anciãos entre nós, impôs a Ele o castigo da cruz, aqueles que antes O amavam não foram reduzidos ao silêncio. (...) os Profetas haviam dito a respeito d'Ele; de modo que, desde então e até agora, a **raça dos cristãos** não tem faltado a Ele.[[94]](#footnote-94)

Um dos maiores problemas e o mais discutido entre os estudiosos na passagem do Testemunho Flaviano é o epíteto dado a Jesus como “ele era o Cristo”. Porém, mesmo eliminando a palavra “Cristo” como interpolação, o problema permanece quando o autor diz: “...*e a tribo de cristãos, assim chamada por causa dele, não está extinta até hoje*”. Primeiro porque a ligação de Cristãos com Cristo é uma referência muito usada pelos Pais da Igreja, pois ao contrário do judaísmo, todas as seitas cristãs levam o nome do seu líder. Irineu de Lyon no século III diz: “*Pois quando alguns homens desceram da Judéia para Antioquia - onde também, antes de tudo, os discípulos do Senhor foram chamados cristãos, por causa de sua fé em Cristo*...”[[95]](#footnote-95)

Portanto, mesmo que o epíteto “Cristo” seja eliminado, a ideia de que se trata de Jesus Cristo nessa passagem, ainda continua presente. Em segundo lugar, o fato da palavra Cristo significar “Ungido”[[96]](#footnote-96) uma referência a sacerdotes e reis, mas também se referia ao “Messias”, um líder militar aguardado pelos judeus, parece ser um tabu para Josefo, pois ele nunca se referiu a nenhum judeu e nem mesmo ao seu patrocinador Vespasiano como “Messias”. Josefo em Guerra dos Judeus deixou claro aos seus leitores romanos que de acordo com um oráculo ambíguo, os judeus foram enganados por suas expectativas e que Vespasiano seria esse “governante” ou o “messias”. Aqui está a passagem:

Mas o que, mais do que tudo, os incitou à guerra foi um oráculo ambíguo também encontrado em seus escritos sagrados, que: "Naquela época, um de seu país se tornaria governante do mundo habitável."  Isso eles levaram a significar um de seu próprio povo, e muitos dos sábios foram enganados em sua interpretação. Este oráculo, no entanto, na realidade significou o governo de Vespasiano, que foi proclamado Imperador enquanto estava na Judéia.[[97]](#footnote-97)

Flávio Josefo nunca usou os termos “Messias” ou “Cristo” em seus escritos, o que levanta dúvidas sobre a autenticidade das passagens onde essas expressões aparecem. Isso sugere que tais termos podem ter sido inseridos posteriormente por copistas cristãos. Seria improvável que um judeu fariseu como Josefo reconhecesse Jesus como “Cristo” ou chamasse seus seguidores de “*tribo dos cristãos*”, uma designação anacrônica. Além disso, informações como o julgamento por Pilatos, a morte e a ressurreição de Jesus dificilmente seriam transmitidas por tradição oral judaica, indicando possível dependência dos Evangelhos e reforçando a hipótese de interpolações cristãs.

 Em 53 EC, Josefo mencionou quatro seitas judaicas: Fariseus, Saduceus, Essênios e Zelotas, esta última estava associada aos conflitos da guerra de 70. Apesar do suposto crescimento explosivo do cristianismo nesse período em toda a Judéia, Galiléia e Samaria, conforme narrado em Atos 9:31, Josefo não fez menção aos cristãos ou comunidades cristãs. Nem o "Concílio de Jerusalém", onde teria sido discutido sobre a circuncisão dos gentios, nem os relatos sobre Paulo e um grupo de cristãos sendo julgados por Agripa Júnior, um amigo íntimo de Josefo e muito menos histórias de milagres, como indicado em Atos 15:12, não foram registrados por Josefo. Além disso, Justus de Tiberíades, inimigo de Josefo, não apenas o culpou por problemas na Galiléia, acusando-o de traição, mas também não mencionou Jesus ou os cristãos em suas obras. Além disso, ao escrever sobre o reinado de Nero, com quem teve contato pessoal, Josefo omitiu qualquer menção às perseguições e execuções de cristãos nas arenas ou ao incêndio de 64 EC, no qual Nero culpou os cristãos, como também nunca mencionou sobre as narrativas sobre a decapitação de Paulo como a morte de Pedro na cruz por Nero.

Fócio de Constantinopla, no século IX, expressou descontentamento por Justus de Tibiríades não relatar nada sobre Jesus em sua obra.[[98]](#footnote-98) Justus era da Galiléia assim como Jesus e o próprio Josefo, não deixou registros sobre Jesus ou os cristãos em sua obra sobre a guerra judaica, o que contrasta com a fama atribuída a Jesus nos evangelhos, destacando a ausência de referências históricas de contemporâneos como Justus e Josefo. Como mencionado acima, tanto em Antiguidades Judaicas quanto em Guerra dos Judeus, Josefo mencionou quatro seitas judaicas e explicou ao leitor sobre seus costumes e leis. Veja em: Guerra dos Judeus – Livro II.8; Antiguidades Judaicas Livro XV.8; Livro XV.10; Livro XVII.2 e Livro XVIII.1. Em “Vida” sua auto-biografia, (95 - 100 EC) Josefo diz que aos 14 anos já conhecia toda a literatura dos Livros Sagrados e assim como Jesus, vários líderes judeus vinham aprender com ele sobre as Escrituras. Com 16 anos Josefo conheceu as principais seitas do judaísmo: os Fariseus, os Saduceus e os Essênios:

E quando eu tinha dezesseis anos [53 EC], eu tinha a intenção de julgar as várias seitas que estavam entre nós. Estas seitas são três: a primeira é a dos Fariseus; a segunda a dos Saduceus; e a terceira, a dos Essênios; como nós frequentemente lhe falamos. Pois eu pensava que, desse modo, eu poderia escolher a melhor, se já tivesse conhecido todas elas.[[99]](#footnote-99)

Como pode perceber, Josefo cita apenas quatro seitas judaicas do século I em três livros, e estranhamente nada dos cristãos. O grande problema ao silêncio de Josefo em relação aos cristãos é que tanto seus costumes quanto ao que eles tinham em mente em relação as crenças e leis, são completamente antagônicas a todas as seitas judaicas conhecidas. Mesmo que todas tenham suas diferenças de crenças elas participam de um mesmo relacionamento interpessoal em relação a antiguidade da religião. Enquanto as seitas judaicas são a favor da circuncisão, dos sacrifícios, da observância do sábado e das leis de Moisés e principalmente a sua relação zelosa com o templo, os cristãos são totalmente contra tudo isso. Esse antagonismo do cristianismo em relação ao judaísmo seria um motivo muito importante para Josefo ter feito uma apresentação com mais detalhes ao invés de apenas informar ao leitor que levam o nome de cristãos por causa de Cristo ou que estão vivos em seu tempo.

Ele conquistou muitos judeus e muitos gregos

A afirmação no Testemunho Flaviano de que Jesus "*conquistou para si tanto judeus quanto gregos*" revela uma grave incongruência histórica quando confrontada com o contexto social e político do primeiro século. Tanto Flávio Josefo quanto Filon de Alexandria registram com clareza o profundo antagonismo entre judeus e gregos, marcado por conflitos, insultos recíprocos, pogroms e tensões constantes, especialmente em cidades multiculturais como Alexandria e Cesareia. Em vez de coexistência pacífica, os relatos desses autores descrevem um cenário de animosidade contínua, em que os judeus eram frequentemente alvo de desprezo pelos gregos, enquanto mantinham firme resistência à cultura helenística. Diante desse pano de fundo, a ideia de que Jesus teria exercido uma influência conciliadora sobre esses dois grupos antagônicos não apenas carece de base histórica, mas sugere uma redação posterior moldada por uma teologia universalista cristã, alheia à realidade vivida por judeus e gregos no tempo de Josefo.

Em relação a frase “*Ele conquistou muitos judeus e muitos gregos*...”, precisamos investigar a possibilidade de Josefo realmente ter feito tal citação, analisar também os autores do Novo testamento e como trabalharam com essa questão. A frase em grego usado no Testemunho Flaviano está assim: “καὶ πολλοὺς μὲν Ἰουδαίους, πολλοὺς δὲ καὶ τοῦ Ἑλληνικοῦ ἐπηγάγετο”. A palavra grega "Ἑλληνικοῦ" pode ser traduzida para o português como "grego" ou "helênico", o que é diferente de ἔθνη" (ethnē) que significa “gentios”. Portanto o autor está fazendo uma referência mais precisa aos gregos e não algo mais generalizado no caso de gentios que poderiam ser tanto gregos como romanos, persas, egípcios etc. Esse é o primeiro ponto que precisamos prestar atenção.

Vamos agora analisar o ator das Cartas Autênticas de Paulo. Em 1 Coríntios o autor faz uma crítica tanto aos judeus quanto aos gregos em relação ao significado da cruz para cada um. O autor diz:

Porque os judeus requerem um sinal, e os gregos buscam a sabedoria; mas nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus, e loucura para os gregos; mas, para os que são chamados, **tanto judeus como gregos**, Cristo é o poder de Deus.(1 Coríntios 1:18-24)

Em Romanos o autor menciona tanto questões problemáticas quanto de superação entre judeus e gregos. Segue a passagem:

Haverá tribulação e angústia para todo ser humano que pratica o mal: primeiro para o judeu, depois para o grego; mas glória, honra e paz para todo o que pratica o bem: primeiro para o **judeu**, depois para o **grego**. Pois em Deus não há parcialidade. (Rm 2: 6-11)

Vamos encontrar também citações dos Pais da Igreja em relação a questão da mensagem de Jesus tanto para judeus quanto para gregos. Vejamos Clemente de Alexandria do século II:

Após esse esboço, a breve explicação das Escrituras, tanto contra os **gregos** quanto contra os **judeus** serão apresentados, e todos os pontos que não pudermos abranger nas Miscelâneas anteriores (por ter respeito necessariamente à multiplicidade de assuntos), de acordo com o início do poema, com o propósito de terminá-los em um comentário.[[100]](#footnote-100)

Vejamos uma passagem de Irineu de Lyon do segundo século:

É evidente, portanto, que eles não renunciaram à verdade, mas com toda a ousadia pregada aos judeus e gregos. Para os judeus, de fato, eles proclamaram que o Jesus que foi crucificado por eles era o Filho de Deus, o Juiz de vivos e mortos, e que Ele recebeu de Seu Pai um reino eterno em Israel, como já indiquei; mas aos gregos eles pregaram um só Deus, que fez todas as coisas, e Jesus Cristo, seu Filho. Isso é mostrado de maneira ainda mais clara pela carta dos apóstolos, que eles não transmitiram nem aos **judeus** nem aos **gregos**, mas aos que dentre os gentios creram em Cristo, confirmando sua fé.[[101]](#footnote-101)

O interessante nessa passagem de Irineu citada acima, é que ele usando provavelmente o livro de Atos dos Apóstolos alega que a mensagem de Jesus não era nem para judeus e nem para gregos, mas para um outro povo dentre os gentios, provavelmente fazendo uma referência aos romanos, o que contraria a informação do Testemunho Flaviano. Encontramos nos livros de Eusébio de Cesaréia várias passagens fazendo menção da frase “judeus, gregos ou gentios” em relação ao próprio Testemunho Flaviano e em outras circunstâncias, evidenciando assim uma prática comum em suas obras. Vejamos algumas citações:

Então, tendo demonstrado que para **judeus** e **gregos** a esperança da promessa estava na igualdade, de modo que aqueles dos gentios que seriam salvos por meio de Cristo estariam exatamente na mesma posição que os **judeus**... (Demonstração do Evangelho - Livro 2, 1)[[102]](#footnote-102)

...pois Ele era o realizador de obras maravilhosas, e o Mestre daqueles homens que, com prazer, O receberam em verdade. E Ele reuniu muitos ambos dos **judeus**, e muitos dos profanos **gentios**. (Teofânia - Livro 5, 44)[[103]](#footnote-103)

Eusébio se baseou em Hegésipo assim como Orígenes e Jerônimo, o que nos faz refletir sobre a passagem do TF: “*Pois ele foi alguém que realizou feitos surpreendentes e foi um professor de pessoas que aceitam a verdade com alegria. Ele conquistou muitos* ***judeus e muitos gregos***”. Compare a frase do TF com as duas passagens cristãs abaixo:

|  |  |
| --- | --- |
| **Eusébio Século IV** | **Hegésipo – Século II** |
| “Ele se tornou uma verdadeira testemunha**, tanto para judeus como para gregos, de** **que Jesus é o Cristo**. E imediatamente Vespasiano os cercou.” (Eusébio de Cesaréia - Histórias Eclesiásticas - Livro 2, 23) *[[104]](#footnote-104)* | “Este homem foi uma testemunha verdadeira, **tanto para** **judeus como para gregos, de que Jesus é o Cristo**. E pouco depois Vespasiano sitiou a Judéia, levando-os cativos.” (Hegésipo *- Fragmentos de seus cinco livros de comentários sobre os Atos da Igreja) [[105]](#footnote-105)* |

Para concluir sobre a frase "*Ele conquistou muitos judeus e muitos gregos*..." ao analisar o texto grego do Testemunho Flaviano, observamos que a palavra "Ἑλληνικοῦ" (Ellinikoú) se refere aos gregos ou ao helenístico, diferenciando-se de "ἔθνη" (ethnē), que significa "gentios". Assim como Eusébio, o autor parece fazer uma referência mais específica aos gregos do que a uma categoria mais generalizada que poderia incluir gregos, romanos, persas, egípcios, entre outros, o que se aproxima mais dos autores do Novo Testamento. Ao examinar as Cartas Autênticas de Paulo, encontramos passagens que abordam sobre judeus e gregos em relação à mensagem cristã, assim como as citações dos Pais da Igreja também corroboram a ideia de uma abordagem distinta para judeus e gregos na pregação de Jesus. Curiosamente, a citação de judeus e gregos envolvidos em uma mesma seita, não é encontrada em nenhuma outra obra de Josefo além da passagem do TF.

Como Jesus conseguiu superar o ódio e unir gentios e judeus?

Reza Aslan comenta em seu livro Zelota sobre o descontentamento dos judeus contra Herodes, como também menciona que Herodes foi encarregado de pacificar e administrar uma população de judeus, gregos, samaritanos, sírios e árabes que se odiavam uns aos outros.[[106]](#footnote-106) Em 1 Macabeus 1:40 a 65, o conflito entre gregos e judeus foi marcado pela imposição da cultura helenística por Antíoco IV Epifânio, que proibiu práticas fundamentais do judaísmo, como a circuncisão, o descanso sabático e as festas religiosas, além de ordenar a profanação do Templo com sacrifícios impuros, como o de porcos sobre o altar. Muitos judeus que resistiram a essas ordens foram brutalmente mortos, enquanto outros aderiram à cultura grega, causando divisões internas. A reação veio com a revolta liderada por Matatias e, após sua morte, por seu filho Judas Macabeu, que organizou uma luta armada contra os exércitos selêucidas, culminando em batalhas sangrentas e vitórias decisivas que permitiram a purificação e a retomada do Templo em Jerusalém.

Em seu prefácio de Guerra dos Judeus, Josefo menciona que aqueles que estavam presentes nos eventos muitas vezes deram relatos falsos, motivados seja por um desejo de agradar aos romanos ou por ódio contra os judeus.[[107]](#footnote-107) Josefo menciona uma ação militar liderada por Vespasiano na cidade de Gadara. O relato destaca a rápida conquista da cidade pelo general romano, e revela uma ação cruel, ordenando a matança de todos os jovens, sem mostrar qualquer tipo de misericórdia e revela uma ação cruel por parte dos romanos após a conquista. Vespasiano ordenou a matança de todos os jovens na cidade, sem mostrar misericórdia. Josefo diz:

...os romanos não tendo misericórdia em qualquer idade; e isso foi feito por causa do ódio que eles tinham pela nação, e por causa da iniquidade de que tinham sido culpados no caso de Céstio.[[108]](#footnote-108)

A justificativa dada por Josefo é o ódio que os romanos nutriam pela nação judaica e também devido à iniquidade cometida pelos judeus em ações específicas, como a revolta liderada por Céstio. Percebemos nesse relato a presença de um profundo ressentimento por parte dos romanos em relação aos judeus, resultando em uma resposta brutal mesmo contra aqueles que não estavam envolvidos diretamente em atos de resistência. Essa animosidade histórica entre romanos e judeus é um tema recorrente nas obras de Josefo, e o texto destaca a dificuldade de uma união entre esses dois povos, evidenciada pelo ódio presente nas ações militares romanas contra os judeus.

Houve vários períodos de intensos conflitos na Síria entre judeus e sírios. Segundo Josefo, apesar de inicialmente os sírios estarem alinhados com os judeus na guerra, a situação mudou quando os sírios começaram a matar aqueles que haviam capturado em suas cidades. O motivo para essas mortes não era apenas o ódio, mas sim uma medida preventiva para evitar qualquer ameaça futura que esses prisioneiros pudessem representar. A situação na Síria tornou-se caótica, com cada cidade dividida em dois exércitos opostos, onde a sobrevivência de um grupo dependia da destruição do outro. Josefo destaca que os distúrbios eram terríveis, com derramamento de sangue durante o dia e medo à noite, tornando ambas as partes apreensivas uma em relação à outra.

Além disso, menciona que o medo se intensificou, pois tanto os sírios quanto os judeus suspeitavam não apenas dos membros do grupo oposto, mas também daqueles que demonstravam simpatia pelo outro lado, referidos como "judaizantes". Essa desconfiança mútua levou a um ambiente de grande tensão, onde até mesmo a interação entre os dois grupos era temida, como se estivessem lidando com estrangeiros perigosos.[[109]](#footnote-109) Josefo descreve um incidente envolvendo Jesus, o filho de Safias que reúne alguns galileus e incendeia o palácio de Herodes em Tiberíades, provavelmente com a intenção de saquear e obter riquezas. A ação de incendiar o palácio resulta em um saque, onde parte do mobiliário é pilhado e então Jesus e seu grupo matam muitos gregos que eram seus inimigos antes da guerra. Josefo escreve: “*Mas Jesus e seu grupo mataram todos os gregos que eram habitantes de Tiberíades: e tantos outros quanto eram seus inimigos antes do início da guerra*”.[[110]](#footnote-110)

Tácito em suas Histórias, apresenta uma imagem dos judeus como um grupo que, embora coeso e solidário internamente, é hostil e desprezível em relação ao resto da sociedade, o que revela a visão crítica e até hostil de certos romanos em relação a essa comunidade. Tácito escreve:

Os mais degradados de outras raças, desprezando as suas crenças nacionais, trouxeram-lhes as suas contribuições e presentes. Isto aumentou a riqueza dos judeus, assim como o fato de que entre si eles são inflexivelmente honestos e sempre prontos a mostrar compaixão, embora considerem o resto da humanidade com todo o ódio dos inimigos. (Histórias – Livro 5, 5)[[111]](#footnote-111)

Em toda a sua produção, Josefo descreve gregos ou povos helenizados em conflito aberto com judeus. Em Contra Apion, Josefo recorda que a diferença religiosa “ocasionou grande inimizade” entre judeus e egípcios-gregos, citando inclusive Maneto como fonte hostil.[[112]](#footnote-112) Josefo relata um distúrbio em Cesareia envolvendo judeus que viviam lá misturados com sírios. Houve uma disputa sobre a identidade da cidade, com os judeus reivindicando-a como sua por causa do rei Herodes, enquanto os sírios a consideravam uma cidade grega devido à presença de estátuas e templos. A disputa escalou para um conflito armado, com alguns judeus lutando contra os gregos. Os anciãos judeus não conseguiram conter o tumulto entre seu próprio povo, enquanto os gregos contavam com o apoio de soldados romanos da guarnição levantada da Síria. Apesar dos judeus serem mais ricos e fortes, a ajuda militar romana deu vantagem aos gregos na disputa.[[113]](#footnote-113)

A cidade de Selêucia era habitada por gregos e sírios, que eram geralmente propensos a conflitos e discórdias, especialmente com os gregos sendo particularmente difíceis para os sírios. Quando os judeus chegaram e se estabeleceram na cidade, uma revolta ocorreu. Os sírios, aparentemente, foram mais agressivos uns com os outros, e os judeus, sendo descritos como pessoas que desdenham perigos e estão prontas para lutar, apoiaram os sírios em suas ações, contribuindo para a intensificação do conflito na região. Josefo diz:

Quando, portanto, os judeus vieram para lá e habitaram entre eles, surgiu uma sedição, e os sírios eram duros demais para o outro, com a assistência dos judeus; que são homens que desprezam perigos e muito prontos para lutar em qualquer ocasião. (Antiguidades Judaicas – Livro 18, 9)[[114]](#footnote-114)

Segundo Josefo, os gregos, após enfrentarem dificuldades em uma sedição, perceberam que a única maneira de recuperar sua antiga autoridade seria impedir uma aliança entre judeus e sírios. Para alcançar esse objetivo, os gregos iniciaram negociações com os sírios, prometendo paz e amizade. Os líderes sírios concordaram prontamente com a proposta de reconciliação. Jsoefo alega que a união entre gregos e sírios foi motivada pelo ódio comum em relação aos judeus. Portanto, a reconciliação entre gregos e sírios não foi baseada em uma genuína busca por paz ou amizade, mas sim em uma estratégia para enfrentar uma ameaça percebida dos judeus. Josefo escreve:

Por conseguinte, concordaram alegremente em fazê-lo. E quando isso foi feito pelos principais homens de ambas as nações, eles logo concordaram em uma reconciliação. E quando eles concordaram, ambos sabiam que o grande objetivo de sua união seria seu ódio comum aos judeus.[[115]](#footnote-115)

Após a guerra, Josefo descreve um período em que os judeus em Antioquia enfrentaram acusações e perigos devido a distúrbios causados pelos antioquianos. Essas perturbações foram alimentadas por calúnias recentes dos judeus, destacando a presença significativa da comunidade judaica em Antioquia devido à dispersão da nação judaica por toda a terra habitável. Apesar das hostilidades passadas, os reis que sucederam Antíoco Epifânio restauraram doações aos judeus e concederam a eles privilégios de cidadania em Antioquia. Quando começou a guerra e Vespasiano embarcou para a Síria, surgiu uma situação hostil contra os judeus. Um homem chamado Antíoco, respeitado na comunidade judaica, denunciou seu próprio pai e outros, acusando-os de planejar incendiar toda a cidade. Isso provocou uma violenta reação da população antioquiana, que queimou judeus estrangeiros no teatro e atacou brutalmente a comunidade judaica, acreditando que, ao puni-los, salvariam sua própria cidade. Josefo diz:

Quanto a Antíoco, ele agravou a raiva em que estavam; e pensado para dar-lhes uma demonstração de sua própria conversão, e de seu ódio aos costumes judaicos, sacrificando à maneira dos gregos. Ele persuadiu o resto a obrigá-los a fazer o mesmo; porque eles descobririam por meio deles quem eram os que planejaram contra eles; desde que eles não fariam isso. E quando o povo de Antioquia tentou o experimento, alguns poucos concordaram, mas aqueles que não o fizeram foram mortos.[[116]](#footnote-116)

Os relatos de Flávio Josefo refletem uma profunda animosidade e hostilidade entre os judeus e gentios (romanos, sírios e gregos). As inúmeras guerras, distúrbios e conflitos descritos indicam uma relação tumultuada e frequentemente violenta entre esses grupos. No contexto histórico em que Josefo viveu, o antagonismo entre os judeus e os povos circundantes era intenso por fatores como diferenças culturais, religiosas e políticas. A presença dispersa dos judeus em várias regiões e cidades vizinhas muitas vezes resultava em conflitos com as populações locais. Além disso, eventos específicos, como a revolta judaica contra os romanos, contribuíram para uma hostilidade mais acentuada.

Filon de Alexandria, em *Na Embaixada de Caio* (capítulos 17 a 19), relata com profundo pesar a opressão brutal sofrida pelos judeus durante o governo de Calígula. Sob esse imperador tirânico, que aboliu a legalidade e se colocou acima das leis, os judeus deixaram de ser súditos para se tornarem escravos sem direitos, vítimas de um governante hostil que estimulava o ódio contra eles. Em Alexandria, aproveitando-se da permissividade do governo, a população local desencadeou uma onda de violência: sinagogas foram incendiadas, casas judaicas saqueadas, famílias expulsas e lançadas à miséria. Multidões de judeus foram confinadas em condições desumanas, morrendo por fome, doenças e sufocamento. Os que tentavam fugir eram perseguidos, apedrejados ou queimados vivos, e seus corpos mutilados com extrema crueldade. Filon denuncia essa barbárie como um colapso total da ordem civil, alimentado por um ódio étnico profundo, onde a própria dignidade humana foi aniquilada.[[117]](#footnote-117)

Filon denuncia a cumplicidade do governador romano de Alexandria chamado Flaco, que, mesmo podendo conter a violência contra os judeus, fez vista grossa e permitiu que a multidão continuasse os ataques impunemente. Isso encorajou ainda mais a população, que passou a agir com maior brutalidade: destruíram e incendiaram sinagogas, incluindo aquelas com ornamentos dedicados ao imperador, como coroas e escudos de ouro. Os agressores não temiam punição, pois sabiam que o imperador Calígula nutria ódio profundo pelos judeus, e esperavam conquistar seu favor com essas ações violentas. Como forma extrema de provocação, profanaram as sinagogas erigindo nelas imagens e estátuas de Calígula, inclusive uma em uma carruagem antiga e danificada, anteriormente dedicada a Cleópatra, demonstrando total desprezo. [[118]](#footnote-118)

Michael Grant descreve o evento como um violento levante contra os judeus de Alexandria, considerado o primeiro pogrom sério da era romana. Sinagogas foram destruídas, judeus expulsos de seus bairros e obrigados a viver amontoados num gueto insalubre e miserável. A comunidade, antes próspera, foi reduzida à pobreza. Gregos instalaram estátuas de Calígula nas sinagogas, profanando os locais sagrados, enquanto o governador Flaco, em vez de proteger os judeus, os declarou "estrangeiros" e incentivou os ataques. Ele ainda autorizou buscas por armas e prendeu líderes judeus. Em um ato cruel e público, esses líderes foram açoitados em um teatro e suas esposas forçadas a comer carne de porco.[[119]](#footnote-119) Filon destaca que, em três séculos de domínio estrangeiro, nenhum outro rei — mesmo aqueles divinizados — ousou tal afronta às sinagogas, e ironiza que os egípcios, que adoram até animais como deuses, jamais tinham feito isso com os judeus, deixando claro que o objetivo não era honrar o imperador, mas humilhar deliberadamente o povo judeu.[[120]](#footnote-120)

Assim como Filon de Alexandria, Flávio Josefo, também relatou os mesmos conflitos entre judeus e gregos em Alexandria. Segundo Josefo, em 42 EC houve uma revolta na cidade entre as duas comunidades. Os judeus, que haviam sido duramente oprimidos durante o reinado de Calígula — tanto por suas ordens quanto pelas hostilidades dos alexandrinos —, se rebelaram ao recuperarem sua força e dignidade. Em resposta, o imperador Cláudio enviou ordens ao governador do Egito para conter o tumulto e publicou um edito oficial. Nesse édito, Cláudio reconhece que os judeus eram antigos habitantes de Alexandria e que possuíam direitos e privilégios garantidos desde os tempos dos reis locais e mantidos pelos imperadores romanos.

Ele condena os abusos cometidos sob Calígula, os quais atribui à "loucura" do imperador, e ordena a restauração dos direitos dos judeus, permitindo-lhes continuar a seguir seus costumes religiosos. Cláudio ainda exorta judeus e gregos a evitarem novos conflitos.[[121]](#footnote-121) Esse testemunho de Josefo reforça o que Filon também descreveu: a existência de tensões étnicas e religiosas profundas em Alexandria, frequentemente agravadas por decisões imperiais e disputas por reconhecimento legal e social. Ambos os autores judeus apresentam os judeus como vítimas da violência grega e como fiéis observadores de sua religião, buscando proteção por meio da autoridade romana.

Portanto, nem nos textos de Filon de Alexandria, e em nenhum livro de Flávio Josefo os autores sugerem qualquer tipo de cooperação entre judeus e gregos. A única passagem em que ele afirma que Jesus “*atraiu a si muitos dos judeus e também dos gregos*” é justamente o *Testimonium Flavianum*. Trata-se, portanto, de uma exceção flagrante a um padrão narrativo amplamente hostil à mistura religiosa. Se o *Testimonium* fosse autêntico em sua forma atual, ele representaria uma mudança temática abrupta que Josefo nunca mais repete em toda a sua obra — o que é altamente improvável para um autor que frequentemente enfatiza sua consistência e fidelidade aos fatos históricos. A passagem, assim, destoa de forma evidente do restante de sua produção e levanta sérias dúvidas quanto à sua autenticidade.

A impossibilidade de amizade ou união entre os judeus e outros grupos é evidente nas narrativas de Josefo, onde disputas territoriais, diferenças religiosas e intrigas políticas frequentemente levam a confrontos sangrentos. O ódio mútuo e as acusações frequentes tornavam difícil qualquer tentativa de reconciliação duradoura. Em resumo, as narrativas de Flávio Josefo e Tácito destacam a dificuldade de coexistência pacífica entre os judeus e gentios em seu tempo, devido a uma série de fatores. Diante dessas informações, o peso das probabilidades recai fortemente sobre a hipótese de interpolação cristã posterior. A notável anomalia de uma suposta aliança entre judeus e gregos — algo inteiramente incompatível com o tom geral das obras de Josefo. Dentro do universo josefiano, não há espaço temático para uma aliança religiosa judeu-grega; ao contrário, ele insiste na animosidade mútua. Portanto, a posição mais parcimoniosa é que Josefo não escreveu o *Testimonium Flavianum*. Aceitar como autêntica a única passagem que contradiz 99,9% do seu relato exige pressupor um Josefo incoerente e inexplicavelmente simpático a uma união religioso-étnica que todo o restante da sua obra (e das fontes contemporâneas) nega. Tal salto lógico precisa do “mínimo de questionamento” acadêmico que o exercício crítico demanda.

Cristo e o Poietes

O fato do termo “Cristo” aparecer apenas em Ant. 18.3.3 parece fazer pouco para sugerir a autenticidade da frase. Steve Mason em *Josephus and the New Testament*, analisa o termo grego "poietes", usado por Josefo como "trabalhador de feitos incríveis". A palavra, que significa "aquele que faz", era especialmente usada para poetas literários na época de Josefo.[[122]](#footnote-122) Mason destaca que Josefo a usou de maneira peculiar, já que, embora etimologicamente se refira a alguém que faz, na prática tinha uma associação específica com poetas, em outros contextos Josefo utilizou essa palavra para se referir a poetas gregos como Homero, o que pode indicar uma incoerência ou estranheza na forma como ele a utilizou no testemunho em questão.[[123]](#footnote-123) A referência do termo “*poietes*” em grego de Eusébio reforça a ideia de uma possível alteração posterior nas obras de Josefo, criando mais um problema quanto à autenticidade do TF.

Expectativa Messiânica

Tem sido frequentemente observado que Josefo evitou o assunto da expectativa messiânica. Mesmo na passagem onde Josefo parece descrever Vespasiano como o cumprimento dos oráculos messiânicos, Josefo não faz uso do termo “Cristo” ou “Messias”. John Dominic Crossan em “*O Jesus Histórico*”, destaca a omissão deliberada de referências explícitas a pretendentes messiânicos por parte de Josefo, implicando que sua concepção da realização das promessas messiânicas estava do lado romano.[[124]](#footnote-124) Crossan alega que Josefo minimizou as crenças apocalípticas judaicas porque sua sobrevivência dependia de sua lealdade a Vespasiano, a quem profetizou como imperador em 67 EC. Essa profecia, mencionada reinterpretava o messianismo judaico em favor de Roma. A ausência de abordagem da expectativa messiânica em relação a Jesus no Testemunho Flaviano é interessante. Se Josefo evitou expressamente o termo "Cristo" para líderes messiânicos, por que chamaria Jesus de Cristo? Se Josefo estava se referindo a um Jesus histórico que lutou contra Roma, seria improvável que ele falasse de modo positivo a seu respeito. Assim, se Josefo conhecia a narrativa de um Jesus histórico como pretendente a Messias, ele teria o apresentado não como um sábio, mas como um bandido, assim como fez com os demais que tentaram enfrentar o domínio romano e os governantes judeus.

Os messias e revolucionários segundo Josefo

Após a partida de Arquelau para Roma no ano 4 AEC, os judeus se revoltaram, levando Varo, governador da Síria, a intervir com uma legião para conter a sedição. Contudo, o procurador Sabino, explorando a situação, saqueou o templo e oprimiu os judeus, provocando outra rebelião.[[125]](#footnote-125) Multidões armadas cercaram os romanos em Jerusalém, dividindo-se em três bandos e sitiaram os palácios e o templo. Após longa resistência, os romanos incendiaram os claustros do templo e massacraram os que resistiam. O saque e destruição causaram enorme indignação popular, enquanto Sabino saqueava o tesouro sagrado. Em meio ao caos, surgiram múltiplos levantes locais. Um deles foi liderado por "Judas", filho de um antigo “chefe de ladrões”, que, em Séforis, saqueou o palácio, armou seguidores e causou destruição para exaltar-se, buscando autoridade real por meio da violência. Outro, "Simão", ex-escravo de Herodes, se autoproclamou rei, pôs um diadema na cabeça e incendiou palácios reais. Seu movimento foi contido por soldados romanos liderados por Grato. Finalmente, "Atronges", pastor de origem humilde e corpulento, também se declarou rei com apoio de seus irmãos, organizando ataques contra romanos e aliados judeus, até ser derrotado por forças de Varo.[[126]](#footnote-126)

Josefo descreve esses líderes messiânicos — "Judas, Simão e Atronges" — de forma deliberadamente negativa. Ele os caracteriza como bandidos, saqueadores e agitadores oportunistas, guiados por ambição e violência, e não como libertadores do povo. O padrão narrativo repete-se: os messias populares surgem em tempos de instabilidade, armam seguidores, desafiam Roma e são rapidamente derrotados. Essa representação reflete a posição política de Josefo, que escreveu sob o patrocínio romano. Ele evita legitimar qualquer resistência anti-romana como expressão religiosa ou nacionalista, mesmo quando havia claros elementos messiânicos. Ao descrever esses homens como ladrões ou usurpadores, Josefo desacredita qualquer movimento revolucionário judeu que não estivesse sob controle da elite sacerdotal ou da monarquia herodiana — exatamente os grupos que mais colaboraram com Roma. Por fim, ao apresentar todos os pretendentes ao messianismo como criminosos e perturbadores da ordem, Josefo parece alinhar-se ao ponto de vista romano, no qual “salvadores” judeus só geravam desordem, destruição e sofrimento ao próprio povo. Assim, sua obra também funciona como um alerta contra novas rebeliões: o messias popular, para Josefo, não salva — ele destrói.

O contexto político da Judeia após a morte de Herodes, o Grande, quando diversos homens — como Judas, Simão e Atronges — tentaram tomar o poder e foram violentamente reprimidos pelos romanos. Josefo descreve esse período como dominado por "bandidagem", com indivíduos se proclamando reis, gerando destruição entre o próprio povo e sendo punidos com crucificações em massa, como as duas mil ordenadas por Varo. Nesse cenário, o procurador romano detinha total autoridade, inclusive para aplicar a pena de morte. Diante disso, podemos questionar por que Jesus foi executado tão rapidamente, se os romanos normalmente não se envolviam em disputas religiosas internas. Segundo os estudiosos, atos como a entrada triunfal em Jerusalém, a purificação do templo e o título de "Rei dos Judeus" levaram os romanos a vê-lo como um potencial agitador político. Mas é isso realmente que nos diz as narrativas dos evangelhos?

Ao longo da história dos conflitos entre romanos e judeus, diversos líderes revolucionários, messiânicos e sediciosos foram mortos sem julgamento formal, conforme relatado pelo próprio Flávio Josefo. No entanto, o chamado "Testemunho Flaviano" apresenta a morte de Jesus como um evento excepcional, supostamente julgado por Pôncio Pilatos sob influência das lideranças judaicas. Desde o início da dominação romana, execuções sumárias foram comuns. Em 3 AEC, Ezequias foi morto por Herodes, o Grande, sem qualquer julgamento.[[127]](#footnote-127) No mesmo período, Simão de Peréia foi decapitado por Grato, enquanto cerca de dois mil de seus seguidores foram crucificados. Atronges, outro rebelde da época, foi morto pelas forças de Varo.[[128]](#footnote-128) Nenhum desses casos envolveu um julgamento formal.

Judas, o Galileu (4 EC), fundador da seita dos zelotas, provavelmente foi eliminado sem qualquer menção a julgamento pois Josefo não menciona o seu fim em *Antiguidades Judaicas* 18.1. João Batista foi executado por Herodes Antipas sem direito a um tribunal.[[129]](#footnote-129) O samaritano, morto por Pilatos em 36 EC, sofreu destino semelhante.[[130]](#footnote-130) Posteriormente, em 46 EC, Teudas, o mágico, foi morto por Cúspio Fado sem julgamento,[[131]](#footnote-131) assim como Tiago e Simão, filhos de Judas, o Galileu, também crucificados por Tibério Alexandre sem julgamento. O padrão continua com o Profeta Egípcio e seus seguidores, enquanto o próprio Egípcio escapou e desapareceu, seus seguidores foram perseguidos e mortos por Félix em 56 EC.[[132]](#footnote-132) Durante a guerra judaica, Menahem, filho de Judas, foi morto por facções rivais em 69 EC. (*Guerra dos Judeus* 2.17), enquanto João de Giscália foi exilado[[133]](#footnote-133) e Simão Bar Gioras foi executado no triunfo de Vespasiano e Tito em 71 EC.[[134]](#footnote-134)

Diante desse histórico, é notável que apenas Jesus seja descrito como tendo sido julgado por Pilatos em um processo influenciado pelos líderes judaicos. Os Evangelhos seguem essa narrativa para alinhar a morte de Jesus a uma trama religiosa, mas Josefo, caso realmente tivesse escrito sobre o evento, provavelmente teria explicado as razões políticas e jurídicas de sua execução, como fez com outros líderes. O silêncio sobre um motivo concreto no Testemunho Flaviano sugere que seu autor estava simplesmente reproduzindo a narrativa dos Evangelhos e não relatando um evento histórico genuíno. A ausência de julgamento em todas as outras execuções registradas por Josefo evidencia a anomalia do Testemunho Flaviano.

No julgamento de Jesus, enquanto a multidão se agitava do lado de fora, Pilatos hesitava. Acostumado a lidar com rebeldes ferozes, incendiários e aspirantes ao trono como os que Josefo relatou em suas obras — Judas, Simão, Atronges, Menahem, Teudas, o Egípcio entre outros — Pilatos sabia bem o que era um verdadeiro agitador. Homens que saqueavam vilas, incitavam rebeliões, reuniam exércitos e desafiavam abertamente Roma. Mas aquele judeu de Nazaré não parecia se encaixar nesse perfil. Pilatos tentou livrar-se da responsabilidade. Primeiro, o enviou a Herodes (Lc 23:6–12), esperando que ele decidisse o destino de Jesus. Herodes, intrigado mas frustrado pelo silêncio de Jesus, o devolveu. Depois, Pilatos apelou à tradição da Páscoa, oferecendo libertar um prisioneiro. Propôs Jesus ao lado de um verdadeiro rebelde e assassino: Barrabás (Mc 15:6–15). Mas a multidão, incitada pelos sacerdotes, escolheu o bandido.

Ainda assim, Pilatos insistiu. “*Que mal fez ele*?” — perguntou (Mt 27:23). Mas não encontrou resposta lógica, apenas gritos de crucificação. O Evangelho de João é ainda mais claro: "*Pilatos procurava libertá-lo*" (Jo 19:12), mas cedeu por medo da acusação de traição ao imperador. E quando finalmente lavou as mãos (Mt 27:24), não foi um gesto teatral, mas um grito silencioso de impotência. Pilatos não viu em Jesus o tipo de homem que os romanos crucificavam. Nenhuma espada, nenhuma milícia, nenhum ataque. Jesus falava em reinos invisíveis e pedia que se amassem os inimigos. Ele não incendiava cidades; acendia consciências. Se fosse um agitador como aqueles que devastaram a Judeia, Pilatos não hesitaria em mandá-lo à cruz.

Mas diante de Jesus, viu algo incomum: um prisioneiro que falava de verdade e silêncio, que enfrentava a morte sem medo. Não era o rosto da rebelião, mas talvez, o de um mártir inocente. Naquele dia, não foi Roma que o condenou, mas a política, o medo e o clamor da multidão de judeus. Pilatos tentou salvá-lo — não uma, mas várias vezes. E, ironicamente, foi o único entre os poderosos a perguntar a um suposto sedicioso prestes a ser executado: "*Que é a verdade*?" (Jo 18:38). Não é possível encontrar o Jesus histórico nessa narrativa de julgamento. O Jesus dos evangelhos, ao contrário dos rebeldes que os romanos esmagaram sem hesitação, não empunhou armas, não pregou ódio contra os romanos, não tentou tomar o trono. Pilatos percebeu isso e tentou salvá-lo do martírio. Apesar de Roma ter executado Jesus, a culpa por sua morte recaiu sobre os judeus e a vingança divina viria quarenta anos depois através dos imperadores Flavianos.

Analisando a sequência dos eventos

A passagem em questão apresenta características distintamente cristãs, interrompe a continuidade do texto. O estilo de escrita não corresponde ao de Josefo, e a ausência de referências a essa passagem por qualquer pessoa antes de Eusébio no século IV levanta suspeitas. Além disso, a seção sobre Pilatos é semelhante à encontrada em "Guerra dos Judeus", escrito por Josefo pelo menos dez anos antes, mas sem a referência ao TF. Para avaliar a passagem, devemos primeiro considerar o **Testemunho Flaviano** no seu contexto histórico. Ele aparece no**Livro XVIII, 3 de Antiguidades Judaicas.** No capítulo 3 onde se encontra o TF, Josefo descreve uma ação controversa de Pilatos, procurador da Judéia, ao trazer imagens de César para Jerusalém, violando as leis judaicas que proíbem a criação de imagens. Isso causou revolta entre os judeus, que protestaram junto a Pilatos por vários dias.

Diante da recusa de Pilatos em atender às demandas, ele ordenou que seus soldados cercassem a multidão, ameaçando-os com a morte imediata. Os judeus, mesmo diante da ameaça de morte, permaneceram firmes em sua posição de preservar as leis sagradas. Impressionado com a determinação dos judeus, Pilatos eventualmente cedeu e removeu as imagens de Jerusalém. Em seguida Josefo narra um evento posterior, datado de 28 EC, no qual Pilatos enfrenta a oposição dos judeus ao tentar trazer uma corrente de água para Jerusalém usando fundos sagrados. A multidão expressa descontentamento, e Pilatos responde enviando soldados armados disfarçados para reprimir os manifestantes. Sob um sinal previamente acordado, os soldados atacam os judeus, resultando em mortes e ferimentos. A ação militar encerra a sedição e reafirma a autoridade de Pilatos sobre a população local. Agora temos o Testemunho Flaviano:

Agora havia naquele tempo JESUS, um homem sábio; se for lícito chamá-lo de homem. Pois ele realizou obras maravilhosas; um professor de homens que recebem a verdade com prazer. Ele atraiu para ele muitos judeus e muitos gentios. Ele era o CRISTO. E quando Pilatos, por sugestão dos principais homens entre nós, o condenou à cruz; aqueles que o amavam a princípio não o abandonaram. Pois ele lhes apareceu vivo novamente, no terceiro dia: como os profetas divinos haviam predito essas e outras dez mil outras coisas maravilhosas a seu respeito. E a tribo de cristãos, assim nomeada por ele, não está extinta até hoje.[[135]](#footnote-135)

Arthur Drews aponta problemas na passagem após remover as supostas interpolações, mas ainda encontra problemas na sua ligação lógica com as narrativas que a precedem e a seguem. Ele aponta que Josefo, conhecido por manter uma conexão lógica em suas declarações, teria considerado a repressão dos judeus por Pilatos e a expulsão dos judeus de Roma como infortúnios.[[136]](#footnote-136) Drews acha estranho que Josefo dedicaria tão poucas e desconexas sentenças ao destino de Jesus se realmente visse sua crucificação como um infortúnio para o povo judeu, questionando ainda mais a autenticidade da passagem. Drews diz o seguinte:

Se Josefo realmente considerava o destino de Jesus como um infortúnio para o seu povo, por que ele se contentou em dedicar-lhe algumas sentenças parcas e sem vida? Por que ele ficou em silêncio sobre os seguidores de Jesus?[[137]](#footnote-137)

Muitos historiadores argumentam que a passagem interrompe a continuidade da narrativa e contém termos incomuns nos textos de Josefo. Além disso, o trecho está inserido sem conexão com os eventos anteriores e posteriores, que tratam de um castigo militar em Jerusalém e de um escândalo envolvendo a deusa Ísis. Esses dois episódios, sugerem que o TF não faz parte da estrutura original do texto. Na sequência do Testemunho Josefo o texto apresenta a informação de outra calamidade entre os judeus e em Roma.[[138]](#footnote-138) O texto inicia relatando um incidente vergonhoso no templo de Ísis, onde um homem chamado Mundus se apaixonou por Paulina, uma mulher casada de alta reputação. Josefo escreve: “*Na mesma época, outra triste calamidade também colocou os judeus em desordem: e certas práticas vergonhosas aconteceram no templo de****Ísis****, que estava em Roma”.[[139]](#footnote-139)*

Segundo Josefo, após tentativas frustradas de conquistar Paulina com presentes, Mundus planejou morrer de fome. Sua liberta, Ide, convenceu-o a esperar enquanto ela garantia uma noite com Paulina por cinquenta mil dracmas. Ide subornou sacerdotes de Ísis, que prometeram seduzir Paulina. Um dos sacerdotes, disfarçado de mensageiro divino, convenceu Paulina de que o deus Anúbis a desejava. Mundus, escondido no templo, desfrutou da companhia de Paulina, que acreditava estar com o deus. Mais tarde, Paulina confessou o ardil ao marido, e o caso foi revelado ao imperador Tibério. Este investigou, crucificou os sacerdotes, demolindo o templo de Ísis e jogando sua estátua no rio Tibre. Mundus foi banido, pois Tibério acreditou que seu crime era causado pela paixão. Esses eventos são mencionados em relação aos judeus em Roma.

O trecho que menciona Jesus surge abruptamente e sem conexão lógica com os eventos narrados antes, os quais envolvem as ações de Pilatos, e os eventos posteriores. Antes do Testemunho Flaviano, Josefo relata calamidades causadas por Pilatos, mas não há uma transição lógica principalmente quando continuamos após o Testemunho Flaviano. Essa desconexão sugere uma interpolação cristã posterior, aproveitando o contexto de calamidades causadas por Pilatos, mas sem modificar o texto adjacente para uma transição suave, o que não condiz com o estilo cuidadoso de Josefo. Essa falta de continuidade não é típica de Josefo, indicando que a passagem pode ter sido inserida para validar a figura de Jesus.

Um ponto importante que devemos nos atentar é que a morte de Jesus não causou uma comoção geral aos judeus, ou seja, não se trata de uma calamidade. Em seguida ao problema de Décio Mundus, Josefo cita outro problema com a comunidade judaica em Roma. Josefo comenta sobre um judeu expulso de sua terra por violar as leis locais, vivendo em Roma, enganou Fulvia, uma mulher influente que se converteu ao judaísmo, persuadindo-a a enviar púrpura e ouro ao templo em Jerusalém. Ele e três comparsas usaram o dinheiro para si mesmos, levando a uma investigação conduzida por Tibério, que, informado por Saturnino, marido de Fulvia, ordenou a expulsão de todos os judeus de Roma. Quatro mil foram enviados para a ilha Sardenha, enquanto outros foram punidos por se recusarem a se tornar soldados. Assim, a iniquidade de quatro homens resultou no banimento dos judeus da cidade. Perceba que a sequência entre os primeiros problemas de sedição envolvendo Pilatos, o Testemunho Flaviano mencionando Jesus e em seguida outras calamidades são contraditórias e somente tem sentido se eliminarmos justamente o Testemunho Flaviano do meio.

****Pontos a analisar no capítulo que contém o Testemunho Flaviano:****

1 – O texto sobre Jesus quebra a continuidade da narrativa sobre as calamidades causadas pelas sedições dos judeus em relação as ações de Pilatos;

2 – Josefo dá mais importância para a história de uma mulher chamada Paulina que foi enganada por Décio Mundus e outra mulher chamada Fulvia que foi roubada por quatro judeus.

Sobre os eventos de Pilatos e a sequência sobre Jesus:

Vamos fazer um exercício e ver se ao retirarmos o Testemunho Flaviano, o início do texto sobre Paulina e Décio Mundus pode se encaixar melhor ao final sobre a vida de Pilatos:

E, como o povo estava desarmado e foram pegos por homens preparados para o que era, muitos deles foram mortos por esse meio; outros fugiram feridos. **E assim foi posto um fim a essa sedição**.[[140]](#footnote-140)

**Agora havia naquele tempo JESUS, um homem sábio; se for lícito chamá-lo de homem.** Pois ele realizou obras maravilhosas; um professor de homens que recebem a verdade com prazer. Ele atraiu para ele muitos judeus e muitos gentios. Ele era [o] CRISTO. E quando Pilatos, por sugestão dos principais homens entre nós, o condenou à cruz; aqueles que o amavam a princípio não o abandonaram.[[141]](#footnote-141)

Sobre os eventos de Pilatos e a sequência sobre Décio Mundus:

“E, como o povo estava desarmado e foram pegos por homens preparados para o que era, muitos deles foram mortos por esse meio; outros fugiram feridos. **E assim foi posto um fim a essa sedição**”. [[142]](#footnote-142)

**Na mesma época, outra triste calamidade também colocou os judeus em desordem:** e certas práticas vergonhosas aconteceram no templo de Ísis, que estava em Roma. Agora, primeiro observarei a tentativa perversa sobre o templo de Ísis; e então farei um relato dos assuntos judaicos. [[143]](#footnote-143)

Perceba que a estrutura narrativa entre as duas passagens onde a continuação de uma relacionada a Jesus e a outra envolvendo Décio Mundus e Paulina são contrastantes. Se retirarmos a parte sobre Jesus, a continuidade do relato sobre Pilatos e a vida de Décio Mundus e Paulina se encaixa de forma mais coesa. O trecho inicial aborda um evento de sedição, onde muitos foram mortos e outros ficaram feridos, encerrando a tumultuada situação. Em seguida, há uma transição para o relato sobre Jesus, alegando que ele era um sábio, descrevendo suas ações notáveis, sua influência sobre judeus e gregos e sua condenação à cruz por Pilatos. Por que Josefo atribui menos importância a Jesus, descrito como um sábio que morreu nas mãos de Pilatos, do que a um incidente envolvendo uma mulher enganada por um homem disfarçado de deus egípcio e outra mulher que foi roubada por quatro judeus?

Ao comparar essa estrutura com a passagem sobre Décio Mundus, a qual começa com a referência a uma calamidade anterior e agora uma nova calamidade sobre a relação de Mundus e Paulina, a narrativa flui de maneira mais natural. O texto na sequência depois de Décio Mundus aborda uma outra calamidade entre os judeus que enganaram uma mulher influente e por isso muitos judeus foram expulsos de Roma. Assim, a referência sobre as calamidades na época de Pilatos, o caso de Décio Mundus e a expulsão de judeus de Roma como calamidades, flui de uma forma melhor quando desvinculada da parte sobre Jesus, sugerindo uma melhor conexão na narrativa de Josefo. Além desse problema, se analisarmos a quantidade de texto dedicado a Jesus em comparação à Décio Mundus e no caso de Fulvia, é incrivelmente insignificante.

Não há interpolação no Testemunho Flaviano

A ausência de interpolação no *Testemunho Flaviano* pode ser confirmada pelo fato de que Sozomeno, escrevendo no século V e provavelmente utilizando Eusébio como fonte, cita a passagem parafraseando em sua totalidade, incluindo os trechos que alguns estudiosos consideram interpolações cristãs. Se houvesse variações significativas ou indícios de que o texto original de Josefo era diferente, seria esperado que Sozomeno, ao reproduzi-lo, apresentasse uma versão alternativa ou ao menos modificada. No entanto, a fidelidade ao texto eusebiano sugere que a versão do *Testemunho Flaviano* transmitida por Eusébio já era amplamente aceita e circulava sem contestação entre os escritores cristãos, indicando que o texto, em sua forma completa, era conhecido e utilizado desde os primeiros séculos do cristianismo.

Sozomeno, historiador da Igreja do século V, escreveu sua História Eclesiástica com o objetivo de continuar o trabalho de Eusébio, cobrindo o período de 323 a 439 EC. Embora sua obra tenha um estilo considerado superior ao de Sócrates Escolástico, ela apresenta menor rigor na análise histórica. Ele utilizou diversas fontes, incluindo Sócrates, de quem dependeu amplamente para informações sobre os Novacianos. Sua abordagem histórica foi guiada por um forte viés providencialista, enxergando o cristianismo como instrumento divino na história da humanidade. Entre suas referências a historiadores antigos, Sozomeno destacou a importância de Josefo para a compreensão da história judaica e cristã, além de reconhecer a relevância de Eusébio como seu predecessor.

Sozomeno, ao citar Josefo como uma “testemunha notável da verdade a respeito de Cristo, reproduz integralmente a versão do *Testemunho Flaviano* apresentada por Eusébio, incluindo os trechos amplamente considerados interpolações cristãs, como a afirmação de que Jesus era “o Cristo” e que ressuscitou ao terceiro dia. Sozomeno escreve:

Josefo, filho de Matias, também sacerdote, e o mais distinto entre judeus e romanos, pode ser considerado uma testemunha notável da verdade a respeito de Cristo; pois ele hesita em chamá-lo de homem, uma vez que realizou obras maravilhosas e foi um professor de doutrinas verdadeiras, mas abertamente o chama de Cristo; que Ele foi condenado à morte na cruz, e apareceu vivo novamente no terceiro dia. Tampouco Josefo ignorava inúmeras outras predições maravilhosas proferidas de antemão pelos santos profetas concernente a Cristo. Ele ainda testifica que Cristo trouxe muitos para Si, tanto gregos quanto judeus, que continuaram a amá-Lo, e que as pessoas que receberam Seu nome não foram extintas. Parece-me que, ao narrar essas coisas, ele quase proclama que Cristo, em comparação com as obras, é Deus.[[144]](#footnote-144)

Aqui temos uma questão fundamental: Sozomeno estava realmente consultando a obra de Josefo, ou apenas reproduzindo a versão transmitida por Eusébio? Se ele estivesse lendo diretamente Josefo, seria esperado que sua citação apresentasse uma versão mais neutra ou, ao menos, com alguma variação em relação à de Eusébio. No entanto, a notável fidelidade ao texto eusebiano sugere que sua principal fonte era a *História Eclesiástica* de Eusébio, e não os escritos originais de Josefo. Isso reforça a hipótese de que a interpolação do *Testemunho Flaviano* já estava consolidada no meio cristão do século IV, sendo perpetuada por Eusébio e posteriormente aceita sem questionamento por autores como Sozomeno.

Além disso, essa constatação coloca em xeque a ideia de que a versão árabe do *Testemunho Flaviano*, atribuída a Agápio, seria a forma original do texto de Josefo, apenas com supressões das interpolações cristãs. Se Sozomeno, um historiador do quinto século, o qual estaria se baseando em Eusébio cita o *Testemunho Flaviano* exatamente como ele o transmitiu, isso implica que essa versão já circulava como autêntica na tradição cristã, não necessariamente em Josefo. Logo, o texto de Agápio, além de estar parafraseando Eusébio, buscou remover ideias apologéticas e suavizar sua teologia para mostrar Josefo como alguém não cristão, dando assim mais credibilidade a passagem. Dessa forma, a questão essencial permanece: Sozomeno realmente leu Josefo, ou apenas absorveu a leitura cristianizada de Eusébio como fez Agápio? E, se a interpolação já estava consolidada no século V, isso reforça a suspeita de que a versão eusebiana tenha sido a principal responsável pela fixação do *Testemunho Flaviano* na tradição cristã.

Mesmo com interpolação parcial o Testemunho Flaviano seria falso

Uma análise detalhada indica que o Testemunho Flaviano não foi escrito por Josefo, mas por um autor que se baseou em textos cristãos já existentes, em vez de em um Jesus histórico. Mesmo removendo trechos geralmente considerados interpolações, o que resta ainda não resiste a um exame crítico rigoroso. Abaixo segue o texto completo com as referidas interpolações em itálico e entre parênteses:

Havia neste tempo Jesus, um homem sábio (*se é lícito chamá-lo de homem, porque ele foi o autor de coisas admiráveis, um professor tal que fazia os homens receberem a verdade com prazer*). Ele fez seguidores tanto entre os judeus como entre os gregos. (*Ele era o Cristo.)* E quando Pôncio Pilatos, seguindo a sugestão dos principais entre nós, condenou-o à cruz, os que o amaram no princípio não o esqueceram; (*porque ele apareceu a eles vivo novamente no terceiro dia; como os divinos profetas tinham previsto estas e milhares de outras coisas maravilhosas a respeito dele*). E a tribo dos cristãos, assim chamados por causa dele, não está extinta até hoje.[[145]](#footnote-145)

A passagem ficaria com essas informações:

- Havia neste tempo Jesus, um homem sábio;

- Ele fez seguidores tanto entre os judeus como entre os gregos;

- E quando Pôncio Pilatos, seguindo a sugestão dos principais entre nós, condenou-o à cruz, os que o amaram no princípio não o esqueceram;

- E a tribo dos cristãos, assim chamados por causa dele, não está extinta até hoje.

Primeiramente, o Testemunho Flaviano começa afirmando que "*Havia neste tempo Jesus, um homem sábio*". A designação de Jesus como "homem sábio" é uma formulação que ecoa diretamente a maneira como os Evangelhos descrevem Jesus como "mestre" ou "rabino". Em passagens como Mateus 23:8-10, Marcos 10:17 e João 3:2, Jesus é chamado de Mestre, indicando sua autoridade em sabedoria e ensino. No segundo século um autor chamado Mara Serapião citando Jesus diz:

Pois que benefício os atenienses obtiveram ao matar Sócrates, visto que receberam como retribuição por isso fome e pestilência? Ou o povo de Samos pela queima de Pitágoras, visto que em uma hora todo seu país foi coberto de areia? Ou os judeus pelo assassinato de seu **Rei Sábio**, visto que desde aquele momento seu reino foi expulso deles?[[146]](#footnote-146)

Assim, o autor do Testemunho parece ter extraído essa caracterização diretamente da tradição cristã, e não de uma fonte histórica independente.

Outro ponto crucial do Testemunho é a afirmação de que "*Ele fez seguidores tanto entre os* ***judeus*** *como entre os* ***gregos***". Essa afirmação está presente em 1 Coríntios 1:18-24, onde Paulo afirma que “*Cristo é o poder de Deus tanto para* ***judeus*** *quanto para* ***gregos****”*. Eusébio de Cesareia, em "História Eclesiástica" (Livro 2, 23), também reforça essa ideia ao afirmar que Jesus "*se tornou uma verdadeira testemunha, tanto para judeus como para gregos*". No entanto, os Evangelhos indicam que a pregação de Jesus era quase exclusivamente voltada para os judeus, sendo a conversão dos gregos um fenômeno posterior, promovido por Paulo. O autor do Testemunho Flaviano parece, portanto, estar ecoando a tradição paulina e eusebiana, e não relatando um fato histórico.

O trecho que descreve a condenação de Jesus segue a estrutura dos Evangelhos: "*E quando Pôncio Pilatos, seguindo a sugestão dos principais entre nós, condenou-o à cruz, os que o amaram no princípio não o esqueceram".* Nos Evangelhos, a condenação de Jesus ocorre exatamente dessa maneira: os líderes judeus influenciam Pilatos para que ele o crucifique (Mateus 27:1-2, 11-26; Marcos 15:1-15; Lucas 23:1-25; João 18:28-40). Pilatos, relutante, mesmo não encontrando crimes em Jesus cede à pressão dos sacerdotes. No entanto, essa narrativa é teológica e não jurídica, pois não apresenta um crime concreto pelo qual Jesus foi condenado. Se Josefo tivesse realmente escrito essa passagem, ele, como historiador judeu, teria especificado um motivo plausível para a execução de Jesus, como sedição contra Roma ou algum crime previsto na legislação romana. O fato de o Testemunho apenas reproduzir a versão dos Evangelhos, sem um fundamento jurídico para a condenação, sugere que seu autor estava se baseando na literatura cristã e não em uma fonte histórica independente.

Por fim, o Testemunho conclui afirmando que "a tribo dos cristãos, assim chamados por causa dele, não está extinta até hoje". Mesmo que o termo "Cristo" fosse removido desta passagem, a formulação ainda implica que os cristãos derivam seu nome de Jesus. Isso entra em contradição com outra passagem de Josefo, que menciona Tiago como "irmão de Jesus, chamado Cristo". Essa inconsistência aponta para a inserção tardia do Testemunho por um autor cristão.

Alguns pontos para refletir em relação ao Testemunho Flaviano

1 - Os escritos dos Pais da Igreja dos séculos II e III como Justino, Irineu, Tertuliano, Clemente de Alexandria, Orígenes entre outros, mesmo conhecendo as obras de Josefo, curiosamente nunca referenciaram o Testemunho Flaviano em suas defesas do cristianismo.

2 - Josefo publicou as Antiguidades Judaicas entre 93 EC e 95 EC. Surpreendentemente, vinte anos antes, em sua obra Guerra dos Judeus, ele também citou a passagem sobre Pilatos idêntica à de Antiguidades, mas não fez menção ao TF.

3 - Josefo menciona quatro seitas, incluindo Fariseus, Saduceus, Essênios e Zelotas, mas não faz nenhuma referência aos cristãos. Se os cristãos estavam ativos na época, por que Josefo não abordou sobre eles em Guerra dos Judeus e Antiguidades Judaicas fornecendo mais detalhes como as outras seitas?

4 - No Testemunho Flaviano, Josefo chama Jesus de "Cristo", ou seja o “Messias”, algo significativo, considerando as expectativas judaicas em relação ao Messias que os libertaria dos Romanos. No entanto, em Guerra dos Judeus, Josefo designa os imperador Vespasiano como o verdadeiro “Messias” profetizado em um oráculo ambíguo. Essa discrepância levanta questões sobre a consistência do relato de Josefo em relação a Jesus.

5 - É notável que, embora Josefo escreva sobre distúrbios na Judéia e esteve residindo em Roma depois de 70 EC, não há menção sobre os problemas com os cristãos, principalmente na época de Nero e nem de Domiciano.

6 - O testemunho de Jesus consiste em dois parágrafos. Josefo habitualmente escreve capítulos e mais capítulos sobre pessoas comuns e vários pretendentes a “Messias”.  Por que um homem “sábio”, que uniu tanto judeus e gregos que se odiavam e uma seita tão oposta ao judaísmo receberam tão pouca atenção de Josefo?

7 - Josefo tinha acesso a uma ampla gama de livros em circulação em Roma e Israel, isso levanta à questão de como ele poderia dedicar apenas dois parágrafos a Jesus, mesmo com Evangelhos e outros documentos circulando em sua época. Enquanto escrevia extensamente sobre bandidos e pessoas comuns, dedicar apenas dois parágrafos a um homem que realizou milagres, era chamado de Cristo e foi crucificado por Pilatos, o qual matou muitos judeus sem julgamento, levanta dúvidas sobre a autenticidade do Testemunho Flaviano.

Capítulo 4

# O Julgamento e Crucificação de Jesus desconstrói o Testemunho Flaviano

Pôncio Pilatos foi uma figura proeminente como governador da Judéia entre 26 e 36 EC. Sua existência histórica foi confirmada por uma inscrição encontrada em 1961[[147]](#footnote-147), ligando-o ao reinado de Tibério. Como governador, Pilatos tinha autoridade judicial sobre a Judéia. Ele enfrentava o desafio de proteger os interesses romanos enquanto mantinha a população local pacífica, especialmente sem apoio militar direto nos primeiros anos de seu mandato. Tanto o Pilatos histórico quanto o fictício dos Evangelhos apresentam características distintas, sendo o primeiro marcado por sua corrupção, vingança e crueldade. Ele era inflexível em suas decisões, executando inocentes sem julgamento e nutrindo um ódio profundo pelos judeus.

Por outro lado, o Pilatos retratado nos Evangelhos é descrito como benevolente e justo, flexível em suas decisões e sensível às questões humanas. Ele demonstra uma disposição para absolver inocentes durante julgamentos e mantém uma postura cordial com os judeus, o que contrasta fortemente com o comportamento violento e intolerante do Pilatos histórico. Os Evangelhos afirmam que Jesus foi condenado por se declarar Rei dos Judeus, desafiando a autoridade romana. Além disso, mencionam que sua crucificação cumpriu uma profecia não especificada. Surpreendentemente, Pilatos o declara inocente, mas o condena a morte por pressão dos líderes do Sinédrio.

A perícope do Testemunho Flaviano centra-se no julgamento e na ressurreição de Jesus, um enfoque que, por si só, já deve despertar nossa atenção. Mesmo removendo o título de Cristo e a menção à ressurreição, ainda restam elementos claramente inspirados nos evangelhos. Além disso, a omissão dos motivos do julgamento de Jesus perante Pilatos contradiz o estilo minucioso de Josefo ao tratar de disputas e condenações. Isso nos leva a uma questão central: o julgamento de Jesus foi um evento real ou uma construção literária? Se for fictício, o Testemunho Flaviano não apenas perde seu valor como evidência de um Jesus histórico, mas se revela como uma provável interpolação tardia para inseri-lo na tradição cristã.

Pilatos histórico X Pilatos fictício

O Pilatos histórico

Pilatos é retratado nos Evangelhos como um governador relutante em condenar Jesus, afirmando não encontrar culpa nele, mesmo diante da acusação de sedição por se declarar “rei dos judeus”. Apesar disso, cede à pressão da multidão e ordena a crucificação, como mostra Marcos 15:12-15. Em Mateus 27:24, Pilatos lava as mãos simbolicamente para mostrar que não assume a culpa pela morte de Jesus. Esse retrato sugere um líder que, embora hesitante, prioriza a manutenção da ordem e aplaca tensões políticas ao custo de uma condenação injusta.

Alguns sugerem que essa visão benevolente foi desenvolvida após a separação entre os cristãos e o judaísmo, para colocar toda a culpa pela morte de Jesus nos judeus. De acordo com essa interpretação, estudiosos questionam se o julgamento pelo Sinédrio realmente ocorreu, argumentando que as passagens sobre isso não se alinham com o que é conhecido sobre os procedimentos do tribunal. Se Jesus violou a lei judaica o próprio Sinédrio teria condenado à pena de morte, sugerindo que o episódio foi uma invenção e que Jesus sendo considerado uma ameaça política pelos romanos não passa de teologia pois o Pilatos das narrativas não teria visto nenhum crime em Jesus.

Outros acreditam que Pilatos era mais indiferente às questões religiosas e poderia ter usado o julgamento de Jesus como uma oportunidade para aplacar os líderes judeus e manter a paz. Em Mateus 27: 19 por exemplo, a mulher de Pilatos manda uma mensagem para ele não se envolver na execução de Jesus. Segue a passagem: “*E, estando ele assentado no tribunal, sua mulher mandou-lhe dizer:* *Não entres na questão desse justo, porque num sonho muito sofri por causa dele*”.

A percepção dos estudiosos sobre o julgamento de Jesus por Pilatos pode variar, mas muitos concordam que os relatos nos evangelhos mostram uma incoerência com os relatos de Filon de Alexandria e do próprio Flávio Josefo. Filon de Alexandria, que viveu durante a mesma época de Jesus, retratou Pilatos como uma figura cruel, associada à sua corrupção, brutalidade, atos de roubo, assaltos, comportamento abusivo, execuções frequentes de prisioneiros não julgados e uma ferocidade sem restrições. Segundo Josefo, Pilatos iniciou seu governo enviando soldados para colocar escudos e insígnias romanas em Jerusalém durante a noite, causando revolta entre os cidadãos. Após pedidos para remover as insígnias, Pilatos ameaçou os manifestantes com a morte. Apesar das ameaças, os judeus preferiram enfrentar a morte a permitir a profanação da Lei Mosaica. Diante da disposição dos judeus em morrer, Pilatos eventualmente cedeu e removeu as imagens para evitar um conflito sangrento. Aqui está a passagem de Josefo sobre o incidente:

Agora Pilatos, que foi enviado como procurador para a Judéia por Tibério, enviou à noite aquelas imagens de César que são chamadas de alferes, em Jerusalém. Isso provocou um grande tumulto entre os judeus quando era dia; pois aqueles que estavam perto deles ficaram surpresos ao vê-los, como indicações de que suas leis foram pisadas; pois essas leis não permitem que nenhum tipo de imagem seja trazido para a cidade. (...) No dia seguinte, Pilatos sentou-se em seu tribunal, no mercado aberto, e chamou-lhe a multidão, desejosa de lhes dar uma resposta; e depois deu um sinal aos soldados, para que todos eles concordassem de uma só vez com os judeus com suas armas; então o bando de soldados ficou em volta dos judeus em três fileiras.  Os judeus estavam sob a maior consternação diante daquela visão inesperada. Pilatos também lhes disse que deveriam ser cortados em pedaços, a menos que admitissem as imagens de César, e sugerissem aos soldados que sacassem suas espadas nuas. Então os judeus, por assim dizer, caíram em grande número juntos, e expuseram seus pescoços nus, e gritaram que estavam mais prontos para serem mortos, do que suas leis fossem transgredidas. Pilatos ficou surpreso com a superstição prodigiosa deles.[[148]](#footnote-148)

Josefo relata um outro incidente em que Pilatos utilizou dinheiro do Templo para construir um aqueduto, provocando a ira dos judeus. [[149]](#footnote-149) Quando eles protestaram, Pilatos ordenou que seus soldados se disfarçassem entre a multidão e os atacassem com bastões, resultando em várias mortes. Muitos judeus foram pisoteados até a morte na confusão. Esses eventos destacam a brutalidade de Pilatos e a violência que ele empregou para reprimir protestos. O mandato de Pilatos como prefeito da Judéia chegou ao fim após um incidente descrito por Josefo. Quando um grupo de samaritanos foi persuadido a ir ao monte Gerizim para ver artefatos sagrados, Pilatos enviou tropas para confrontá-los, resultando em mortes e prisões. Ele também condenou à morte líderes judeus influentes.

Os samaritanos reclamaram com o governador romano da Síria, que enviou Pilatos a Roma para explicar suas ações a Tibério. Pilatos foi removido de seu cargo e chamado a Roma, mas o imperador Tibério morreu quando ele estava a caminho.[[150]](#footnote-150) Filon de Alexandria relata um incidente no qual Pilatos foi repreendido pelo imperador Tibério por antagonizar os judeus ao colocar escudos revestidos de ouro no Palácio de Herodes em Jerusalém. Filon descreve os escudos como uma provocação à multidão e relata que os judeus protestaram contra eles. Quando Pilatos se recusou a removê-los, Filon escreveu a Tibério, que repreendeu Pilatos e ordenou a retirada dos escudos. Filon também descreve a personalidade de Pilatos como vingativa, temperamental, corrupta e cruel, acusando-o de insultar e assassinar pessoas sem julgamento ou condenação.[[151]](#footnote-151) Filon relatou assim:

Mas esta última frase o exasperou no maior grau possível, pois ele menos temia que eles pudessem, na realidade, ir para uma embaixada ao imperador, e poderia impugná-lo com relação a outros detalhes de seu governo, em relação à sua corrupção, e seus atos de insolência, e sua rapina, e seu hábito de insultar as pessoas, e sua crueldade, e seus contínuos assassinatos de pessoas não julgadas e não condenadas, e sua interminável e gratuita e mais dolorosa desumanidade. Portanto, estando extremamente zangado, e sendo em todos os momentos um homem das paixões mais ferozes, ele estava em grande perplexidade, nem se aventurando a derrubar o que havia estabelecido, nem desejando fazer qualquer coisa que pudesse ser aceitável para seus súditos, e ao mesmo tempo estar suficientemente familiarizado com a firmeza de Tibério nesses pontos.[[152]](#footnote-152)

O Pilatos fictício dos Evangelhos

Há várias contradições nos quatro evangelhos sobre o julgamento e crucificação. Segundo Marcos 14:53, Jesus foi julgado pelo Sinédrio, enquanto Mateus 26: 3, Lucas 22: 54 dizem que foi levado a sala do sumo sacerdote Caifás e João menciona as casas do sumo sacerdote Anás (João 18:13) e depois Caifás (João 18:24). Marcos e Mateus falam de um julgamento noturno, mas Lucas inclui um julgamento diante de Herodes Antipas. As testemunhas contra Jesus não concordaram, o que pela lei judaica invalidaria o julgamento, sugerindo que Jesus foi incriminado. Segundo o jurista Haim Cohn, os tribunais judaicos possuíam autoridade para emitir mandados de prisão e frequentemente o faziam.[[153]](#footnote-153) Contrariamente à alegação de que a prisão de Jesus foi ordenada pelos judeus, a lei judaica exigia ao menos alguma evidência para deter um suspeito, como testemunhas oculares ou provas mínimas de culpa. Mesmo com uma única testemunha, um suspeito poderia ser detido, mas não julgado. Para Haim Cohn, essa abordagem é a-histórica e não pode ser usada para defesa ou acusação.[[154]](#footnote-154)

O sumo sacerdote questionou Jesus se ele era o Filho do Altíssimo, e Jesus afirmou, citando Daniel 7:13-14 sobre o Filho do Homem. Isso por si só nos mostra que a narrativa é puramente teológica e não real. O sumo sacerdote considerou isso como blasfêmia, rasgou suas vestes em sinal de luto, e o concílio sentenciou Jesus à morte. No judaísmo, a blasfêmia implicava calúnia contra Deus e idolatria, punida com apedrejamento, mas declarar-se o Messias não era considerado um crime. Se declarar Messias era um problema apenas para os reis e governantes romanos. O historiador Josefo documentou vários indivíduos que se proclamavam Messias sem serem executados pela Lei Judaica; no entanto, segundo Josefo, todos os pretendentes a Messias foram executados tanto pelos romanos quanto pelos governantes da Judeia justamente por promoverem revoltas ou simplesmente por acharem que qualquer pessoa como João Batista, ao ter muitos seguidores poderiam gerar problemas.

Pilatos, o bonzinho

Pilatos declarou a inocência de Jesus nos quatro Evangelhos onde diz não encontrar culpa nele. Os evangelistas descrevem Pilatos como convencido da inocência de Jesus, mas ele hesita em absolvê-lo diretamente. Em vez disso, Pilatos oferece-se para libertar Jesus como um ato de graça, baseando-se em um costume de soltar um prisioneiro na Páscoa. Pilatos propõe ao povo escolher entre Jesus e Barrabás, mas os evangelistas contradizem-se: dizem que os judeus podiam exigir a libertação de qualquer prisioneiro, mas Pilatos restringiu a escolha a Jesus ou Barrabás. Além disso, Jesus foi crucificado com outros dois homens, sugerindo que havia mais prisioneiros sob custódia, isso levanta um questionamento: por que Pilatos limitou a escolha apenas à Barrabás? De acordo com Robert H. Stein, [[155]](#footnote-155) Pilatos considerava Jesus inocente e ele é executado não por ser culpado de algum crime, mas sim por causa da inveja dos inimigos judeus.

Somente em Lucas, Pilatos declara Jesus inocente três vezes: “*E disse Pilatos aos principais dos sacerdotes, e à multidão: Não acho culpa alguma neste homem*”. (Lucas 23: 4). “*Haveis-me apresentado este homem como pervertedor do povo; e eis que, examinando-o na vossa presença, nenhuma culpa, das de que o acusais, acho neste homem*”. (Lucas 23: 4). “*Falou, pois, outra vez Pilatos, querendo soltar a Jesus. Mas eles clamavam em contrário, dizendo: Crucifica-o, crucifica-o*”. (Lucas 23: 20-21). Na passagem, mesmo Jesus assumindo a sua posição como Rei dos Judeus, Pilatos diz que o considera inocente. Lucas diz: “*E Pilatos perguntou-lhe, dizendo: Tu és o Rei dos Judeus? E ele, respondendo, disse-lhe: Tu o dizes.*” (Lucas 23: 3).

A expressão em português "*Tu o dizes*" pode ser usada como uma maneira de concordar ou afirmar algo dito por outra pessoa. Geralmente, é empregada para indicar que a pessoa está de acordo com a afirmação feita por alguém, expressando consentimento ou concordância, ou simplesmente a pessoa quis dizer: "**você está certo**" ou "concordo contigo". Essa imagem de Pilatos é totalmente inaceitável diante dos testemunhos de Filon e Josefo.

Mateus relata Pilatos lavando as mãos do caso e atribui a crucificação de Jesus aos judeus: “*Estou inocente do sangue deste justo. Considerai isso*”, e todos os judeus presentes aceitaram a responsabilidade pela morte de Jesus: “*E, respondendo todo o povo, disse: O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos*”. (Mateus 27:24-25). Essa frase foi usada posteriormente para justificar atitudes e ações anti-semitas. Marcos também utiliza Salmos de lamento e passagens de Isaías sobre o "servo sofredor" para mostrar que a execução de Jesus cumpria profecias das Escrituras, indicando que sua morte não foi por crime de sedição, mas parte de um plano profético. Se sua morte fazia parte de uma profecia divina consequentemente nem mesmo Pilatos poderia evitar.

O Julgamento e Crucificação de Jesus como ficção

O processo de julgamento de Jesus por Pilatos, frequentemente retratado de maneira dramática em produções cinematográficas de Hollywood, é considerado por muitos historiadores mais como uma encenação fictícia para intensificar a dramaticidade da narrativa. Ao longo dos séculos, a narrativa do julgamento de Jesus por Pôncio Pilatos tem sido um ponto central nas tradições cristãs. No entanto, ao mergulharmos nos escritos de Filon de Alexandria e Flávio Josefo, surge uma perspectiva contraditória a sua veracidade. Essas fontes históricas apresentam Pilatos como cruel, vingativo e inflexível, em desacordo com a imagem retratada nos Evangelhos. Enquanto as narrativas bíblicas sugerem um Pilatos submisso aos pedidos dos judeus para crucificar Jesus e sua tentativa insistente de inocenta-lo, as descrições de Filon e Josefo revelam um governador romano cruel e conhecido por condenar judeus sem julgamento, lançando luz sobre o famoso julgamento de Jesus. Essas evidências, questionam a narrativa estabelecida pela história e buscando uma reflexão crítica sobre o julgamento de Pilatos e a crucificação de Jesus como possível narrativa fictícia.

Apesar de Pilatos ser uma figura historicamente documentada por autores como Filon de Alexandria e Flávio Josefo, a figura de Jesus é vista por alguns como mitológica e o julgamento como ficção. De acordo com os Evangelhos, Jesus foi detido em Jerusalém durante a Páscoa, uma época em que a cidade estava repleta de judeus de diversas regiões, criando uma atmosfera política e religiosa particularmente tensa. No livro "Zelota" de Reza Aslan, o autor descreve o caráter de Pôncio Pilatos, o governador romano em Jerusalém durante a era de Jesus. Aslan argumenta que Pilatos não era um defensor de julgamentos justos e tinha uma propensão a enviar numerosas pessoas à crucificação com pouca hesitação. Ao abordar o julgamento de Jesus, Aslan questiona a veracidade do evento, sugerindo que a ideia de Pilatos concedendo um julgamento justo a Jesus pode exigir uma dose significativa de imaginação. Aslan levanta duas possibilidades: ou Jesus representava uma ameaça para a estabilidade de Jerusalém, ou o episódio do "julgamento diante de Pilatos" é uma invenção. Sobre isso Aslan diz: ***“A noção de que Pilatos ficaria na mesma sala que Jesus e, mais ainda, dar-lhe um julgamento requer muita imaginação”.***[[156]](#footnote-156)

Para alguns estudiosos a narrativa dos evangelistas visa culpar os judeus sobre a morte de Cristo e estabelece assim uma divisão entre o Cristianismo e o Judaísmo.[[157]](#footnote-157) Outros como nos diz Robert Stein, alegam que a passagem não passa de uma ficção para tirar a culpa dos romanos e responsabilizar a liderança judaica pela morte de Jesus.[[158]](#footnote-158) De acordo com Antonio Auggusto João, alguns estudiosos consideram a descrição do julgamento de Jesus como improvável e distante das práticas de Pilatos na Palestina. Jesus, sendo um pregador da Galileia, provavelmente não passou por um julgamento formal, mas foi condenado sumariamente à morte. Citando André Chevitarese, Auggusto destaca que os evangelhos devem ser interpretados como um programa teológico com contexto histórico, não como relatos jornalísticos.[[159]](#footnote-159) Essa abordagem pode justificar a representação mais branda de Pilatos nos evangelhos, apresentando-o como um líder benevolente em vez do Pilatos cruel e vingativo retratado por Filon e Josefo.

O Evangelho de Marcos narra o julgamento de Jesus diante de Pôncio Pilatos, onde os líderes religiosos o acusam de várias transgressões. Pilatos questiona Jesus sobre sua identidade como rei dos judeus, e a resposta de Jesus é surpreendente: “*E Pilatos perguntou-lhe: Você é o rei dos judeus? E ele lhes respondeu: Tu dizes isso.*” (Marcos 15: 2). Essa resposta pode ser interpretada como uma confirmação, o que implicaria em sedição. Surpreendentemente, mesmo diante disso, Pilatos, conhecido por sua crueldade, busca inocentar Jesus e libertá-lo, contrariando relatos históricos de acordo com Filon de Alexandria e do próprio Josefo que sugerem uma personalidade menos benevolente. Os evangelhos relatam que Pilatos hesitou em condenar Jesus, tentando libertá-lo pelo menos três vezes, mas foi pressionado pelo povo a condená-lo.

O próprio texto de Marcos 15:10 alega que Pilatos percebeu a inveja dos líderes religiosos ao entregar Jesus, mas mesmo assim por insistência dos líderes judeus oferece libertar Jesus ou Barrabás, um criminoso. A passagem do Evangelho de Mateus no capítulo 27 retrata Pilatos em uma situação onde sua autoridade parece ser subjugada pela pressão dos líderes judeus e da multidão. Ao questionar o que fazer com Jesus, ele é confrontado com o clamor pela crucificação, apesar de não encontrar culpa em Jesus. Pilatos, incapaz de conter o tumulto, lava as mãos simbolicamente, declarando sua inocência no destino de Jesus. Em Lucas 23 uma frase colocada na boca de Pilatos deixa claro ao leitor de que aquele não é o cruel, corrupto e Pilatos histórico. O autor de Lucas escreve:

E Pilatos perguntou-lhe, dizendo: És tu o rei dos judeus? E ele, respondendo, disse-lhe: Tu *o* dizes. Então, disse Pilatos aos principais sacerdotes e à multidão: Eu não acho culpa alguma neste homem. (Lucas 23: 3-4)

É evidente que tal frase não saiu da boca de Pilatos, tratando-se de pura ficção literária. Essa atitude é emblemática da sua impotência diante da situação, deixando claro que sua decisão é influenciada pelos líderes judeus. No entanto, a representação de Pilatos como um mero joguete nas mãos dos judeus contrasta com a realidade histórica, onde ele era conhecido por sua dureza e desdém pelos judeus.

Segundo Ken Olson, a frase “***os principais homens entre nós***”, combina termos típicos de Josefo (“*principais homens*”) com linguagem mais característica de Eusébio (“*entre nós*”). Olson também aponta que responsabilizar a liderança judaica pela crucificação é típico de apologética cristã, não do estilo de Josefo. Segundo Olson, a forma como Pilatos é mencionado também se alinha com o Evangelho de Lucas 23:23-24: “*Eles* ***continuavam exigindo*** *com gritos altos que fosse crucificado, e suas vozes prevaleceram. Então Pilatos* ***decidiu que o pedido deles*** *fosse atendido*”. [[160]](#footnote-160) Pilatos, segundo Josefo, costumava resistir às exigências dos judeus e só cedia diante de súplicas insistentes,[[161]](#footnote-161) uma descrição que se alinha mais com a narrativa dos Evangelhos do que com um relato histórico imparcial.

O Pilatos apresentado por Josefo demonstrou crueldade e desprezo pelas leis judaicas ao introduzir imagens de César em Jerusalém, afrontando deliberadamente a proibição religiosa local. Rejeitou os apelos pacíficos dos judeus e só recuou quando eles se ofereceram para morrer em nome da Lei. Mais tarde, usou dinheiro do Templo para construir um aqueduto, provocando revolta popular. Em resposta, infiltrou soldados disfarçados na multidão, que atacaram indiscriminadamente com violência extrema. Pilatos mostrou-se um governante brutal, manipulador e implacável contra qualquer oposição.[[162]](#footnote-162) Diante da imagem histórica de Pilatos como um governador cruel, impiedoso e desrespeitoso às tradições judaicas, a descrição do *Testemunho Flaviano*, soa profundamente inverossímil. Além disso, o texto não traz nenhuma informação nova além do que já circulava entre os cristãos no final do século I, o que indica dependência dos evangelhos e não de uma tradição independente. A linguagem cristológica e o resumo da paixão sugerem uma interpolação posterior. Essa caracterização sugere não um julgamento real, mas uma construção literária com objetivos apologéticos. Assim, Ken Olson argumenta que o *Testemunho Flaviano* reflete mais a retórica cristã do século IV, especialmente associada a Eusébio,[[163]](#footnote-163) do que a historiografia judaica do século I atribuída a Josefo.

Outra questão importante para abordar é que apesar do Evangelho de João afirmar que os judeus não podiam condenar ninguém à morte, as escrituras indicam que eles praticavam a pena de morte sem interferência romana.[[164]](#footnote-164) Robert H Stein diz que alguns estudiosos questionam a veracidade do relato do julgamento de Jesus, argumentando que na época os líderes judeus tinham autoridade para condenar à morte, tornando desnecessário o julgamento por Pilatos.[[165]](#footnote-165) Paul Winter destaca que, até 70 EC, os judeus tinham autoridade para condenar à morte por crimes contra a Torá, e essa autoridade foi revogada após 70 EC. Portanto, segundo Winter, se o Sinédrio condenasse Jesus por tais crimes, as autoridades romanas não se oporiam legalmente, pois esse direito era concedido aos judeus.[[166]](#footnote-166)

O historiador André Chevitarese em uma entrevista para o site BBC Brasil, diz que historicamente o julgamento e a crucificação de Jesus não podem ser encarados como eventos históricos.[[167]](#footnote-167) De acordo com ele, Jesus teria sido morto na antevéspera da Páscoa judaica, onde a cidade estaria cheia de judeus de todo o império Romano, como também outros estrangeiros, um evento nesse aspecto poderia levantar rebeliões. Chevitarese também argumenta que a crucificação de Jesus, ocorreu sem testemunhas oculares para evitar revoltas populares. Ao contrário do relato dos Evangelhos, ele sugere que não houve sepultamento de Jesus, pois crucificados geralmente não eram enterrados, permanecendo na cruz enquanto ainda vivos. A carne apodrecia, aves de rapina e outros animais se alimentavam, e seu corpos não eram preservados.[[168]](#footnote-168)

Essa visão é respaldada pela falta de registros de cemitérios ou ossadas de milhares de escravos crucificados na época. Chevitarese diz: “*Historicamente, crucificado não era enterrado”.* “*Teologicamente, é claro que Jesus precisava ser enterrado — para depois ressuscitar*.” [[169]](#footnote-169) Segundo o historiador, Pilatos é considerado uma pessoa histórica de acordo com os registros arqueológicos, porém, os eventos da crucificação são inverossímeis. Segundo Chevitarese as autoridades romanas nunca libertaram um prisioneiro judeu como uma concessão ao público.[[170]](#footnote-170) Essas narrativas foram incluídas para enfatizar a ideia messiânica de Jesus. Assim, para o professor e historiador André Chevitarese, os relatos sobre a prisão, julgamento e sua crucificação, não são eventos históricos, mas teologia.

Outro problema na crucificação de Jesus é a suposta tradição romana de liberar um prisioneiro durante festividades, contestando a existência de tal prática. David Fitzgerald em seu livro “Nailed” diz que a passagem é tão falsificada que o único debate seria sobre o quanto é uma falsificação.[[171]](#footnote-171) Ele também questiona sobre a suposto costume em libertar um prisioneiro na Páscoa.[[172]](#footnote-172) Fitzgerald alega que os judeus não costumavam libertar prisioneiros durante a Páscoa ou em qualquer outra ocasião, e não há evidências de que os romanos tivessem o hábito de conceder perdões. Mesmo que houvesse tal costume, Pilatos nunca teria oferecido a libertação de um rebelde condenado por assassinatos e sedição. Nenhum outro pretendente a Messias, além de Jesus, foi julgado tanto por Pôncio Pilatos quanto pela família dos Herodes.

Esse fato singular destaca Jesus de outros líderes messiânicos da época e teria sido de suma importância para atrair a atenção de Josefo. Haim Cohn em sua análise sobre o julgamento de Jesus nos diz que Pilatos governou a Judéia por cinco anos, desenvolvendo métodos cruéis. Seu último ato foi interceptar e atacar uma procissão de samaritanos, matando muitos e prendendo outros.[[173]](#footnote-173) Os samaritanos se queixaram ao governador da Síria, que substituiu Pilatos e ordenou seu retorno a Roma para enfrentar acusações, porém ao chegar em Roma, Tibério já havia falecido. O julgamento teria conferido uma notoriedade especial ao evento, motivando Josefo e Filon de Alexandria a dedicarem mais explicações e detalhes em seus escritos sobre o suposto julgamento, o que não ocorreu.

Reza Aslan em seu livro Zelota, alega que durante o governo em Jerusalém, Pilatos havia enviado milhares de judeus à crucificação com uma simples ação de sua caneta. Segundo ele, Pilatos não perderia tempo julgando mais um judeu sedicioso, sendo a cena toda do julgamento vista como pura imaginação e teatralidade.[[174]](#footnote-174) Segundo Reza Aslan, a imagem real de Pôncio Pilatos é de um homem hostil aos judeus, desconsideração completa pelos rituais e costumes judaicos, e uma tendência a assinar ordens de execução de forma descuidada, resultando em tantas execuções que uma queixa formal foi apresentada contra ele em Roma. Pilatos nunca se preocupou com o destino de nenhum agitador judeu, por isso, Aslan diz: “O que é verdadeiramente inacreditável é o retrato de Pôncio Pilatos – um homem conhecido por seu ódio aos judeus, pelo total desrespeito com rituais e costumes judaicos...”[[175]](#footnote-175)

O grande problema é que não há registros escritos por historiadores do século I que documentem a cena em que Pilatos tentou salvar um judeu criminoso da morte. Diferentemente da narrativa bíblica, os historiadores Filon de Alexandria e Flávio Josefo apresentam uma visão de Pilatos como um homem perverso, inclinado a executar judeus sem julgamento. Aslan sugere que Jesus provavelmente era uma ameaça para a estabilidade de Jerusalém e que ele teve a rara chance de comparecer diante de Pilatos para responder por seus supostos crimes e portanto o "julgamento diante de Pilatos" seria uma fabricação.[[176]](#footnote-176) Aslan levanta a suspeita de que as cenas em questão, consideradas por muitos como fundamentais na narrativa cristã, podem ter sido inventadas. Ele argumenta que o público-alvo de Marcos não eram os judeus, que teriam identificado imediatamente qualquer falsidade nesses eventos, mas sim os romanos.[[177]](#footnote-177) Ou seja, o julgamento diante de Pilatos como uma invenção poderia ter sido elaborada para criar uma imagem negativa sobre os judeus e tirar a culpa dos romanos.

Devemos então nos questionar sobre por que um historiador contemporâneo como Filon não mencionou Jesus em suas obras e posteriormente Josefo teria dedicado apenas dois parágrafos a alguém que conseguiu mexer com os impulsos sanguinários de Pilatos transformando-o em um homem sensível? Filon, apesar de suas sólidas conexões com os Herodes e as autoridades romanas, incluindo o imperador Tibério, não documentou eventos significativos como a matança de crianças por Herodes, o Grande, tumultos provocados por cristãos ou os ensinamentos de figuras importantes no cristianismo como Paulo, Pedro e Tiago. Curiosamente, Filon também deixou de mencionar o julgamento de Jesus por Pilatos e Herodes Antipas, bem como eventos extraordinários, como terremotos e trevas durante a execução de Jesus. Sua omissão pode ser explicada pelo fato de que, ao abordar questões entre judeus e romanos, não havia cristãos ou um suposto judeu milagroso que chamasse sua atenção.

Quanto a Flávio Josefo, tendo nascido na Galiléia, região associada ao nascimento de Jesus, suas contribuições sobre Jesus são limitadas ao Testemunho Flaviano com apenas dois míseros parágrafos. Quando comparamos os relatos sobre Pilatos por Filon e Josefo, retratado como corrupto e assassino de judeus, e o Pilatos apresentado por Marcos, Mateus, Lucas e João, onde é retratado como um homem de coração bondoso, amigável aos judeus e submisso aos líderes do templo, temos uma única solução possível para essa contradição: o Testemunho Flaviano não passa de uma invenção teológica. E isso nos leva a uma próxima reflexão: Se o julgamento de Jesus por Pilatos foi uma invenção, logo o próprio Testemunho Flaviano também não passa de uma farsa.

A ausência de relatos sobre Pilatos tentando salvar um judeu acusado de sedição sugere que, se tal evento tivesse ocorrido, teria sido notável e Filon e Josefo provavelmente o teriam registrado, dada a natureza dos temas que abordavam em suas obras relacionadas aos judeus sediciosos e à política corrupta e repressiva de Pilatos. Se o Jesus histórico segundo Reza Aslan, não esteve perante Pilatos mas foi crucificado como um criminoso, logo este Jesus não é o Jesus de Josefo, pois ele alega que Jesus era um homem sábio que foi morto por Pilatos por intriga dos líderes judeus e não por sedição contra Roma.

O falso julgamento e crucificação lançam sombras sobre a credibilidade do Testemunho Flaviano. Precisamos reconhecer que a narrativa sobre a prisão, julgamento, morte, sepultamento e ressurreição de Jesus como um relato puramente teológico e não histórico. A reflexão sobre essas questões desafia as interpretações tradicionais e incentiva uma análise mais crítica sobre o Testemunho Flaviano. O ponto mais importante nesse detalhe, é que por mais que Josefo tenha realmente escrito a passagem do TF parcialmente ou inteiramente, essa informação não tem valor histórico para provar a existência física de Jesus, pois as informações de Josefo acerca do Julgamento e Crucificação por Pilatos foram baseadas em narrativas teológicas e ficcionais dos Evangelhos e não em registros históricos. Portanto se Josefo realmente escreveu a passagem, ele estaria se baseando nas histórias dos evangelhos e não em uma pessoa real.

Os cristãos e as seitas judaicas

Segundo Nicholas Peter Legh Allen, se os relatos do Novo Testamento fossem precisos, o Cristianismo teria sido amplamente reconhecido no primeiro século EC. No entanto, Josefo, que viveu nesse período e mencionou Jesus, não registrou a ascensão do Cristianismo em seus escritos.[[178]](#footnote-178) Para Allen, a questão é ainda mais complicada porque Josefo, em suas obras, tanto em Guerras quanto Antiguidades, menciona apenas três seitas filosóficas judaicas: fariseus, saduceus, essênios e por volta de 53 EC menciona também a seita dos zelotas, sem fazer nenhuma referência aos cristãos, o que levanta dúvidas sobre a visibilidade do Cristianismo na época.[[179]](#footnote-179)

Realmente é muito estranho Josefo depois de descrever as quatro seitas, Fariseus, Saduceus, Zelotas e Essênios em duas obras, não fazer nenhuma explicação sobre os costumes, como viviam e quais as crenças dos cristãos. Em relação a nova seita do cristianismo a qual era antagônica a todas as outras e que estando em Roma quando escrevia, nada falou além de uma simples citação que os cristãos ainda estavam vivos naquela época. Esse silêncio de Josefo sobre os cristãos levanta ainda mais dúvidas sobre a sua referência na passagem. Josefo era conhecido por sua oposição a qualquer líder que desafiasse Roma, especialmente aqueles que atraíam muitos seguidores. Ele até mesmo identificou o general romano Vespasiano como o messias judaico esperado.

Essa referência de Josefo chamando Jesus de “sábio” levanta questões sobre a autenticidade do Testemunho Flaviano, o qual elogia Jesus de maneira surpreendente, contradizendo todas as suas críticas aos pretendentes a messias. Se considerarmos o contexto dos interesses confessionais de Josefo, suas omissões sobre Jesus e os cristãos são significativas. Por que Josefo em suas obras descreve detalhes sobre as quatro seitas de seu tempo, mas não tem interesse em descrever sobre a seita dos cristãos que era tão antagônica em relação a todas as outras?

O Silêncio de Josefo sobre os motivos da Crucificação de Jesus

Estranhamente, Josefo não fornece nenhum motivo para a crucificação de Jesus. Porém em vários relatos Josefo descreve os destinos dos vários profetas de sinais e dos pretendentes a messias. O Testemunho Flaviano, revela indícios de ter sido escrito por alguém que presumia que o cristianismo já era amplamente conhecido entre os leitores romanos e gregos. Ao contrário de outras obras de Josefo, que detalhavam os motivos por trás das execuções de líderes judeus, o Testemunho Flaviano omite informações chaves, como a razão da execução de Jesus pelos romanos. Em sua auto-biografia, Josefo se diz preocupado com as sedições que começavam a se alastrar por toda nação. Josefo diz:

Mas quando cheguei perto de Sogane, fiz com que a multidão parasse e os exortei a não serem tão facilmente provocados à raiva e infligir punições que não pudessem ser lembradas posteriormente. Eu também ordenei que cem homens, que já estavam em idade e eram os principais entre eles, deveriam preparar-se para ir para a cidade de Jerusalém e fazer uma reclamação perante o povo de tais sedições levantadas no país. (Vida - 52)[[180]](#footnote-180)

Josefo costumava abordar detalhadamente casos como o de João Batista, destacando as razões políticas por trás de sua morte. Em Antiguidades, Josefo menciona João Batista diferentemente dos Evangelhos. Segundo Josefo, João foi morto por razões políticas e não por censurar o casamento de Herodes com Herodias como consta no Evangelho de Mateus 14: 3-11. Josefo relata que alguns judeus acreditavam que o exército de Herodes tinha sido destruído por Deus como um castigo justo pela morte de João Batista. Herodes temia o poder persuasivo de João sobre as pessoas, receando uma possível insurreição. Por isso, decidiu prender e matar João sem um julgamento justo para evitar tumultos futuros. Os judeus interpretaram o desastre no exército como uma punição divina por causa da morte de João, vendo-a como uma vingança de Deus contra Herodes. Josefo escreve:

Herodes receou que, sendo tão grande o poder de persuasão que João tinha sobre as pessoas, conduzisse o povo a uma insurreição, pois eles pareciam prontos a seguir seus conselhos; Herodes resolveu prendê-lo e matá-lo antes que provocasse qualquer tumulto, de forma que mais tarde ele tivesse que enfrentar uma revolta.[[181]](#footnote-181)

Josefo menciona em outro momento que a presença de um falso profeta foi a causa da destruição do povo em questão. Este falso profeta afirmou publicamente que Deus ordenou que as pessoas subissem sobre o templo para receberem sinais miraculosos de libertação. Na época, havia vários falsos profetas controlados pelos tiranos, que usavam essas mensagens para manter o povo sob controle, impedindo-os de desertar e oferecendo esperanças ilusórias para superar o medo e a preocupação.[[182]](#footnote-182) Josefo também faz referência a um suposto profeta do Egito que chega a Jerusalém, atraindo seguidores ao prometer derrubar os muros da cidade. O governador Felix responde enviando soldados, resultando em um confronto no qual o profeta egípcio escapa mas seus seguidores sofrem baixas. Após esse incidente, ladrões incitam o povo a se rebelar contra os romanos, incendiando aldeias daqueles que se recusam a obedecer. Josefo diz:

Essas obras que foram feitas pelos ladrões encheram a cidade com todo tipo de impiedade. E agora esses impostores e enganadores convenceram a multidão a segui-los pelo deserto: e fingiram que exibiam maravilhas e sinais manifestos, que deveriam ser realizados pela providência de Deus. E muitos que foram vencidos por eles sofreram os castigos de sua loucura. Pois Felix os trouxe de volta; e depois os puniu.[[183]](#footnote-183)

Josefo também se refere ao episódio sobre um charlatão chamado Teudas o qual foi perseguido e morto por se dizer ser mais um pretendente a messias. Josefo diz assim:

Passando um tempo, enquanto Cuspius Fadus era procurador da Judeia, um certo charlatão, cujo nome era Teudas, persuadiu muitas pessoas do povo simples a tomar seus haveres e acompanhá-lo até o rio Jordão. Dizia que era profeta, e que à sua ordem o rio se separaria abrindo fácil passagem para eles. Com essas palavras iludiu a muitos. Mas Fadus não permitiu que eles consumassem essa loucura. Enviou uma unidade de cavalaria contra eles, que matou muitos num ataque de surpresa e também capturou muitos vivos. Tendo capturado Teudas, cortaram-lhe a cabeça e a levaram a Jerusalém.[[184]](#footnote-184)

Alguns pontos que precisamos refletir:

1. Filon de Alexandria e Josefo apresentam Pilatos como um homem vingativo, temperamental, corrupto e cruel, acusando-o de insultar e assassinar pessoas sem julgamento ou condenação;
2. O julgamento e crucificação são inverossímeis, pois durante eventos como a Páscoa havia uma multidão de pessoas em Jerusalém e isso causaria distúrbios;
3. O julgamento pelo Sinédrio é historicamente impossível;
4. De acordo com os 4 evangelhos Jesus foi executado para cumprir uma profecia e não por que ele era culpado de algum crime.

Conclusão

À medida que mergulhamos nos detalhes do julgamento e crucificação de Jesus, nos deparamos com um panorama completamente fictício. A narrativa tradicional, transmitida pelos Evangelhos e sustentada por tradições históricas, agora enfrenta um escrutínio crítico por parte de estudiosos contemporâneos. Suas análises lançam dúvidas sobre a historicidade desses eventos. Os argumentos apresentados por historiadores em relação ao julgamento de Pilatos, expõem lacunas e inconsistências que suscitam questionamentos fundamentais sobre a veracidade da passagem. O silêncio de Josefo em relação aos motivos da crucificação de Jesus especialmente quando caracteriza Pilatos como cruel e corrupto, e sua falta de interesse em apresentar mais informações tanto da figura de Jesus em contraste com sua abordagem detalhada de outras execuções de líderes judeus é completamente incompatível com seu estilo. Não há conexão entre Jesus e os eventos que Josefo descreve sobre o sofrimento dos judeus sob o governo de Pilatos. E sugere-se que, dado o compromisso de Josefo com os costume e leis judaicas, é improvável que ele tenha escrito tal passagem elogiando Jesus, cuja mensagem nos Evangelhos era antagônica ao judaísmo tradicional. O Testemunho Flaviano sem dúvida é mais um reflexo das narrativas cristãs do que um relato histórico.

Se eliminarmos as camadas evidentemente cristianizadas do Testemunho Flaviano, o que sobra não é um Jesus histórico, mas um personagem essencialmente cristão. O texto que persiste após a remoção das interpolações ainda apresenta um Jesus que se encaixa no discurso do Novo Testamento e não no padrão de outros rebeldes e profetas de sua época. Ora, se Josefo realmente mencionasse um Jesus histórico, é de se esperar que o colocasse no mesmo contexto de figuras como Judas, o Galileu, o Egípcio ou Teudas, todos insurgentes contra Roma e a liderança judaica. No entanto, isso não acontece. Jesus, segundo Josefo, é descrito como um 'homem sábio' e seus seguidores não são os revolucionários perseguidos pelo poder romano, mas sim 'os cristãos', que dele receberam esse nome; um grupo de pessoas que respeitavam o governo pagando impostos e orando para o bem do imperador e de Roma. O termo 'cristãos' é uma designação que pertence ao mundo teológico do Novo Testamento, não ao universo das obras josefianas sobre os conflitos judaicos do primeiro século.

Se Josefo tivesse realmente descrito um Jesus histórico, ele provavelmente teria sido tratado como um rebelde ou um perturbador da ordem, assim como outros profetas que prometiam a libertação de Israel e enfrentaram a repressão romana. No entanto, o Jesus que emerge das supostas referências em Josefo é um ser idealizado, cujos seguidores são conhecidos como 'cristãos', um termo que remete a uma seita bem posterior, consolidada após a destruição de Jerusalém. Esse detalhe sugere que o texto de Josefo, mesmo em sua versão depurada, não está falando de um Jesus histórico, mas sim do Cristo do Novo Testamento. Portanto, ao lermos Josefo com um olhar crítico, nos deparamos com um paradoxo: quanto mais eliminamos as camadas cristianizadas do Testemunho Flaviano, mais percebemos que o que resta é uma figura que pertence ao mundo dos evangelhos e não ao das crônicas históricas. Se Josefo realmente mencionou Jesus, não foi como um personagem histórico entre outros rebeldes e profetas, mas como o personagem criado pelos autores dos Evangelhos.

Ao considerarmos essas questões, é essencial reconhecer que a narrativa sobre a prisão, o julgamento por Pilatos instigado pelos líderes judeus e ressurreição de Jesus não é meramente histórica, mas sim uma narrativa fictícia e teológica. Essas questões não apenas questionam a veracidade do Testemunho Flaviano, mas também sugerem que seu verdadeiro autor era um cristão buscando validar a existência de Jesus. Em última análise, a questão da historicidade do julgamento e crucificação de Jesus diante de Pilatos lança uma sombra sobre as bases da passagem. Se esses eventos não são fatos históricos, então a credibilidade do Testemunho Flaviano, que tanto contribuiu para a aceitação da existência de Jesus Cristo, é colocada em xeque, pois Josefo não estaria se baseando em fatos reais, mas sim nas narrativas dos Evangelhos. Esta reflexão não apenas desafia todos os estudos sobre o assunto, mas nos instiga a questionar também a veracidade da passagem de Tácito a qual também se baseia no julgamento de Pilatos.

O que resta do Testemunho Flaviano é apenas o Jesus da Fé, um personagem de ficção inventado com objetivo teológico e político. Nesse contexto, somos levados a reavaliar todas as fontes históricas, que envolvem a historicidade sobre Cristo. Se a figura de Jesus é moldada mais por questões teológicas do que por eventos concretos, então talvez devamos olhar para além das narrativas históricas em busca de uma compreensão mais profunda e significativa da mensagem e dos objetivos dos autores dos Evangelhos. A falta de evidências históricas sobre Jesus nos desafia a mergulhar no contexto histórico e social em que as narrativas foram criadas e explorar não se ele existiu ou não e sim quais foram os objetivos de seus autores ao inventarem tais histórias.

1. Flávia Domitila, neta da esposa de Vespasiano, era uma matrona cristã da família imperial romana no final do século I. Era filha de Domitila, irmã de Tito e Domiciano, e casada com Tito Flávio Clemente, primo de sua mãe. Ela é lembrada como uma das primeiras figuras cristãs ligadas à elite imperial. Ver mais em https://www.newadvent.org/cathen/06098b.htm [↑](#footnote-ref-1)
2. WHEALEY, Alice – The Testimonium Flavianum Controversy from Antiquity to the Present – Berkeley, California – Disponível em https://www.tertullian.org/rpearse/josephus/whealey2000.pdf – 2003 – p. 2 [↑](#footnote-ref-2)
3. OLSON, K A.  – Eusebius and the Testimonium Flavianum – The Catholic Biblical Quarterly; Washington Vol. 61, Ed. 2, (Apr 1999) – URL: https://www.jstor.org/stable/43723559 – p. 320 [↑](#footnote-ref-3)
4. FELDMAN, Louis e HATA, Gohey – Josephus, tbe Bible and History – Wayne State University Press – Detroit – 1989 – p. 433 [↑](#footnote-ref-4)
5. Em 1971, o professor Shlomo Pines publicou uma tradução de uma versão árabe do Testimonium Flavianum, encontrada no Livro dos Títulos de Agápio, um bispo cristão do século X, que provavelmente citou Josefo de memória. Pines também menciona uma versão siríaca registrada por Miguel, o Sírio, cuja redação coincide com a de Jerônimo ao afirmar que Jesus "era tido como sendo o Cristo", indicando a existência de uma variante antiga do texto, já que latinos e siríacos não se influenciavam mutuamente. Ver mais em https://pt.wikipedia.org/wiki/Testimonium\_Flavianum [↑](#footnote-ref-5)
6. FELDMAN, Louis e HATA, Gohey – Josephus, tbe Bible and History – Wayne State University Press – Detroit – 1989 – p. 433 [↑](#footnote-ref-6)
7. OLSON, K A.  – Eusebius and the Testimonium Flavianum – The Catholic Biblical Quarterly; Washington Vol. 61, Ed. 2, (Apr 1999) – URL: https://www.jstor.org/stable/43723559 – p. 311 [↑](#footnote-ref-7)
8. WHEALEY, Alice – The Testimonium Flavianum Controversy from Antiquity to the Present – Berkeley, California – Disponível em https://www.tertullian.org/rpearse/josephus/whealey2000.pdf – 2003 – p. 3 [↑](#footnote-ref-8)
9. WHEALEY, Alice – The Testimonium Flavianum Controversy from Antiquity to the Present – Berkeley, California – Disponível em https://www.tertullian.org/rpearse/josephus/whealey2000.pdf – 2003 – p. 3 [↑](#footnote-ref-9)
10. A Versão do TF por Agápio. Ver em https://www.roger-pearse.com/weblog/2013/12/16/the-testimonium-flavianum-in-al-makin/ (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-10)
11. HOWELL, Honora Chapman e RODGERS, Zuleika – Flávio Josefo: Um Compêndio – Edusp – 2023 – p. 464 [↑](#footnote-ref-11)
12. HOWELL, Honora Chapman e RODGERS, Zuleika – Flávio Josefo: Um Compêndio – Edusp – 2023 – p. 464 [↑](#footnote-ref-12)
13. CARRIER, Richard – The End of the Arabic Testimonium – 2017 – URL: https://www.richardcarrier.info/archives/12085 [↑](#footnote-ref-13)
14. HOWELL, Honora Chapman e RODGERS, Zuleika– Flávio Josefo: Um Compêndio – Edusp – 2023 – p. 463 [↑](#footnote-ref-14)
15. HOWELL, Honora Chapman e RODGERS, Zuleika – Flávio Josefo: Um Compêndio – Edusp – 2023 – p. 467 [↑](#footnote-ref-15)
16. HOWELL, Honora Chapman e RODGERS, Zuleika – Flávio Josefo: Um Compêndio – Edusp – 2023 – p. 467 [↑](#footnote-ref-16)
17. HANSEN, Chrissy M.E. (2024) "Reception of the Testimonium Flavianum: An Evaluation of the Independent Witnesses to Josephus’ Testimonium Flavianum," New England Classical Journal: Vol. 51: Iss. 2, 50-75. https://doi.org/10.52284/NECJ.51.2.article.hansen – p. 51 [↑](#footnote-ref-17)
18. CROSSSAN, John Dominic – Jesus: Uma Biografia Revolucionária – Imago – 1995 – p. 411 [↑](#footnote-ref-18)
19. CROSSSAN, John Dominic – Jesus: Uma Biografia Revolucionária – Imago – 1995 – p. 412 [↑](#footnote-ref-19)
20. EVANS, Craig A. – The Historical Jesus: Critical Concepts in Religious Studies, Volume 4 – Routledge – 2004 – p. 367 [↑](#footnote-ref-20)
21. EVANS, Craig A. – The Historical Jesus: Critical Concepts in Religious Studies, Volume 4 – Routledge – 2004 – p. 367 [↑](#footnote-ref-21)
22. EVANS, Craig A. – The Historical Jesus: Critical Concepts in Religious Studies, Volume 4 – Routledge – 2004 – p. 367 [↑](#footnote-ref-22)
23. BRUCE, F. F. – História do Novo Testamento – Edição do Kindle – Vida Nova – 2019 – pp. 229-230 [↑](#footnote-ref-23)
24. VOORST, Robert Van – Jesus Fora do Novo Testamento: Uma Introdução às Evidências Primitivas – Biblioteca Teológica – 2022 – p. 110 [↑](#footnote-ref-24)
25. Emilio Bossi (1870–1920) foi um livre-pensador, jornalista, advogado e escritor suíço. Formado em Direito pela Universidade de Genebra, escreveu sob o pseudônimo Milesbo. Atuou como editor e diretor da Gazzetta Ticinese e fundou os jornais L'Idea moderna e L'Azione, este último ligado a um grupo radical-democrático. Ele é mais conhecido por defender a teoria do mito de Cristo, segundo a qual Jesus nunca existiu como figura histórica. Em 1904, publicou o livro Gesù Cristo non è mai esistito ("Jesus Cristo nunca existiu"), que expressa essa posição. Ver mais em https://en.wikipedia.org/wiki/Emilio\_Bossi [↑](#footnote-ref-25)
26. BOSSI, Emilio – Gesù Cristo non è mai esistito: 1900-1904 (Italian Edition) – Edição do Kindle – 2023 – pp. 12-13 [↑](#footnote-ref-26)
27. BOSSI, Emilio – Gesù Cristo non è mai esistito: 1900-1904 (Italian Edition) – Edição do Kindle – 2023 – p. 13 [↑](#footnote-ref-27)
28. DREWS, Arthur – The Witnesses to the Historicity of Jesus – Open Court Publishing Company, Chicago – 1912 – p. 9 [↑](#footnote-ref-28)
29. DREWS, Arthur – The Witnesses to the Historicity of Jesus – Open Court Publishing Company, Chicago – 1912 – p. 9 [↑](#footnote-ref-29)
30. DOHERTY, Earl – El Puzzle de Jesús (Spanish Edition) – La Factoría de Ideas – 2014 – p. 61 [↑](#footnote-ref-30)
31. DOHERTY, Earl – El Puzzle de Jesús (Spanish Edition) – La Factoría de Ideas – 2014 – p. 61 [↑](#footnote-ref-31)
32. OLSON, Ken A.  – Eusebius and the Testimonium Flavianum – The Catholic Biblical Quarterly; Washington Vol. 61, Ed. 2, (Apr 1999) – URL: https://www.jstor.org/stable/43723559 – p. 306 [↑](#footnote-ref-32)
33. OLSON, Ken A.  – Eusebius and the Testimonium Flavianum – The Catholic Biblical Quarterly; Washington Vol. 61, Ed. 2, (Apr 1999) – URL: https://www.jstor.org/stable/43723559 – p. 306 [↑](#footnote-ref-33)
34. OLSON, K A.  – Eusebius and the Testimonium Flavianum – The Catholic Biblical Quarterly; Washington Vol. 61, Ed. 2, (Apr 1999) – URL: https://www.jstor.org/stable/43723559 – p. 313 [↑](#footnote-ref-34)
35. HANSEN, Chrissy M.E. (2024) "Reception of the Testimonium Flavianum: An Evaluation of the Independent Witnesses to Josephus’ Testimonium Flavianum," New England Classical Journal: Vol. 51: Iss. 2, 50-75. https://doi.org/10.52284/NECJ.51.2.article.hansen – p. 52 [↑](#footnote-ref-35)
36. HANSEN, Chrissy M.E. (2024) "Reception of the Testimonium Flavianum: An Evaluation of the Independent Witnesses to Josephus’ Testimonium Flavianum," New England Classical Journal: Vol. 51: Iss. 2, 50-75. https://doi.org/10.52284/NECJ.51.2.article.hansen – p. 54 [↑](#footnote-ref-36)
37. FITZGERALD, David – Nailed: Dez Mitos Cristãos que mostram que Jesus nunca existiu – Edição do Kindle – Lulu – 2017 – p. 37 [↑](#footnote-ref-37)
38. FITZGERALD, David – Nailed: Dez Mitos Cristãos que mostram que Jesus nunca existiu – Edição do Kindle – Lulu – pp. 38-39 [↑](#footnote-ref-38)
39. CARRIER, Richard – Hitler Homer Bible Christ: The Historical Papers of Richard Carrier – Edição do Kindle – Philosophy Press – 1995-2013 – pp. 340-341 [↑](#footnote-ref-39)
40. CARRIER, Richard – Hitler Homer Bible Christ: The Historical Papers of Richard Carrier – Edição do Kindle – Philosophy Press – 1995-2013 – pp. 342-343 [↑](#footnote-ref-40)
41. CARRIER, Richard – Hitler Homer Bible Christ: The Historical Papers of Richard Carrier – Edição do Kindle – Philosophy Press – 1995-2013 – pp. 343-345 [↑](#footnote-ref-41)
42. BILD, Per; BECKER, Eve-Marie; JENSEN, Morten Hørning e MORTENSEN, Jacob– Collected Studies on Philo and Josephus – Vandenhoeck & Ruprecht – 2016 – p. 85 [↑](#footnote-ref-42)
43. BILD, Per; BECKER, Eve-Marie; JENSEN, Morten Hørning e MORTENSEN, Jacob– Collected Studies on Philo and Josephus – Vandenhoeck & Ruprecht – 2016 – p. 86 [↑](#footnote-ref-43)
44. LATASTER, Raphael – Questioning the Historicity of Jesus: Why a Philosophical Analysis Elucidates the Historical Discourse: 336 – Brill – 2019 – p. 199 [↑](#footnote-ref-44)
45. Mateus 1:16 diz: "E Jacó gerou José, marido de Maria, da qual nasceu Jesus, que se chama o Cristo." Este versículo mostra a descendência de Jesus através de José, marido de Maria. [↑](#footnote-ref-45)
46. LATASTER, Raphael – Questioning the Historicity of Jesus: Why a Philosophical Analysis Elucidates the Historical Discourse: 336 – Brill – 2019 – p. 199 [↑](#footnote-ref-46)
47. LATASTER, Raphael – Questioning the Historicity of Jesus: Why a Philosophical Analysis Elucidates the Historical Discourse: 336 – Brill – 2019 – p. 200 [↑](#footnote-ref-47)
48. LATASTER, Raphael – Questioning the Historicity of Jesus: Why a Philosophical Analysis Elucidates the Historical Discourse: 336 – Brill – 2019 – p. 200 [↑](#footnote-ref-48)
49. LATASTER, Raphael – Questioning the Historicity of Jesus: Why a Philosophical Analysis Elucidates the Historical Discourse: 336 – Brill – 2019 – p. 202 [↑](#footnote-ref-49)
50. HOWELL, Honora Chapman e RODGERS, Zuleika– Flávio Josefo: Um Compêndio – Edusp – 2023 – p. 475 [↑](#footnote-ref-50)
51. DREWS, Arthur – The Witnesses to the Historicity of Jesus – Chicago, Open Court – 1865-1835 – p. 9 (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-51)
52. PEARCE, Roger– Josephus in the Ante-Nicene Fathers: all the citations – 2000 – Disponível em: <https://www.tertullian.org/rpearse/josephus/josephus.htm> (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-52)
53. Justino Mártir – Diálogo com Trifão – Cap. 8 – URL: https://www.newadvent.org/fathers/0128.htm (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-53)
54. CARLEBACH, Elisheva, SCHACTER Jacob J. – New Perspectives on Jewish-Christian Relations: 33 – Brill – 2011 – p. 14 [↑](#footnote-ref-54)
55. DREWS, Arthur – The Witnesses to the Historicity of Jesus – Chicago – Open Court – 1865-1835 – p. 9 (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-55)
56. Justino Mártir – A Primeira Apologia – Cap. 13 – URL: <https://www.newadvent.org/fathers/0126.htm> (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-56)
57. Justino Mártir – A Primeira Apologia – Cap. 35 – URL: https://www.newadvent.org/fathers/0126.htm (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-57)
58. Justino Mártir – A Segunda Apologia – Cap. 9 – URL: https://www.newadvent.org/fathers/0126.htm (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-58)
59. Justino Mártir – A Segunda Apologia – Cap. 6 – URL: https://www.newadvent.org/fathers/0126.htm (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-59)
60. Justino Mártir – A Segunda Apologia – Cap. 10 – URL: <https://www.newadvent.org/fathers/0126.htm> (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-60)
61. FELDMAN, Louis H & HATA, Gohei – Josephus, the Bible and History – Detroit – 1989 – Wayne State University Press – p. 431 [↑](#footnote-ref-61)
62. FELDMAN, Louis H. em: Sobre a Autenticidade do Testemunho Flavianum atribuído a Josefo – CARLEBACH, Elisheva, SCHACTER Jacob J. – New Perspectives on Jewish-Christian Relations: 33 – Brill – 2011 – p. 15 [↑](#footnote-ref-62)
63. Tertuliano – Apologia – Cap. 21 – https://www.tertullian.org/articles/reeve\_apology.htm (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-63)
64. Tertuliano – Apologia – Cap. 21 – https://www.tertullian.org/articles/reeve\_apology.htm (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-64)
65. Orígenes – Contra Celso – Livro 4, 11 – www.newadvent.org/fathers/04164.htm (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-65)
66. Orígenes – Contra Celso – Livro 2, 13 – https://www.newadvent.org/fathers/04162.htm (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-66)
67. Orígenes – Contra Celso – Livro 1, 47 – URL: https://www.newadvent.org/fathers/04161.htm (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-67)
68. Flávio Josefo – Antiguidades Judaicas – Livro 18, 5 – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/ant-18.html (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-68)
69. Orígenes – Contra Celso – Livro 1, 47 – URL: https://www.newadvent.org/fathers/04161.htm (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-69)
70. Orígenes – Contra Celso – Livro 1, 47 – URL: https://www.newadvent.org/fathers/04161.htm (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-70)
71. Sozomeno – História Eclesiástica – Livro 5, 3, 5 – URL: (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-71)
72. Juliano, o Apóstata. (2022, 4 de outubro). Enciclopédia do Novo Mundo, URL:  https://www.newworldencyclopedia.org/p/index.php?title=Julian\_the\_Apostate&oldid=1080842 (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-72)
73. Teodoreto – História Eclesiástica – Livro 3, 20 – <http://www.newadvent.org/fathers/27021.htm> (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-73)
74. WILMER, Cave Wright – Juliano o Apóstata, Contra os Galileus – Introdução – 1923 – <https://www.tertullian.org/fathers/julian_apostate_galileans_0_intro.htm> (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-74)
75. WILMER, Cave Wright – Juliano o Apóstata, Contra os Galileus – Introdução – 1923 – https://www.tertullian.org/fathers/julian\_apostate\_galileans\_1\_text.htm (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-75)
76. ROUSSOS, Joannis – *On the historicity of Jesus Christ* – Disponível em: https://atheistfoundation.org.au/2012/04/on-the-historicity-of-jesus-christ-2/ (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-76)
77. ROUSSOS, Joannis – On the historicity of Jesus Christ – Disponível em: https://atheistfoundation.org.au/2012/04/on-the-historicity-of-jesus-christ-2/ (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-77)
78. ROUSSOS, Joannis – On the historicity of Jesus Christ – Disponível em: <https://atheistfoundation.org.au/2012/04/on-the-historicity-of-jesus-christ-2/> (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-78)
79. Fócio de Constantinópla – Biblioteca – Prefácio – http://www.tertullian.org/fathers/photius\_03bibliotheca.htm (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-79)
80. SCHRECKENBERG, Heinz, SCHUBERT, Kurt – Jewish historiography and iconography in early and Medieval Christianity by Minneapolis: Fortress Press, 1992 – p. 39 (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-80)
81. Fócio – Biblioteca – 76. Josefo, Antiguidades dos Judeus – URL: http://www.tertullian.org/fathers/photius\_03bibliotheca.htm (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-81)
82. Fócio – Biblioteca – 27. Eusébio, História Eclesiástica – URL: http://www.tertullian.org/fathers/photius\_03bibliotheca.htm (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-82)
83. Fócio – Biblioteca – 33. Justus de Tiberíades – URL: http://www.tertullian.org/fathers/photius\_03bibliotheca.htm (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-83)
84. RYLANDS, L. Gordon – Did Jesus ever Live? – Watts & Co. – Londres – 1929 – p. 14 (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-84)
85. DREWS, Arthur – The Witnesses to the Historicity of Jesus – Chicago – Open Court Publishing Company – 1912 – p. 8 (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-85)
86. DREWS, Arthur – The Witnesses to the Historicity of Jesus – Chicago – Open Court Publishing Company – 1912 – p. 9 (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-86)
87. Flávio Josefo – Antiguidades Judaicas – Livro 20, 8 – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/ant-20.html (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-87)
88. Flávio Josefo – Antiguidades Judaicas – Livro 20, 5 – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/ant-20.html (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-88)
89. Flávio Josefo – Antiguidades Judaicas – Livro 20, 5 – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/ant-20.html (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-89)
90. Flávio, Josefo – Guerra dos Judeus – Livro 2, 8 (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-90)
91. Flávio Josefo – Antiguidades Judaicas – Livro 18, 1 (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-91)
92. Talmud Gittin – 56a, 56b – https://www.sefaria.org/Gittin?tab=contents (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-92)
93. Flávio Josefo – Antiguidades Judaicas – Livro 18, 3 – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/ant-18.html [↑](#footnote-ref-93)
94. Eusébio de Cesaréia – Teofania 5.44 – URL: https://www.tertullian.org/fathers/eusebius\_theophania\_06book5.htm (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-94)
95. Irineu de Lyon – Contra as Heresias – Livro 3, 12 – URL: https://www.newadvent.org/fathers/0103.htm (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-95)
96. O termo Cristo (do grego Χριστός, Christós) significa Ungido e é a tradução do hebraico Mashiach (משיח), de onde vem a palavra Messias. Esse título foi usado no contexto judaico para se referir a reis, sacerdotes e profetas que foram consagrados através da unção com óleo, simbolizando a escolha divina para uma missão específica. No Antigo Testamento, diversos personagens foram chamados de ungidos ( mashiach ), especialmente reis como Saul e Davi. A unção conferia legitimidade ao governante, indicando que ele havia sido escolhido por Deus. Exemplos incluem:

    1 Samuel 10:1 – Saul é ungido por Samuel: "Tomou Samuel um vaso de azeite, e lho derramou sobre a cabeça, e o beijou, e disse: Porventura não te ungiu o Senhor por príncipe sobre a sua herança?"

    1 Samuel 16:13 – Davi é ungido: "Então Samuel tomou o chifre do azeite e ungiu-o no meio de seus irmãos; e desde aquele dia o Espírito do Senhor se apoderou de Davi."

    Isaías 45:1 – Ciro, rei persa, é chamado de ungido: "Assim diz o Senhor ao seu ungido, a Ciro, a quem tomo pela mão direita..." (mesmo sendo um governante estrangeiro). [↑](#footnote-ref-96)
97. Flávio Josefo – Guerra dos Judeus – Livro 6, 5 – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/war-6.html [↑](#footnote-ref-97)
98. Fócio de Constantinopla – Biblioteca – 33 Justus de Tibiríades – URL: http://www.tertullian.org/fathers/photius\_03bibliotheca.htm [↑](#footnote-ref-98)
99. Flávio Josefo – Vida – Cap. 2 – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/autobiog.html (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-99)
100. Clemente de Alexandria – O Stromata – Livro 4, 1 – URL: https://www.newadvent.org/fathers/ [↑](#footnote-ref-100)
101. Irineu de Lyon – Contra as Heresias – Livro 3, 12 – URL: https://www.newadvent.org/fathers/ [↑](#footnote-ref-101)
102. Eusébio de Cesaréia – Demonstração do Evangelho – Livro 2, 1 – URL: https://www.tertullian.org/fathers/eusebius\_de\_04\_book2.htm [↑](#footnote-ref-102)
103. Eusébio de Cesaréia – Teofânia – Livro 5, 44 – URL: https://www.tertullian.org/fathers/eusebius\_theophania\_06book5.htm [↑](#footnote-ref-103)
104. Eusébio de Cesaréia – Histórias Eclesiásticas – Livro 2, 23 – URL: http://www.newadvent.org/fathers/250110.htm [↑](#footnote-ref-104)
105. Hegésipo – Fragmentos de seus cinco livros de comentários sobre os Atos da Igreja – URL: https://www.tertullian.org/fathers2/ANF-08/anf08-165.htm [↑](#footnote-ref-105)
106. ASLAN, Reza – Zelota: A vida e a época de Jesus de Nazaré – Zahar – 2013 – p.47 [↑](#footnote-ref-106)
107. Flávio Josefo – Guerra dos Judeus – Prefácio – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/war-pref.html [↑](#footnote-ref-107)
108. Flávio Josefo – Guerra dos Judeus – Livro 3, 7 – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/war-3.html [↑](#footnote-ref-108)
109. Flávio Josefo – Guerra dos Judeus – Livro 2, 18 – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/war-2.html [↑](#footnote-ref-109)
110. Flávio Josefo – Vida – Cap. 12 – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/autobiog.html [↑](#footnote-ref-110)
111. Tácito – Histórias – Livro 5, 5 – URL: https://www.earlychristianwritings.com/text/histories.html [↑](#footnote-ref-111)
112. Flávio Josefo – Contra Apion 1 – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/apion-1.html [↑](#footnote-ref-112)
113. Flávio Josefo – Guerra dos Judeus – Livro 2, 13 – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/war-2.html [↑](#footnote-ref-113)
114. Flávio Josefo – Antiguidades Judaicas – Livro 18, 9 – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/ant-18.html [↑](#footnote-ref-114)
115. Flávio Josefo – Antiguidades Judaicas – Livro 18, 9 – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/ant-18.html [↑](#footnote-ref-115)
116. Flávio Josefo, – Guerra dos Judeus – Livro 7, 3 – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/war-7.html [↑](#footnote-ref-116)
117. Filon de Alexandria – Na Embaixada de Caio – 17 a 19 – URL: [↑](#footnote-ref-117)
118. Filon de Alexandria – Na Embaixada de Caio – Cap. 20 – URL: [↑](#footnote-ref-118)
119. GRANT, Michael – The Jews in the Roman World – Edição do Kindle – Weidenfeld & Nicolson – 2011 – p. 123 [↑](#footnote-ref-119)
120. Filon de Alexandria – Na Embaixada de Caio – Cap. 20 – URL: [↑](#footnote-ref-120)
121. Flávio Josefo – Antiguidades Judaicas Livro 19, 11 – URL: [↑](#footnote-ref-121)
122. MASON, Steve – Josephus and the New Testament – Hendrickson Publishers – 1992 – p. 169 [↑](#footnote-ref-122)
123. MASON, Steve – Josephus and the New Testament – Hendrickson Publishers – 1992 – p. 169 [↑](#footnote-ref-123)
124. CROSSAN, Jonh Dominic – O Jesus Histórico – Imago – 1994 – p.147 [↑](#footnote-ref-124)
125. Flávio Josefo – Antiguidades Judaicas – Livro 17, 10 – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/ant-17.html [↑](#footnote-ref-125)
126. Flávio Josefo – Antiguidades Judaicas – Livro 17, 10 – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/ant-17.html [↑](#footnote-ref-126)
127. Flávio Josefo – Antiguidades Judaicas – Livro 17, 10 – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/ant-17.html [↑](#footnote-ref-127)
128. Flávio Josefo – Antiguidades Judaicas – Livro 17, 10 – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/ant-17.html [↑](#footnote-ref-128)
129. Flávio Josefo – Antiguidades Judaicas – Livro 18, 5 – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/ant-18.html [↑](#footnote-ref-129)
130. Flávio Josefo – Antiguidades Judaicas – Livro 18, 4 – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/ant-18.html [↑](#footnote-ref-130)
131. Flávio Josefo – Antiguidades Judaicas – Livro 20, 5 – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/ant-20.html [↑](#footnote-ref-131)
132. Flávio Josefo – Antiguidades Judaicas – Livro 20, 8 – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/ant-20.html [↑](#footnote-ref-132)
133. Flávio Josefo – Guerra dos Judeus – Livro 6, 9 – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/war-6.html [↑](#footnote-ref-133)
134. Flávio Josefo – Guerra dos Judeus – Livro 7, 5 – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/war-7.html [↑](#footnote-ref-134)
135. Flávio Josefo – Antiguidades Judaicas – Livro 18, 3 – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/ant-18.html [↑](#footnote-ref-135)
136. DREWS Arthur – The Witnesses to the Historicity of Jesus – Chicago – Open Court Publishing Company – 1912 – pp. 8-9 [↑](#footnote-ref-136)
137. DREWS Arthur – The Witnesses to the Historicity of Jesus – Chicago – Open Court Publishing Company – 1912 – p 9 (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-137)
138. Flávio Josefo – Antiguidades Judaicas – Livro 18, 3 – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/ant-18.html [↑](#footnote-ref-138)
139. Flávio Josefo – Antiguidades Judaicas – Livro 18, 3 – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/ant-18.html [↑](#footnote-ref-139)
140. Flávio Josefo – Antiguidades Judaicas – Livro 18, 3 – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/ant-18.html [↑](#footnote-ref-140)
141. Flávio Josefo – Antiguidades Judaicas – Livro 18, 3 – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/ant-18.html [↑](#footnote-ref-141)
142. Flávio Josefo – Antiguidades Judaicas – Livro 18, 3 – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/ant-18.html [↑](#footnote-ref-142)
143. Flávio Josefo – Antiguidades Judaicas – Livro 18, 3 – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/ant-18.html [↑](#footnote-ref-143)
144. Sozomeno – História Eclesiástica – Livro 1, 1 – URL: https://www.newadvent.org/fathers/2602.htm (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-144)
145. Sobre o Testemunho Flaviano – URL: https://pt.wikipedia.org/wiki/Testimonium\_Flavianum [↑](#footnote-ref-145)
146. Carta de Mara, filho de Serapião – URL: https://en.wikisource.org/wiki/Ante-Nicene\_Fathers/Volume\_VIII/Memoirs\_of\_Edessa\_And\_Other\_Ancient\_Syriac\_Documents/A\_Letter\_of\_Mara,\_Son\_of\_Serapion [↑](#footnote-ref-146)
147. PRICE, Randall; WAYNE House, H. – Manual de arqueologia bíblica Thomas Nelson (Portuguese Edition) – Thomas Nelson Brasil – Edição do Kindle – 2020 – p. 559 [↑](#footnote-ref-147)
148. Flávio Josefo – Guerra dos Judeus – Livro 2, 9 – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/war-2.html (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-148)
149. Flávio Josefo – Guerra dos Judeus – Livro 2, 9 – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/war-2.html [↑](#footnote-ref-149)
150. Flávio Josefo – Antiguidades Judaicas – Livro 18, 4 – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/ant-18.html [↑](#footnote-ref-150)
151. Filon de Alexandria – Na Embaixada de Gaio – Livro 38, 299–305 – http://www.earlychristianwritings.com/yonge/book38.html (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-151)
152. Filon de Alexandria – Na Embaixada de Gaio – Livro 38, 302–303 – http://www.earlychristianwritings.com/yonge/book38.html (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-152)
153. COHN, Haim Hermann – The Trial and Death of Jesus – Ktav Pub & Distributors Inc – 1980 – p. 84 [↑](#footnote-ref-153)
154. COHN, Haim Hermann – The Trial and Death of Jesus – Ktav Pub & Distributors Inc – 1980 – p. 349 [↑](#footnote-ref-154)
155. STEIN, Robert H. – Marcos: comentário exegético – Vida Nova – Edição do Kindle – 2022 – pp. 1246-1247 [↑](#footnote-ref-155)
156. ASLAN, Reza – Zelota, A vida e a época de Jesus de Nazaré – Zahar – 2013 – p. 167 [↑](#footnote-ref-156)
157. LANGE, Armin; Mayerhofer, Kerstin; Porat, Dina; Schiffman, Lawrence H. – Comprehending and Confronting Antisemitism: A Multi-Faceted Approach – de Gruyter – 2019 – pp. 300-301 [↑](#footnote-ref-157)
158. STEIN, Robert H. – Marcos: comentário exegético – Edições Vida Nova – 2022 – p. 1201 [↑](#footnote-ref-158)
159. JOÃO, Antonio Auggusto – Jesus e o poder do Império Romano – Clube de Autores – São Paulo – 2014 – p. 56 [↑](#footnote-ref-159)
160. OLSON, K A.  – Eusebius and the Testimonium Flavianum – The Catholic Biblical Quarterly; Washington Vol. 61, Ed. 2, (Apr 1999) – URL: https://www.jstor.org/stable/43723559 – p. 311 [↑](#footnote-ref-160)
161. Flávio Josefo – Guerra dos Judeus – Livro 2, 9 – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/war-2.html [↑](#footnote-ref-161)
162. Flávio Josefo – Antiguidades Judaicas – Livro 18,3 – URL: URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/ant-18.html [↑](#footnote-ref-162)
163. OLSON, K A.  – Eusebius and the Testimonium Flavianum – The Catholic Biblical Quarterly; Washington Vol. 61, Ed. 2, (Apr 1999) – URL: https://www.jstor.org/stable/43723559 – p. 311 [↑](#footnote-ref-163)
164. PAULA, José Carlos De – Inquisição Desmistificada, Vol. 1 – Clube do Livro – 2020 – p. 28 [↑](#footnote-ref-164)
165. STEIN, Robert H. – Marcos: comentário exegético – Edições Vida Nova – 2022 – p. 1201 [↑](#footnote-ref-165)
166. WINTER, Paul – Sobre o processo de Jesus – Imago – 1998 – pp. 159.183-185 [↑](#footnote-ref-166)
167. VEIGA, Edison – Paixão de Cristo: como foi a morte de Jesus, segundo a ciência – Abril 2021 – BBC News Brasil – https://www.bbc.com/portuguese/geral-56609774 [↑](#footnote-ref-167)
168. VEIGA, Edison – Paixão de Cristo: como foi a morte de Jesus, segundo a ciência – Abril 2021 – BBC News Brasil – https://www.bbc.com/portuguese/geral-56609774 [↑](#footnote-ref-168)
169. VEIGA, Edison – Paixão de Cristo: como foi a morte de Jesus, segundo a ciência – Abril 2021 – BBC News Brasil -https://www.bbc.com/portuguese/geral-56609774 [↑](#footnote-ref-169)
170. ROSA, Guilherme – O que a história tem a dizer sobre Jesus – 17 Dez. 2013 – https://veja.abril.com.br/ciencia/o-que-a-historia-tem-a-dizer-sobre-jesus [↑](#footnote-ref-170)
171. FITZGERALD, David – Nailed: Dez Mitos Cristãos que Mostram que Jesus Nunca Sequer Existiu – Edição do Kindle – 2017 – p. 37 [↑](#footnote-ref-171)
172. FITZGERALD, David – Nailed: Dez Mitos Cristãos que Mostram que Jesus Nunca Sequer Existiu – Edição do Kindle – 2017 – p. 76 [↑](#footnote-ref-172)
173. COHN, Haim – O Julgamento e a Morte de Jesus – Imago – 1994 – p. 40 [↑](#footnote-ref-173)
174. ASLAN, Reza – Zelota: A vida e a época de Jesus de Nazaré – Zahar – 2013 – p. 167 [↑](#footnote-ref-174)
175. ASLAN, Reza – Zelota, A vida e a época de Jesus de Nazaré – Zahar – 2013 – p. 168 [↑](#footnote-ref-175)
176. ASLAN, Reza – Zelota: A vida e a época de Jesus de Nazaré – Zahar – 2013 – p. 167 [↑](#footnote-ref-176)
177. ASLAN, Reza – Zelota: A vida e a época de Jesus de Nazaré – Zahar – 2013 – p. 169 [↑](#footnote-ref-177)
178. ALLEN, Nicholas Peter Legh – Christian Forgery in Jewish Antiquities: Josephus Interrupted – Cambridge Scholars Publishing – 2020 – pp. 103-104 [↑](#footnote-ref-178)
179. ALLEN, Nicholas Peter Legh – Christian Forgery in Jewish Antiquities: Josephus Interrupted – Cambridge Scholars Publishing – 2020 – pp. 103-104 [↑](#footnote-ref-179)
180. Flávio Josefo, – A Vida de Flávio ​​Josefo – 52 – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/autobiog.html (Tradução por IA) [↑](#footnote-ref-180)
181. Flávio Josefo – Antiguidades Judaicas – Livro 18, 5 – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/ant-18.html [↑](#footnote-ref-181)
182. Flávio Josefo – Guerra dos Judeus – Livro 4, 5 – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/war-4.html [↑](#footnote-ref-182)
183. Flávio Josefo – Antiguidades Judaicas – Livro 20, 8 – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/ant-20.html [↑](#footnote-ref-183)
184. Flávio Josefo – Antiguidades Judaicas – Livro 20, 5 – URL: https://penelope.uchicago.edu/josephus/ant-20.html [↑](#footnote-ref-184)